



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO LETRAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO**

**ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES
COM AUTISMO, PROFESSORES (AS) E RESPONSÁVEIS**

FABIANA SERBAI

**FOZ DO IGUAÇU/PR
2022**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO LETRAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

**ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES
COM AUTISMO, PROFESSORES (AS) E RESPONSÁVEIS**

FABIANA SERBAI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEn da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste – *Campus* de Foz do Iguaçu, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino. Linha de Pesquisa: Ensino em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof^a. Dra. Elis Maria T. Palma Priotto

FOZ DO IGUAÇU/PR
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

SERBAI, FABIANA
ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES
COM AUTISMO, PROFESSORES (AS) E RESPONSÁVEIS / FABIANA
SERBAI; orientadora Elis Maria Teixeira Palma Priotto. --
Foz do Iguaçu, 2022.
144 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Foz do Iguaçu) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2022.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Adolescente. 3.
Ensino. I. Priotto, Elis Maria Teixeira Palma, orient. II.
Título.

FABIANA SERBAI

ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES COM AUTISMO, PROFESSORES(AS) E RESPONSÁVEIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino, área de concentração Ciências, Linguagens, Tecnologias e Cultura, linha de pesquisa Ensino em Ciências e Matemática, APROVADA pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Elis Maria Teixeira Palma Priotto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)



Adriana Zilly

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)



Marta Angélica Iossi Silva

Universidade de São Paulo (USP)

Foz do Iguaçu, 3 de março de 2022.

*A todas as professoras e professores
que se dedicam a árdua tarefa de
ensinar.*

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Professora Doutora Elis Maria Teixeira Palma Priotto por aceitar o desafio desta pesquisa, pela pontualidade, planejamento e organização impecáveis, pelas repetidas leituras e apontamentos na busca do melhor, pelo incentivo às publicações e participações em eventos, pela minha inclusão no grupo de pesquisa Gepense e sem dúvida pela orientação afetuosa.

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná por abrir caminho para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de Educação e Ensino.

A Professora Doutora Adriana Zilly pelo aprendizado desde a disciplina de Tecnologias aplicadas ao ensino experimental de Ciências em 2020, no qual me mostrou os caminhos para a pesquisa acadêmica e instigou ainda mais o desejo pelo mestrado, pela sua participação e valiosa contribuição no meu exame de qualificação e banca de mestrado.

A Professora Doutora Marta Angelica Iossi Silva pelas contribuições durante a defesa desta dissertação e a Professora Mestre Ivanir Gomes da Silva pelas contribuições no exame de qualificação.

A direção do colégio que nos acolheu para pesquisa e aos participantes que se dispuseram a participar das entrevistas.

Aos meus pais por me despertarem o amor ao conhecimento e a curiosidade sobre o mundo, aos meus irmãos, irmã e primas pelo apoio e ao meu esposo Eduardo pela paciência nos momentos de ausência, pelo auxílio nos momentos de incerteza, pelo amor e incentivo ao longo desta jornada.

SERBAI, Fabiana. **Adolescência e puberdade na perspectiva de adolescentes com autismo, professores (as) e responsáveis.**2022. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná –Unioeste, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista afeta o desenvolvimento da criança e do adolescente causando prejuízos na comunicação e interação social. Estima-se que 1% da população mundial tenha este transtorno em algum nível. Na adolescência os autistas podem sofrer um declínio comportamental, apresentando rebaixamento de habilidades de linguagem e sociabilidade anteriormente aprendidas, podendo sentir dificuldades para se relacionar com os seus pares, iniciar conversas e executar as tarefas da vida diária. Diante disso, o presente estudo tem como **pergunta norteadora** como o adolescente com autismo, seus professores e responsáveis percebem a fase da puberdade na adolescência? **Objetivo:** conhecer como adolescentes com autismo, seus professores e responsáveis percebem as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade na adolescência. **Método:** realizou-se uma pesquisa de finalidade básica de abordagem qualitativa, descritiva, por meio de entrevista semiestruturada composta por 16 questões subjetivas, realizadas de forma presencial com representantes e adolescentes e *online* com professores e pedagoga. Foram entrevistados 12 participantes, quatro adolescentes com autismo, sendo dois sujeitos do sexo feminino e dois do sexo masculino, quatro professores, uma professora de Ciências, um professor de Biologia, uma Pedagoga, uma técnica de Apoio Especializado e quatro responsáveis. Os participantes são oriundos de um colégio estadual do município de Foz do Iguaçu-PR. Para a análise dos dados utilizou-se da análise do discurso do sujeito coletivo e da análise descritiva. A construção do material informativo se deu a partir das necessidades percebidas por meio das entrevistas e foi elaborado na plataforma Canva. **Resultados:** por meio da análise descritiva, pode-se perceber que os adolescentes com autismo não se veem como sujeitos diferentes dos demais, que se sentem incluídos na sociedade, apesar de terem poucos amigos e possuem conhecimentos sobre adolescência e puberdade. Foi possível notar que as responsáveis entrevistadas sentem preocupações em relação ao futuro de seus filhos e filhas e que a puberdade e adolescência estão sendo fases desafiadoras para elas. Os professores percebem que seus alunos e alunas adolescentes, com autismo, possuem algumas características diferentes dos demais adolescentes, quanto ao interesse por “ficar” e namorar e sentem dificuldade no trabalho com este público. A análise do discurso do sujeito coletivo revelou quatro categorias de respostas: ênfase nos aspectos físicos e biológicos; ênfase nos aspectos comportamentais e psicológicos; ênfase nos aspectos sociais, e ênfase nos aspectos da sexualidade. **Considerações finais:** O estudo permitiu compreender como adolescentes, responsáveis e professores/as percebem a fase da adolescência e da puberdade em adolescentes com autismo, a conhecer como os adolescentes constroem os conhecimentos sobre estas fases. Percebeu-se que não há homogeneidade na compreensão dos conhecimentos, porém, todos conseguiram expressar o que sabem sobre os assuntos verificados. Constatou-se, ainda, que conseguem identificar as

orientações recebidas sobre o tema e a produzir um material informativo de fácil acesso, a fim de mostrar que estes sujeitos passam pelas mesmas fases e desafios da puberdade e da adolescência, da mesma forma que os demais adolescentes e promover a inclusão e integração de pessoas com autismo na sociedade.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Adolescente; Puberdade; Ensino.

SERBAI, Fabiana. **Adolescence and puberty from the perspective of adolescents with autism, teachers and parents.** 2022. 140 f. Dissertation (Master in Teaching), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR, 2021.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder affects the development of children and adolescents causing impairments in communication and social interaction. It is estimated that 1% of the world population has this disorder at some level. In adolescence, autistic people may suffer a behavioral decline, presenting a lowering of previously learned language and sociability skills, and may experience difficulties in relating to their peers, initiating conversations and performing tasks of daily living. In view of this, the present study has as a **guiding question** how do adolescents with autism, their teachers and parents perceive the puberty phase in adolescence? **Objective:** to know how adolescents with autism, their teachers and parents perceive the physical and behavioral changes resulting from puberty in adolescence. **Method:** a basic purpose research was carried out with a qualitative, descriptive approach, through a semi-structured interview composed of 16 subjective questions, carried out in person with representatives and adolescents and online with teachers and pedagogue. Twelve participants were interviewed, four adolescents with autism, two female and two male, four teachers, a Science teacher, a Biology teacher, a Pedagogue, a Specialized Support technician and four parents. The participants come from a state school in the city of Foz do Iguaçu-PR. For data analysis, we used collective subject discourse analysis and descriptive analysis. The construction of the informative material was based on the needs perceived through the interviews and was prepared on the Canva platform. **Results:** through descriptive analysis, it can be seen that adolescents with autism do not see themselves as different subjects from others, who feel included in society, despite having few friends and having knowledge about adolescence and puberty. It was possible to notice that the parents interviewed feel concerns about the future of their sons and daughters and that puberty and adolescence are being challenging phases for them. Teachers realize that their adolescent students with autism have some characteristics that are different from other adolescents, in terms of their interest in dating, and they experience difficulty in working with this audience. The analysis of the collective subject discourse revealed four categories of responses: emphasis on physical and biological aspects; emphasis on behavioral and psychological aspects; emphasis on social aspects, and emphasis on sexuality aspects. **Final considerations:** The study allowed us to understand how adolescents, parents and teachers perceive the phase of adolescence and puberty in adolescents with autism, to know how adolescents build knowledge about these phases. It was noticed that there is no homogeneity in the understanding of knowledge, however, all were able to express what they know about the verified subjects. It was also found that they are able to identify the guidelines received on the subject and to produce easily accessible information material, in order to show that these subjects go through the same phases and challenges of puberty and adolescence, in the same way as the others. adolescents and promote the inclusion and integration of people with autism in

society.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Adolescent; Puberty; Teaching.

SERBAI, Fabiana. **Adolescencia y pubertad desde la perspectiva de adolescentes con autismo, docentes y tutores**. 2022. 140 p. Disertación (Maestría en Educación), Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguaçu - PR, 2022.

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista afecta el desarrollo de niños y adolescentes provocando alteraciones en la comunicación y la interacción social. Se estima que el 1% de la población mundial tiene este trastorno en algún nivel. En la adolescencia, las personas autistas pueden sufrir un declive conductual, presentando una disminución de las habilidades lingüísticas y de sociabilidad previamente aprendidas, y pueden experimentar dificultades para relacionarse con sus iguales, iniciar conversaciones y realizar tareas de la vida diaria. Frente a ello, el presente estudio tiene como **pregunta orientadora** ¿Cómo perciben los adolescentes con autismo, sus profesores y tutores la fase de la pubertad en la adolescencia? **Objetivo:** conocer cómo los adolescentes con autismo, sus profesores y tutores perciben los cambios físicos y conductuales derivados de la pubertad en la adolescencia. **Método:** se realizó una investigación de propósito básico con enfoque cualitativo, descriptivo, a través de una entrevista semiestructurada compuesta por 16 preguntas subjetivas, realizada de manera presencial con representantes y adolescentes y en línea con docentes y pedagogo. Fueron entrevistados doce participantes, cuatro adolescentes con autismo, dos mujeres y dos hombres, cuatro profesores, un profesor de Ciencias, un profesor de Biología, un Pedagogo, un Técnico de Apoyo Especializado y cuatro tutores. Los participantes provienen de una escuela pública de la ciudad de Foz do Iguaçu-PR. Para el análisis de los datos, utilizamos el análisis del discurso del sujeto colectivo y el análisis descriptivo. La construcción del material informativo se basó en las necesidades percibidas a través de las entrevistas y fue elaborado en la plataforma Canva. **Resultados:** a través del análisis descriptivo, se puede observar que los adolescentes con autismo no se ven a sí mismos como sujetos diferentes a los demás, que se sienten incluidos en la sociedad, a pesar de tener pocos amigos y tener conocimientos sobre la adolescencia y la pubertad. Fue posible notar que los tutores entrevistados sienten preocupación por el futuro de sus hijos e hijas y que la pubertad y la adolescencia están siendo etapas desafiantes para ellos. Los docentes se dan cuenta de que sus alumnos adolescentes con autismo tienen algunas características que los diferencian de otros adolescentes, en cuanto a su interés por “quedarse” y tener citas, y experimentan dificultad para trabajar con este público. El análisis del discurso del sujeto colectivo reveló cuatro categorías de respuestas: énfasis en los aspectos físicos y biológicos; énfasis en los aspectos conductuales y psicológicos; énfasis en los aspectos sociales, y énfasis en los aspectos de la sexualidad. **Consideraciones finales:** El estudio permitió comprender cómo los adolescentes, tutores y docentes perciben la fase de la adolescencia y la pubertad en adolescentes con autismo, para saber cómo los adolescentes construyen conocimientos sobre estas fases. Se percibió que no existe homogeneidad en la comprensión del conocimiento, sin embargo, todos lograron expresar lo que saben sobre los sujetos verificados. También se constató que son capaces de identificar las orientaciones recibidas sobre el tema

y producir material informativo de fácil acceso, con el fin de mostrar que estos sujetos pasan por las mismas fases y desafíos de la pubertad y la adolescencia, al igual que los demás adolescentes y promover la inclusión e integración de las personas con autismo en la sociedad.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; Adolescente; Pubertad; Enseñanza.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AC - Ancoragens
- AEE - Atendimento Educacional Especializado
- CEP - Conselho de ética em pesquisa
- DSC - Discurso do Sujeito Coletivo
- DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
- ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
- E-Ch - Expressões – chave
- IC - Ideias centrais
- OMS - Organização Mundial de Saúde
- PAEE - Professor de Apoio Educacional Especializado
- RS - Representação Social
- SRM - Sala de Recursos Multifuncional
- TA - Termo de assentimento
- TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido
- TDA - Transtorno do déficit de atenção
- TDAH - Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade
- TEA - Transtorno do espectro autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	OBJETIVOS	20
2.1	Objetivo Geral.....	20
2.2	Objetivos específicos.....	20
3	REFERENCIAL TEÓRICO	21
3.1	A Psicologia Histórico-cultural e o autismo.....	21
3.2	O ensino inclusivo de pessoas com autismo	24
3.3	Adolescência, puberdade e o autismo.....	28
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
4.1	Delineamento	35
4.2	Cenário da pesquisa.....	35
4.3	Participantes.....	36
4.4	Critérios de inclusão e exclusão	36
4.5	Coleta de Dados.....	37
4.6	Teste Piloto.....	38
4.7	Análise dos dados	39
4.8	Critérios éticos.....	40
4.9	Produção do material informativo	40
5	RESULTADOS	42
5.1	Caracterização dos participantes	42
5.2	Análise descritiva.....	48
5.3	Análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) sobre adolescência e puberdade	76
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
	REFERÊNCIAS	87
	APÊNDICE A – Entrevista com o/a responsável pelo adolescente com autismo.....	93
	APÊNDICE B - Entrevista com o professor do/da adolescente com autismo.....	94
	APÊNDICE C - Entrevista com o adolescente com autismo	95
	APÊNDICE D – Respostas da entrevista com os/as adolescentes com autismo.....	96
	APÊNDICE E – Respostas da entrevista com as responsáveis pelos adolescentes com autismo	102

APÊNDICE F – Respostas da entrevista com os/as professores/as	117
APÊNDICE G – Infográfico sobre Puberdade, Adolescência e Autismo	135
ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP	136
ANEXO 2 – Termo de concordância do NRE para a unidade cedente	139
ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	140
ANEXO 4 - Termo de Assentimento – TA	143

1 INTRODUÇÃO

A palavra autismo, no sentido semântico do termo, significa “de si mesmo” derivando da palavra grega *autós*, tendo sido, inicialmente, empregada pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, no ano de 1908, para identificar pessoas com esquizofrenia. Em meados da década de 1940, o psiquiatra austríaco Leo Kanner, utilizou o termo “autismo” para identificar crianças com dificuldades em manter relacionamento interpessoal e que apresentavam atrasos no desenvolvimento, o que era, até então, denominada de “demência precoce” pelo psiquiatra alemão Emil Krapelin (TCHUMAN; RAPIN, 2009; TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016).

O psiquiatra e pesquisador austríaco Hans Asperger, na década de 1940, ao estudar crianças autistas, notou que o transtorno ocorria predominantemente em meninos e que estes tinham em comum falta de empatia, pouco interesse social, movimentos descoordenados e interesses restritos (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016).

Os dados de prevalência de crianças diagnosticadas com autismo foram levantados pela primeira vez em um estudo epidemiológico realizado no condado de *Middlesex*, em Londres, pelo pesquisador Victor Lotter em 1966. Neste levantamento foram observadas todas as crianças com idade de 8 a 10 anos, revelando que a prevalência de crianças autistas era de 4,5 em 10.000 para a população avaliada (BERMÚDEZ; SÁNCHEZ, 2013, KLIN, 2006; MAENNER *et al.* 2016).

Contudo, o autismo foi acrescentado ao “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)” apenas na década de 1980, em sua terceira edição, 40 anos após as primeiras descrições. Nesta edição, a fim de compreender os transtornos do desenvolvimento, foi acrescentada a expressão “Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)”, por se referir aos distúrbios relacionados ao comportamento, neste caso, incluindo o autismo clássico (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016).

Atualmente, o Manual de Diagnósticos e Estatísticas dos Transtornos Mentais – DSM-5 (2013), descreve o autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a fusão dos transtornos autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento, por apresentarem características

semelhantes relacionadas a prejuízos na comunicação e interação social e exibirem padrões de comportamento restritivos e repetitivos.

Indivíduos com TEA, segundo o DSM-5 (2013), apresentam as características do transtorno muito cedo, durante o segundo ano de vida (12 a 24 meses), embora possam ser vistos antes dos 12 meses de idade, se os atrasos do desenvolvimento forem graves, ou percebidos após os 24 meses, se os sintomas forem mais sutis. A falta de exigência social pode ser um fator capaz de confundir o diagnóstico, por não permitir que as características comportamentais se desenvolvam de forma típica. No DSM-5 (2013) são descritos três tipos de classificação para o autismo quanto à gravidade dos sintomas: nível 1 - Exigindo apoio; nível 2 - Exigindo apoio substancial; e nível 3 - Exigindo apoio muito substancial.

Por meio dos avanços científicos e de descrições cada vez mais completas, entre outros fatores como maior aprofundamento sobre o tema, estudos mais criteriosos e dados fidedignos; modernização dos critérios de avaliação, com mais clareza sobre os sintomas; instrumentos de diagnóstico mais eficientes; detecção e investigação precoces; e maior sensibilização da sociedade sobre o tema, se obteve o aumento de diagnósticos de TEA na população (KLIN, 2006; SEVILLA; BERMÚDEZ; SÁNCHEZ 2013).

Para tentar elucidar as causas do TEA, os aspectos genéticos e ambientais se sobressaem nas pesquisas recentes. Contudo, ainda não se podem fazer afirmações sobre as causas deste transtorno e existe muito a se pesquisar sobre o tema. O que se sabe, de fato, é que existe uma predominância do TEA no sexo masculino, sendo a relação de cerca de 3,5 a 4,0 meninos para cada menina (MAENNER *et al.* 2016).

No Brasil, ainda há poucas pesquisas sobre a incidência do TEA na população, porém dados mundiais apontam que 1% da população pode ser autista em algum nível (CAMARGO; BOSA 2009; GOMES *et al.* 2015). Para Serbai e Priotto (2021), as pesquisas sobre puberdade e adolescência de adolescentes com autismo ainda precisam ser fortalecidas. Ao pesquisarem em bancos de dados sobre o tema, concluíram que o escopo das pesquisas está voltado a aspectos do comportamento, das habilidades de comunicação e da autonomia e ainda de forma pouco abrangente.

Dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná indicam que, atualmente, há o registro de 1.385 estudantes diagnosticados com autismo matriculados na rede pública de ensino, cursando entre os anos finais do ensino fundamental e ensino médio; isto significa que há um aumento de 47,5% se comparado ao ano de 2019, no qual havia 939 estudantes com autismo matriculados (PARANÁ, 2019). Estes alunos são, presumidamente, pré-adolescentes ou adolescentes por estarem matriculados no Ensino Fundamental e Médio do Estado.

Como há estimativas do número crescente de alunos autistas matriculados nos anos finais do ensino fundamental regular do Estado do Paraná (PARANÁ, 2019), é importante conhecermos as interpretações que estes fazem sobre o seu corpo e as mudanças típicas da fase da puberdade, para podermos ajudá-los na orientação e no seu desenvolvimento como seres plenos e integrados à sociedade. O aluno com autismo apresenta maiores dificuldades para a realização de certas tarefas por, muitas vezes, possuírem vivências e experiências sociais limitadas, situação que pode se agravar por episódios de abusos psicológicos e físicos ocasionados pela falta de habilidade em interagir dentro da escola (KLIN; MERCADANTE, 2006; OLIVEIRA *et al.* 2018).

Assim, são necessários recursos individualizados para o desenvolvimento de crianças e adolescentes autistas, pois quando adequadamente estimuladas, a longo prazo, conseguem atingir algum grau de autossuficiência quando adultos (HERVAS, 2012; KLIN, 2006).

Deste modo, se destaca a necessidade de um trabalho contínuo sobre o temaa adolescência e o adolescente para que se possa compreender o sujeito em sua integralidade e para o seu desenvolvimento como adulto. Ressalta-se que é na adolescência que a curiosidade sobre a sexualidade aflora intensamente, que as características sexuais secundárias se manifestam e as mudanças corporais setornam evidentes. As incertezas, os questionamentos e curiosidades são naturais desta fase (MAENNER *et al.*, 2016).

Conhecer os adolescentes com autismo, como pensam, do que gostam, comose comportam e constroem o conhecimento pode ser uma ferramenta útil para o desenvolvimento de políticas públicas de inclusão e integração destes sujeitos nos diversos ambientes sociais, que visem o respeito ao direito da pessoa com autismo. Contribuir para a construção de materiais didáticos

específicos que possam auxiliar na aprendizagem destes estudantes. Além de ser capaz de promover a aquisição de habilidades sociais, do desenvolvimento da autoestima, autoconhecimento, autonomia e responsabilidades como ser social e histórico. Os estudos sobre o tema autismo geralmente estão voltados às crianças menores, pesquisas aprofundadas sobre o público adolescente são escassas demonstrando a importância do presente projeto (SERBAI; PRIOTTO, 2021). O autismo afeta uma significativa parcela da população e apresenta diversos níveis, a heterogeneidade de manifestação sendo importante a análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) para compreensão das representações sociais dos adolescentes autistas, seus responsáveis e professores acerca deste tema.

Assim, este estudo poderá contribuir para se compreender como o adolescente com autismo percebe as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade e da adolescência, além de conhecer como os adolescentes com autismo enfrentam as mudanças decorrentes do desenvolvimento biológico, como construímos conhecimentos sobre este tema e relacionam ao seu próprio desenvolvimento e discutir como se dá este processo. Além de conhecer como os pais e professores percebem e enfrentam junto aos adolescentes autistas essa fase da vida. Deste modo, contribuindo a sociedade e ao desenvolvimento biopsicossocial e cultural do indivíduo. Dentro desta perspectiva, a pergunta norteadora deste estudo é: como o adolescente com autismo, seus responsáveis, professores de Ciências e/ou Biologia e pedagogas percebem a fase da puberdade na adolescência?

Ante à pergunta norteadora, apresentam-se três hipóteses: os adolescentes com TEA são identificados como sujeitos que sofrem para passar a puberdade; o adolescente com TEA, do sexo masculino, entende com mais facilidade as mudanças físicas e comportamentais do que a adolescente do sexo feminino; e os adolescentes com autismo, seus pais e professores possuem formas diferentes de compreender esta fase do desenvolvimento humano e de interpretar as situações comuns da puberdade na adolescência.

Para tanto, este estudo objetivou investigar como adolescentes com autismo, seus responsáveis e professores, percebem, enfrentam e/ou interpretam as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade na adolescência.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Interpretar a percepção de adolescentes com autismo, professores e responsáveis, quanto às mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade na adolescência.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer como estes adolescentes constroem os conhecimentos sobre puberdade e adolescência e como relacionam ao seu próprio desenvolvimento e crescimento.
- Verificar a percepção dos adolescentes, dos responsáveis e professores sobre a adolescência no período da puberdade.
- Identificar se os adolescentes receberam orientações sobre a fase da puberdade na adolescência.
- Elaborar um material educativo sobre adolescência em autistas para professores, responsáveis e demais interessados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa apresenta como eixo temático a perspectiva de pais, professores e adolescentes com TEA sua percepção sobre a adolescência e a puberdade.

Para compreensão deste tema, discutem-se, inicialmente, as contribuições de Vygotsky sobre a educação especial inclusiva, como referência a esta temática, por promover discussões sobre a aquisição da linguagem e o desenvolvimento da aprendizagem, por ter sido entusiasta ao ensino de crianças com deficiência.

Neste sentido, abordam-se o ensino inclusivo e as leis que embasam a estrutura educacional para pessoas com deficiência. A educação, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, Art. 205, é um dever do Estado e da Família, deve ser promovida e incentivada pela sociedade para o desenvolvimento e preparo da pessoa para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Quanto à adolescência e à puberdade, destacamos que são fases que se complementam. Na adolescência desenvolvem-se características psicológicas e comportamentais, enquanto na puberdade se desenvolvem os aspectos biológicos. Sobre os adolescentes com TEA, discute-se como podem sofrer declínio comportamental ao entrar nesta fase e como podem ser subjugados ao longo do seu desenvolvimento por suas limitações em relação a comunicação e sociabilidade.

3.1 A Psicologia Histórico-cultural e o autismo

A Psicologia Histórico-cultural apresenta, como base epistemológica, o materialismo histórico-dialético de Marx, que tem, como princípio, a ideia de que o ser humano só se define como tal por meio da interação com outros seres humanos. É uma abordagem da Psicologia contemporânea e educacional, inaugurada por Lev Semyonovich Vygotsky¹(1896 – 1934). Atualmente, existem

¹ Devido as diferenças entre o alfabeto cirílico e o alfabeto latino o sobrenome Vygotsky pode aparecer com diferentes grafias (Vygotski, Vygotskii, *Vigotskij*), para esta dissertação de mestrado se utilizará a grafia Vygotsky por aparecer desta forma na maioria das pesquisas analisadas.

diversas nomenclaturas para esta abordagem, como sócio-construtivismo, sócio-interacionismo e sócio-histórica, por sua intensa relação entre o ser humano, a cultura, a história e a sociedade e a interpretação da teoria.

Vygotsky foi um pesquisador soviético, nascido na Bielo-Rússia, em uma família judia; teve uma vida confortável e a possibilidade de desenvolvimento acadêmico. Presenciou a revolução comunista e teve nela a base epistemológica para os seus estudos. Acreditava que os seres humanos apresentavam o desenvolvimento psicológico por meio de fatores sociais, históricos e culturais, além dos fatores biológicos. Os pesquisadores A. R. Luria e A. N. Leontiev se uniram a Vygotsky, tornando-se seus discípulos e colaboradores, formando a *troika* que desenvolveria uma abordagem da Psicologia baseada na metodologia científica e na essência marxista de que o ser humano é produto de uma organização política, social e econômica e que seu desenvolvimento intelectual e psicológico está diretamente associado a esta organização (VYGOTSKY, 1991).

Neste sentido, Vygotsky e seus colaboradores, se dedicaram ao estudo das funções psicológicas superiores, que segundo os autores, é o mecanismo mais complexo e sofisticado do desenvolvimento humano e se dá por meio da interação entre seres humanos. Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre pelas relações que estabelecemos com outros seres humanos e com o meio. É no meio social que se aprende, sendo necessário duas ou mais pessoas para que ocorra a interação e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois é nessa relação que serão geradas novas experiências e, com isso, a aquisição do conhecimento.

A capacidade de pensar de forma abstrata, seria o marco diferencial entre os seres humanos e os outros animais. Neste processo, a mediação é um conceito fundamental apresentado por Vygotsky, pois as relações não são diretas e, sim, mediadas por instrumentos psicológicos (signos) (VYGOTSKY, 1991).

Os signos são elementos utilizados pelo ser humano na esfera psicológica, querepresentam objetos, expressões, eventos ou situações e são utilizados para ativar memórias, atenção e ampliam a capacidade para planejamento de uma ação. De acordo com Oliveira (1993), os signos podem representar elementos da realizada quenão estão disponíveis no momento. Por exemplo, a palavra caneta é um signo que representa o objeto caneta; o ícone de um aplicativo de celular

é um signo que indica aquele aplicativo, mesmo ele não estando aberto e mostrando a sua funcionalidade.

Assim, os signos são processos psicológicos e não ações concretas e os instrumentos são os objetos concretos (VYGOTSKY, 1991).

Vygotsky demonstra que o uso dos signos vai sendo aprimorado ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Durante este processo, ocorre o processo de internalização, em que os marcos externos vão se transformando em processos internos de mediação. Assim, os signos se transformam em sistemas de representações da realidade socialmente dados por serem sistemas simbólicos compartilhados por membros de determinado grupo. Este fenômeno permite a comunicação entre os indivíduos, ocorrendo a formação da linguagem (VYGOTSKY, 2018)

Por meio da linguagem, os seres humanos conseguem se conectar uns aos outros sem necessitar de instrumentos concretos para se fazerem entender sobre determinado assunto. De acordo com Vygotsky (1991, p.60), a aquisição da linguagem para a criança se dá da seguinte forma:

A linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois, quando da conversão em fala interior, ela vem a organizar o pensamento da criança, ou seja, torna-se uma função mental interna.

A dificuldade da apropriação da linguagem é um dos aspectos que caracterizam o transtorno do espectro autista. Juillerat *et al.* (2015), ao estudarem a aquisição de repertório verbal em adolescentes com autismo, relacionando a apropriação de palavras abstratas-metafísicas e abstratas-epistêmicas, percebe que a compreensão de palavras abstratas-epistêmicas, como imaginação, certeza, entre outras, é mais difícil e lenta que a compreensão de palavras abstratas-metafísicas, como liberdade, critério, entre outras. A relação entre as dificuldades de habilidades sociais e comunicação estão intimamente relacionadas à interpretação e compreensão destas palavras.

Braga; Rossi (2007) destacam que alguns autores afirmam que pessoas com autismo dificilmente irão desenvolver funções psicológicas superiores, devido ao seu grau de comprometimento. Entretanto, analisa que, de acordo com Vygotsky (2018), o ser humano é capaz de se desenvolver, mesmo possuindo características biológicas desfavoráveis. Deste modo, Vygotsky (2018) e seus

colaboradores consideram o ser humano como ativo, histórico e social, no qual as relações sociais, históricas e culturais são determinantes para o seu desenvolvimento, sendo na atividade prática com outros sujeitos, é que os seres humanos desenvolvem suas funções psicológicas superiores (memória, atenção voluntária, imaginação, raciocínio, abstração).

De acordo com Vygotsky (2018), as crianças com deficiência intelectual seguem a mesma lei de desenvolvimento das crianças sem deficiência, e enfatiza que o desenvolvimento é particular e individual a cada criança. Vygotsky (2018) não nega os fatores biológicos, porém, salienta que eles, por si só, não nos tornam humanos. O que nos torna humanos são as nossas relações com outros humanos.

3.2 O ensino inclusivo de pessoas com autismo

A Constituição Brasileira de 1988, assegura o acesso à escola regular para pessoas com deficiência. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, corrobora esta premissa e estabelece no seu artigo 58:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1988).

Santos e Elias (2018) sinalizam para o fato de que essa legislação não deixava claro como deveriam se manter os espaços destinados à educação especial e que a Lei provocou interpretações equivocadas e a segregação dos alunos com necessidades especiais em instituições isoladas. A partir da publicação das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, em 2001, o termo “Educação Inclusiva” tornou-se oficial e a forma de compreensão e efetivação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) passou a se tornar prática com caráter complementar e suplementar ao Ensino Regular (ROSA, MATSUKURA, SQUASSONI, 2019).

A Conferência Mundial de Educação Especial de 1994, no qual se firmou o compromisso da “Educação para Todos”, por meio da Declaração de Salamanca, entende que a educação é um direito fundamental a toda criança, todas apresentam necessidades educacionais únicas e toda escola deve

oferecer programas de aprendizagem que supram as necessidades educacionais especiais de seus alunos, as escolas regulares inclusivas necessita promover a integração e a efetiva.

Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maiorias das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (UNESCO, 1994).

Assim, educação inclusiva pode ser entendida como aquela realizada em escolas que garantem a participação dos alunos que necessitam de apoio educacional especializado, crianças e adolescentes com transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação ou deficiências, para sua plena participação em salas de aula comuns de escolas regulares (MENDES, 2017).

Sobre o AEE, o decreto nº 6.571, de setembro de 2008, amplia a oferta desta modalidade de ensino aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular (Brasil, 2008). De acordo com este decreto,

Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de; atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular (Brasil, 2008).

O decreto ainda estabelece a obrigatoriedade do Ministério da Educação em prover apoio técnico e financeiro ao atendimento educacional especializado e dispõe sobre as Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), declarando que são ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do AEE (Atendimento Educacional Especializado) (Brasil, 2008).

Em 2012, a Lei nº 12.764, estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, considerando indivíduos com TEA como pessoas com deficiência para efeitos legais, garantindo-lhes atendimento especializado (BRASIL, 2012; MASCOTTI *et al.* 2019; ROSA, MATSUKURA, SQUASSONI, 2019). Esta lei deixa claras as diretrizes da educação inclusiva, advertindo que o atendimento ao aluno com

TEA seja realizado preferencialmente na escola regular e em sala comum. Aponta para a importância dos profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem estarem qualificados para atender esta população e sensibilizados quanto as particularidades do transtorno para proporcionar de forma adequada a inclusão destes alunos ((BRASIL, 2012; MASCOTTI *et al.* 2019; SANTOS; ELIAS, 2018).

A inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista, tornou-se um tema de interesse dos estudiosos sobre educação e ensino, fazendo parte dos principais assuntos debatidos nas universidades, eventos, instituições escolares e sociais, a fim de se buscar respostas e soluções para as barreiras que impedem o processo de inclusão destes sujeitos e daqueles com deficiências e altas habilidades e superdotação no ambiente escolar (BENINI, CASTANHA, 2016; PAULON, 2005; TCHUMAN; RAPIN, 2009).

Segundo Benini e Castanha (2016, n.p.) os profissionais da educação ainda apresentam dificuldades em compreender o que é o autismo,

[...] o Autismo é uma condição pouco conhecida entre os profissionais da escola e que na implementação de processos inclusivos muitos obstáculos são percebidos, sobretudo a insuficiência de um atendimento educacional apropriado as suas necessidades. Se perguntarmos a muitos professores que atuam em escolas inclusivas poucos saberão definir com exatidão aspectos e características, preferindo tomar para si um discurso equivocado e obscurecido que seja o Autismo.

De acordo com Magalhães *et al.* (2017), os professores têm opiniões divididas quando se trata da inclusão escolar, justificando que os mesmos se consideram despreparados para a ação pedagógica, quando se trata de alunos que necessitam de atendimento especializado. A autora assegura que, ao se falar sobre o Transtorno do Espectro Autista, o setor pedagógico se mostra inapto para realizar a inclusão, visto que estes alunos necessitam de adaptações de atividades, do currículo, do trabalho docente e da rotina, e estes obstáculos tornam-se recorrentes na vida escolar de alunos e professores.

Magalhães *et al.* (2017) afirmam que as crianças com TEA não aprendem de forma eficiente e que as escolas ainda seguem, exclusivamente, os métodos tradicionais de ensino. Os alunos com autismo aprendem de forma singular e diferenciada das outras crianças.

Paulon (2005) esclarece ser importante romper com o ensino tradicional, pois a inclusão de alunos com demandas específicas altera o cotidiano escolar e exige um novo olhar sobre o processo pedagógico e um constante repensar sobre a práxis educacional. A formação continuada sobre a educação inclusiva é fundamental para a atualização dos docentes e se constitui como uma das maiores dificuldades da atuação em sala de aula (MAGALHÃES et al. 2017).

A prioridade da escola deve ser proporcionar atividades e suportes adequados para despertar o interesse desses alunos. De acordo com Mascotti *et al.* (2019), o acompanhamento de pessoas com TEA requer a elaboração de estratégias voltadas aos comportamentos e devem considerar a individualidade e as características de cada sujeito, visando impactar no seu desenvolvimento. É importante frisar que, conforme Magalhães *et al.* (2017), as características relacionadas às manias e às dificuldades cognitivas, de compreensão e decodificação das palavras, entre outras, como problemas relacionados à insônia, a problemas intestinais e agitação comportamental devem ser consideradas para organização de qualquer trabalho com indivíduos que apresentam o Transtorno do Espectro Autista.

A Lei nº 13.146, de julho de 2015, institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), para fins de incluir a pessoa com deficiência em condições de igualdade, liberdade e cidadania, estabelece no seu artigo 2º:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Estabelece, quanto ao direito à educação, o acesso ao ensino inclusivo em todos os níveis de aprendizagem, o aprimoramento dos sistemas educacionais para o desenvolvimento da aprendizagem. Assegura, ainda, a criação de projetos pedagógicos que garantam o pleno acesso ao currículo escolar, o desenvolvimento de pesquisas voltadas ao desenvolvimento de metodologias para o ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência, incentiva a formação e disponibiliza professores para o atendimento educacional especializado (BRASIL, 2015).

3.3 Adolescência, puberdade e o autismo

A etimologia da palavra “adolescência” faz referência a dois significados distintos: crescer e adoecer, em latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer) que significa crescer e *adolescere* que significa adoecer, enfermar. Neste sentido, a adolescência pode ser compreendida como uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por transformações físicas e psicológicas, marcadas por sofrimentos emocionais e alterações corporais significativas (OUTEIRAL, 1994; SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, SILVARES, 2010).

O marco biológico da adolescência é conhecido como puberdade, fase em que as características sexuais secundárias emergem e o corpo infantil dá lugar ao corpo jovem; se inicia entre os 9 e os 14 anos de idade. A palavra “puberdade” do latim *pubertates* significa idade fértil e a palavra *pubis*, significa pelo ou penugem (Brasil, 2018). Segundo Priotto (2008), a puberdade é um processo psicofisiológico ligado à maturação sexual.

A fase puberal é influenciada por fatores ambientais e genéticos e desencadeia modificações corporais significativas: aceleração e desaceleração de crescimento com desenvolvimento esquelético, muscular e redistribuição do tecido adiposo, reorganização neuroendócrina, eclosão hormonal e maturação sexual, de modo geral com o aumento das mamas, crescimento dos pelos pubianos e menarca (primeira menstruação), no sexo feminino, e, desenvolvimento do pênis, testículos e pelos pubianos com a semenarca (primeira ejaculação) no sexo masculino (Brasil, 2018; Priotto, 2008). A puberdade desencadeia a capacidade de fertilização e de reprodução e influenciam na dinâmica do adolescente, na sua imagem corporal, comportamento e humor.

Sobre isso, Priotto (2008) subdivide o desenvolvimento puberal em três fases: corporal, psíquico e social.

O primeiro se refere ao amadurecimento do sistema nervoso central, hipotálamo, hipófise, gônadas e cápsula suprarrenal, o que provoca maior produção dos hormônios sexuais, testosterona nos meninos e progesterona e estrogênio nas meninas, o que desencadeia as características sexuais secundárias.

A fase psíquica está relacionada ao luto que o adolescente passa do corpo infantil, que vai evoluindo para um corpo adulto e os conflitos em relação à aceitação deste novo corpo e a nova mente.

A puberdade social se refere à forma como o adolescente púbere reage às demandas sociais. A autora destaca que, nesta fase, eles estão com o ego voltado para si mesmos, que pouco se preocupam ou dão atenção à sua volta, mas que aos poucos voltam a se socializar e, se bem acolhidos pela família e comunidade, se fortalecem e aceitam com mais tranquilidade situações novas.

Andrade *et al.* (2018) afirmam que as mudanças comportamentais, ocorrentes na adolescência, podem ser explicadas pela maturação cerebral. O córtex cerebral amadurece ao longo do desenvolvimento infantil até aproximadamente 20-22 anos de idade. Esta área cerebral apresenta subdivisões e tem como funções gerais: estar relacionada à capacidade de autocontrole, ao redirecionamento da atenção e à reavaliação emocional. O desenvolvimento das regiões subcorticais, sobretudo do sistema límbico (tálamo, amígdala e hipocampo), no qual se dá o controle psicofisiológico das emoções também amadurece neste período.

Os autores demonstram que há diferenças entre a maturação cerebral de meninos e meninas. Nas meninas, a substância cinzenta atinge volumes maiores dois anos antes do que os meninos. O maior volume ocorre entre o final da infância e início da adolescência. Durante este processo até aproximadamente 20-22 anos de idade, o cérebro passa por um processo de reorganização e redução de volume com o refinamento de dendritos e sinapses.

Os comportamentos característicos da adolescência, como impulsividade, reatividade emocional e sensibilidade à influência de amigos, são reflexo do processo de maturação cerebral que ocorre de forma gradual, das estruturas mais internas (subcorticais) para as mais externas (corticais). Andrade *et al.* (2018) descrevem o modelo triádico sugerido por Monique Ernst para explicar o comportamento vulnerável e hábil demonstrados na fase adolescente. Neste modelo, as três áreas do cérebro, quais sejam, o córtex pré-frontal, amígdala e estriado, responsáveis, respectivamente, pelo controle comportamental, labilidade emocional e sistema de recompensas, buscam um equilíbrio a partir de fatores transitórios e inerentes. Assim, os autores explicam que:

Os fatores transitórios dizem respeito a mudanças bruscas de estímulo, como a ação de uma droga, mudança de um ambiente para outro (escola para casa), estado de humor etc. No caso dos fatores inerentes, eles incluem as características permanentes do indivíduo (temperamento, transtorno mental, experiências de vida, genética, idade etc.). Segundo a autora, existe um desequilíbrio natural entre os fatores transitórios e inerentes durante a adolescência, e este processo impactaria diretamente no sistema triádico, causando o aumento da ativação de neurônios das estruturas subcorticais (emoção) em detrimento do CPF (cognição) (ANDRADE *et al.* 2018, p. 66).

O desequilíbrio na integração entre as estruturas corticais e subcorticais, explicados por este modelo, explica o motivo pelos quais adolescentes se envolvem em comportamentos de risco, que podem levar ao desenvolvimento ou agravar transtornos mentais (ANDRADE *et al.* 2018).

Considerando o amadurecimento neurocerebral, a Organização Mundial de Saúde (OMS) compreende a adolescência como o período entre 10 e 19 anos de idade, referência utilizada também pelo Ministério da Saúde para a atenção básica dos adolescentes (BRASIL, 2018).

Nesta faixa etária se consideram as mudanças fisiológicas, comportamentais, psicológicas e sociais dos indivíduos. Não há como se estabelecer concepções homogêneas, pois as vivências particulares de cada sujeito e os aspectos econômicos, sociais e culturais configuram a dinâmica desta fase. O desenvolvimento da subjetividade do adolescente, junto às mudanças corporais, o aflorar da sexualidade e as novas ocupações, formarão o conjunto complexo que permeia todo este processo (MARTINS, GONTIJO, 2011).

A identidade de cada sujeito se molda ao longo da vida, mas é durante a adolescência que se evidenciam as características e preferências individuais quanto à sexualidade, crenças, desejos e objetivos. Ciampo e Ciampo (2010) salientam que a maneira como o adolescente percebe o seu próprio corpo está intimamente ligada à formação de sua identidade e autoestima. A satisfação corporal está relacionada à autoaceitação e ao desempenho emocional e social do indivíduo, enquanto a insatisfação com a própria imagem corporal desencadeia sentimentos e pensamentos negativos.

O início da adolescência tem sido considerado de relevante atenção para a formação da autoestima, sendo o momento em que os indivíduos sentem uma maior flutuação e vulnerabilidade em relação aos aspectos emocionais. Experiências estressantes e instabilidade emocional desafiam a autopercepção

do adolescente e esta diminuição de autoestima passa a ser sentida ao longo do seu desenvolvimento até a vida adulta. Para Rodríguez-Naranjo e Caño-González (2012, p. 390) a “diminuição quanto às flutuações na autoestima global que ocorre no início da adolescência, está conectada com experiências negativas significativas, como dificuldades acadêmicas ou perda de suporte dos pares”.

Durante a infância, os níveis de autoestima globais geralmente são altos. Com o início da puberdade e da adolescência, aparece uma forte diminuição e evidencia-se uma distância de autoestima entre gêneros. Percebe-se que o sexo masculino possui um nível de autoestima mais elevado do que o sexo feminino. A autoestima de adolescentes masculinos está relacionada a realizações pessoais em comparação com seus pares, enquanto os femininos se dão pela aprovação de pessoas significativas. De modo geral, uma autoestima mais saudável e elevada se dá quando o sujeito consegue satisfazer suas contingências de valor próprio e que a autoestima mais instável ocorre quando o adolescente vivencia insucessos e fracassos nas áreas da sua autoestima, que são consideradas de maior relevância (RODRÍGUEZ-NARANJO; CAÑO-GONZÁLEZ, 2012).

Na adolescência, os aspectos relacionados à autoestima se desenvolvem ao mesmo tempo que os aspectos físicos e cognitivos. Em linguagem popular, é o período conhecido como “aborrescência” (destaque nosso), por ser uma fase em que a criança que sempre parecia “feliz” (destaque nosso) e facilmente satisfeita, se torna mais “implicante” (destaque nosso) ou demonstra interesses e desinteresses específicos até então não demonstrados.

De acordo com Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvaes (2010), em 1430, na língua inglesa, a palavra *adolescence* foi utilizada pela primeira vez, fazendo referência a mulheres de 12 a 21 anos e a homens de 14 a 21 anos de idade, mas apenas em 1904 o termo ganhou notoriedade com a publicação do livro *Adolescence*, escrito por G. Stanley Hall, no qual é reestruturada a ideia de adolescência e o autor descreve esta fase, por meio do “modelo de turbulência e estresse”, como um período carregado de conflitos e alterações de humor fundamentalmente biológico (SANTROCK, 2014).

As pesquisas de Stanley Hall sofreram diversas críticas por sua ênfase estritamente biologicista com respeito à adolescência, porém abriram caminho

para novos olhares sobre o tema. A antropóloga Margaret Mead (1928) descreve que a adolescência vai para além da base biológica e se fundamenta também na esfera sociocultural. Concluiu que, sociedades que lidam com a transição entre a vida infantil para a adulta de forma mais suave, apresentam este período com menores conflitos (SANTROCK, 2014).

Para a visão intervencionista, as circunstâncias sócio-históricas forjaram a adolescência. Escola, trabalho e economia são os eixos que determinam o que é ser adolescente e, a partir da mecanização, novas habilidades foram exigidas dos trabalhadores e a escolarização passou a ser fundamental para introduzir os jovens na esfera econômica. Assim, os adolescentes passaram a frequentar a escola durante a maior parte do seu dia, e o trabalho para esta faixa etária passou a ser menos valorizado.

Apenas no século XX a adolescência se consolida como categoria social, de acordo com Moraes e Weimann (p. 290, 2020):

[...] devido ao prolongamento do tempo de escolarização e às mudanças no processo de entrada no mercado de trabalho – decorrentes do avanço da industrialização e ao crescimento das cidades –, houve um aumento no tempo de dependência dos jovens em relação à família [...] a sociedade passou a criar espaços de convivência exclusivos entre os jovens, como a escola ou movimentos organizados, o que acabou contribuindo para a concepção da adolescência como um grupo à parte.

Quando analisada a adolescência sob a ótica sócio histórica, percebe-se que a cultura e o desenvolvimento da sociedade influenciam no que é ser e como deve ser o adolescente. Neste sentido, o que nos torna humanos vai para além do que é biológico; é um processo interno, cultural, social e historicamente construído (SOUZA; SILVA, 2018)

O desenvolvimento da consciência e subjetividade enquanto ser social está intrinsecamente ligada a fatores relacionados ao contexto em que o sujeito vive, cresce e se organiza. Está dentro do seu momento histórico, recebendo influência da economia, da sociedade e da cultura que o permeiam (SOUZA; SILVA, 2018).

Quando se trata da adolescência de pessoas com deficiência, Bastos e Deslandes (2009) afirmam que não há diferença nos aspectos de desenvolvimento biológico entre os sujeitos com e sem deficiência. Porém, se

percebe que o desenvolvimento comportamental e psicossocial é mais lento ou inadequado.

A transição da infância para a vida adulta de pessoas com deficiência pode ser problemática ou simplesmente não ocorrer. O amadurecimento destes sujeitos, muitas vezes, é-lhes negado. A pessoa com deficiência permanece em condição de infantilização; a participação na comunidade é comprometida e o desenvolvimento da própria identidade é dificultado pela falta de interação social e, frequentemente, é julgado como um ser assexuado (BASTOS, DESLANDES, 2009; SAAD, 2016).

No que se refere a adolescentes com TEA, as dificuldades inerentes à fase da adolescência, podem se somar às inabilidades sociais decorrentes do transtorno. Assim, o adolescente com TEA pode sofrer com a exclusão social advinda do preconceito para com pessoas deficientes, da inabilidade da comunidade onde está inserido. em incluir a pessoa com TEA. Como consequência, pode não conseguir gozar, de forma plena, do processo de desenvolvimento psicossocial decorrente desta fase (SAAD, 2016).

Na adolescência, de acordo com Klin (2006), pessoas com autismo podem sofrer um declínio comportamental, apresentando rebaixamento de habilidades de linguagem e sociabilidade. Afirma que estes adolescentes podem apresentar sintomas de ansiedade e depressão relacionadas ao grau de consciência sobre si mesmos e de sua incapacidade de estabelecer amizades, iniciar conversas e interagir com os pares.

Entretanto, Hervas (2012) afirma que as características do autismo apresentam considerável melhora com o passar da idade. Porém, na adolescência, as dificuldades relacionadas às necessidades sociais, como comunicação, se tornam perceptíveis. A autora afirma que, para o adolescente com TEA as dificuldades de relacionamento entre os pares e com pessoas de seu interesse, são mais complexas ou praticamente impossíveis. As dificuldades de autonomia e no desenvolvimento psicoafetivo são somadas a demandas cada vez maiores do processo educacional e social.

A adolescência pode ser descrita por diferentes abordagens, porém, os fatores biológicos e socioculturais são determinantes. As tradições, o gênero, a escola e a religião podem proporcionar experiências diferentes para cada grupo

e, para os adolescentes com TEA, os desafios podem ser ainda maiores quando somados às dificuldades inerentes ao transtorno.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Delineamento

O projeto de pesquisa se situa conceitualmente como sendo de finalidade básica, com abordagem qualitativa, descritiva e com análise do discurso do sujeito coletivo (DSC). De acordo com Lefevre e Lefevre (2014, p. 503), o DSC é uma “metodologia de resgate da Representação Social (RS), caracterizada pelo fato de buscar reconstituir tais representações, preservando a sua dimensão individual articulada com a sua dimensão coletiva.” Assim, o DSC busca compreender, por meio do exame minucioso das falas dos sujeitos entrevistados, o que é comum e representa o pensamento da coletividade.

4.2 Cenário da pesquisa

Foz do Iguaçu possui aproximadamente 258.532 habitantes (IBGE, 2020). Situa-se no extremo oeste paranaense, fazendo divisa com a cidade de Santa Terezinha de Itaipu, *Ciudad del Este* (Paraguai) e *Puerto Iguazú* (Argentina), compondo a chamada tríplice fronteira. Foz do Iguaçu é uma cidade turística e recebe a influência de diversos grupos étnicos que nela vivem, como paraguaios, argentinos, chineses e árabes, e também migrantes provenientes de outras regiões do estado do Paraná e do Brasil, apresentando, assim, uma diversidade de costumes e culturas que se misturam.

A cidade de Foz do Iguaçu possui 30 escolas estaduais e em torno de 30.000 alunos matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A rede conveniada à educação especial conta com cinco escolas e em torno de 1000 alunos matriculados na modalidade de educação especial (PARANÁ, 2020).

O colégio escolhido teve como requisito ser mantido pelo Estado do Paraná, ser do ensino regular, em nível fundamental e médio. Foram contatados 12 colégios e escolhido o que apresentava maior número de estudantes de ambos os sexos com laudo compatível com o Transtorno do Espectro Autista. O colégio se situa em um bairro periférico do município de Foz do Iguaçu, apresentando um total de 1022 alunos matriculados no ano de 2020, divididos em três turnos: manhã e tarde com 13 turmas em cada turno e noite com 6

turmas. O colégio conta com duas professoras de apoio pedagógico: uma para o turno da manhã e outra para o turno da tarde; são 20 alunos matriculados na Sala de Recursos Multifuncional (SRM), de dois a três de cada sexo e quatro alunos (dois do sexo feminino e dois do sexo masculino), com laudo compatível com o Transtorno do Espectro Autista.

4.3 Participantes

Ao todo, foram entrevistados 12 participantes, sendo quatro adolescentes com laudo compatível com o Transtorno do Espectro Autista (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino) com idade entre 12 e 18 anos, de acordo com a Lei 8.069/1990 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que estabelece a faixa etária adolescente para os menores de 18 anos completos e maiores de 12 anos de idade (BRASIL, 1990), estudantes dos anos finais do ensino fundamental ou ensino médio de colégios estaduais do município de Foz do Iguaçu.

Foram também entrevistados: uma professora da disciplina de Ciências, um professor de Biologia, uma professora de apoio educacional especializado (PAEE) e um membro da equipe pedagógica (pedagoga), totalizando quatro professores.

Entrevistou-se ainda três mães genitoras e uma mãe não-genitora, responsáveis pelos adolescentes.

Os participantes foram selecionados a partir do contato com a escola. Esta fez a indicação dos alunos que estavam dentro dos critérios estabelecidos e que, possivelmente, os responsáveis poderiam ser consultados para participar. Os professores de Ciências e de Biologia foram selecionados por serem os responsáveis por trabalharem, no âmbito de suas respectivas disciplinas, os conteúdos referentes à reprodução humana, puberdade, adolescência e sexualidade, de acordo com a BNCC (2018). As professoras (PAEE) e a pedagoga, membro da equipe pedagógica, foram, também, entrevistadas.

4.4 Critérios de inclusão e exclusão

Como critérios de inclusão, foram selecionados os participantes com o laudo compatível com o transtorno do espectro autista, na faixa etária entre 12 e

18 anos e regularmente matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, de um colégio Estadual do município de Foz do Iguaçu-PR. Que houvesse um participante, membro da equipe pedagógica, que acompanha estes adolescentes durante o ano da coleta de dados.

4.5 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores, responsáveis e adolescentes com autismo. De acordo com Ribeiro (2008), a entrevista semiestruturada permite que o entrevistado possa discorrer livremente sobre os seus pensamentos, tendências, reflexões e emoções, a partir de um roteiro pré-determinado, o que aumenta a riqueza de dados e objetiva que os entrevistados possam expor de forma espontânea os seus pensamentos.

As entrevistas contaram com um quadro de informações gerais e um roteiro de 16 perguntas subjetivas sobre o tema puberdade e adolescência. O objetivo de cada entrevista é descrito a seguir:

- Entrevista com o responsável (APÊNDICE A) – teve como foco a percepção dos responsáveis sobre a puberdade e a adolescência do adolescente com autismo.
- Entrevista com os professores (APÊNDICE B) – focou na percepção dos(as) docentes a respeito da puberdade e adolescência do seu aluno(a) adolescente com autismo.
- Entrevista com os adolescentes autistas (APÊNDICE C) – foi focada na percepção que cada um tem sobre puberdade e a adolescência sendo um (uma) adolescente com autismo.

Para a execução das entrevistas foram necessários: gravador, notebook, caderno de anotações e canetas. A entrevista foi elaborada seguindo o formato semiestruturado. Não foram coletadas informações que pudessem identificar a instituição ou os participantes; os nomes verdadeiros foram trocados por fictícios escolhidos pelos próprios entrevistados.

Diante das limitações impostas pela COVID-19 e devido ao isolamento social, as entrevistas com os professores ocorreram em 2021, por meio de vídeo chamada ou videoconferência, *on-line*, no ambiente físico escolhido pelos

entrevistados, obedecendo à prevenção necessária solicitada pelo momento de pandemia, em horário e data previamente acordados com cada participante, pela plataforma *Google Meet*. Não ocorreram interferências externas ou problemas de conexão.

O primeiro contato com os entrevistados deu-se por meio da mediação da direção do colégio, que se dispôs a conversar com os responsáveis, para estimulá-los a participar da entrevista. Em seguida, a direção passou o contato dos responsáveis e iniciou-se a aproximação.

As entrevistas com os responsáveis e com os adolescentes foram presenciais, respeitando os protocolos de biossegurança, com vistas à prevenção da contaminação e propagação do vírus SARS-CoV-2. No ambiente escolar foi disponibilizada uma sala ampla e climatizada, com mesas a uma distância de 1,5m do entrevistado e sem interferências sonoras ou a presença de qualquer indivíduo estranho à entrevista. Cada entrevista ocorreu de forma individual.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora após a assinatura da autorização e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos maiores de 18 anos e do Termo de Assentimento (TA) pelos adolescentes menores de 18 anos. E teve como tempo médio de duração de uma hora.

Durante as entrevistas, com a expressa autorização dos participantes, se utilizou do aparelho de celular para gravar em áudio as respostas.

4.6 Teste Piloto

O teste piloto foi realizado em setembro de 2020, com o objetivo de descobrir pontos fracos e problemas em potencial para que fossem resolvidos antes da implementação da pesquisa e assegurar confiabilidade, viabilidade e fidedignidade à coleta definitiva (CANHOTA, 2008). Foram realizados três testes-piloto: primeiro, com a mãe de um estudante com autismo; em seguida, com uma pedagoga e, por fim, com a diretora da escola. Não foi necessária a inclusão de questões e todas foram bem compreendidas. As duas primeiras entrevistas-piloto foram realizadas de forma *on-line* e a entrevista com a diretora foi presencial. Neste estudo as entrevistas realizadas no teste-piloto não foram contabilizadas para os dados finais da pesquisa e, portanto, foram descartadas.

4.7 Análise dos dados

As entrevistas foram realizadas pelo celular e transferidas para um arquivo com senha, no computador, com a identificação de cada entrevistado por meio do nome fictício. As transcrições se deram pela utilização do programa de computador *VoiceMeeter*, para controle de saída do áudio da gravação das entrevistas, e pela ferramenta “digitação por voz” encontrada no *Google docs*, que auxiliou na digitação das falas dos participantes em um texto digital que, após cada cinco minutos corridos, foi sendo lido e o áudio ouvido para conferência da correspondência do que foi digitado com o que foi falado pelos participantes e redigitado quando necessário.

Após a transcrição, compilaram-se os dados em tabelas do Excel. Para além deste procedimento, a análise do discurso do sujeito coletivo (DCS) contou com a utilização do *software* Qualiquantisoft para a organização das ideias e suas correlações.

Aplicou-se análise qualitativa, com descrição dos dados obtidos para as questões 02 a 16, objetivando conhecer as perspectivas de três grupos de participantes: adolescentes com autismo, professores (as) e responsáveis sobre aspectos da puberdade e adolescência levantando suas opiniões, atitudes e crenças sobre estes temas.

Já, para a questão 01 foi realizada a análise do DSC. Entende-se que a metodologia do DSC propõe a reunião dos pensamentos expressos pelos sujeitos em um discurso único, redigido na primeira pessoa do singular, a partir da identificação de elementos pré-estabelecidos (CRUZ; ALMEIDA, 2017; OTENIO, 2014). Para tanto, as expressões abaixo definidas por Lefevre (2002) foram usadas neste trabalho com as siglas:

- Expressões – chave (E-Ch): identificação de trechos ou fragmentos do discurso que sintetizam a ideia ou essência do conteúdo das respostas.
- Ideias centrais (IC): categorização de sentidos e significados semelhantes ou complementares das E-Ch;
- Ancoragens (AC): identificação de expressões comuns ao coletivo que expressam uma dada ideologia ou teoria.

- Discurso do sujeito coletivo (DSC): construção do discurso único por meio da reunião das expressões – chave compatíveis e que possuem ideias centrais semelhantes ou complementares.

4.8 Critérios éticos

A pesquisa foi submetida à análise e à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná obtendo parecer favorável de número 4.374.544 obedecendo aos preceitos éticos preconizados pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) (ANEXO 1).

Para realização da pesquisa, a mesma passou pelo consentimento do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu, recebendo parecer favorável, de acordo com a resolução 466/2012 (CNS) e o Decreto 7037 de 2009, Termo de concordância do NRE para a unidade cedente (ANEXO 2).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de assentimento (TA) (ANEXOS 3 e 4, respectivamente) foi firmando entre cada participante respectivamente e a autora da presente pesquisa. Nestes documentos constam informações sobre o objetivo e o modo como irá prosseguir a pesquisa, solicitação para o preenchimento do instrumento de pesquisa e autorização por parte do participante para a divulgação dos dados, respeitando-se o anonimato do participante.

Os dados dos participantes foram omitidos e tomadas todas as medidas para que sua participação se mantenha anônima.

4.9 Produção do material informativo

O material informativo sobre adolescência, puberdade e autismo foi confeccionado na plataforma CANVA®. Para tanto, selecionou-se o *template* (modelo de arquivo visual) no formato infográfico estático, disponível na plataforma e editado com os recursos que a mesma dispõe.

Por meio das entrevistas foram selecionados os temas que poderiam ser de maior interesse ao público alvo do material informativo. No qual percebeu-se oportuno destacar o que é a puberdade, quais suas características e principais

mudanças desta fase. O que é adolescência, destacando-se as mudanças de comportamento e a faixa etária destacada pela OMS. Por fim, as principais características do Transtorno do espectro autista.

Com isto, foi produzido um texto com informações breves e adicionado nos espaços destinados a textos no *template* escolhido e realizadas as demais formatações necessárias, como o ajuste do formato e tamanho das letras, a busca de elementos visuais dentro da plataforma e figuras ilustrativas, que pudessem chamar atenção ao tema (APÊNDICE G). Para a oportunidade, foi escolhida a palavra “adolescente”, acompanhada de diversas imagens representativas e assim, escolhidas.

5 RESULTADOS

Inicia-se a explanação dos resultados com a caracterização geral dos entrevistados, seguida pela análise descritiva das questões 02 a 16 e, na sequência, com a questão de número um para a análise do DSC, por meio das respostas obtidas durante as entrevistas.

5.1 Caracterização dos participantes

Foram entrevistadas quatro responsáveis: três mães (genitoras) e uma mãe (não genitora) com idades entre 30 e 56 anos. Das responsáveis, três trabalham fora de casa e uma cuida dos afazeres domésticos e do filho como principal atividade.

Os dados sobre os adolescentes com autismo foram compilados em um quadro para melhor entendimento (Quadro 1). As informações foram mescladas do quadro de informação geral das responsáveis que participaram da pesquisa e das respostas dos próprios adolescentes no seu quadro geral. Os nomes utilizados são fictícios.

QUADRO 1: Caracterização dos entrevistados adolescentes com autismo. Foz do Iguaçu-PR, 2020/2021

Nome	Idade	Ano/série escolar	Diagnóstico	Acompanhamento especializado	Observação
Sabrina	17 anos	2º Série	Autismo, déficit de atenção e dislexia	neurologista, fonoaudióloga e terapeuta ocupacional	diagnosticada aos 15 anos
Henrique	16 nos	2º Série	Autismo (Asperger)	terapeuta ocupacional	diagnosticado aos 4 anos
Solária	14 anos	9º Ano	Autismo (Asperger), TDH	psicóloga, fonoaudióloga e terapeuta ocupacional	diagnostica aos 5 anos
João	15 anos	1º Série	Autismo (Asperger)	terapeuta ocupacional	diagnosticado aos 7 anos

Fonte: As autoras (2021).

Sabrina é uma adolescente de 17 anos, primogênita de dois irmãos. Estava utilizando vários acessórios para ornamentar a sua vestimenta (anéis, pulseiras, faixa no cabelo e brincos). Utilizava a máscara obrigatória para o momento e estava com um colar de identificação de pessoa com autismo. A mãe

acompanhou a adolescente até a escola e não participou do momento da entrevista.

A adolescente demonstrou interesse em participar da entrevista. Ao se apresentar, conversou de forma espontânea, sem precisar de estímulos para a continuação do assunto. Foi sugerido que ela escolhesse o seu nome fictício; escolheu “Sabrina”, por considerar um nome de pessoa aventureira. Disse não ter vergonha de ser entrevistada, mas que tem vergonha de dançar na frente dos outros.

Quanto aos dados gerais, demonstrou saber muito sobre si, porém, ficou confusa quanto ao diagnóstico. Não conseguiu entender a pergunta que se referia a este item e falou um pouco sobre si, sobre o que gosta de fazer e ler. Durante a entrevista respondeu todas as perguntas, porém, apresentou dificuldade em responder algumas questões, sendo necessário refazer as perguntas de diversas formas, mas se esforçou para responder tudo o que lhe foi perguntado.

A mãe de Sabrina, a Carla, se mostrou muito solícita desde o primeiro contato. Prontamente foi à escola para a entrevista, se emocionou ao falar sobre a filha e sobre a responsabilidade em cuidar de uma adolescente com autismo. Demonstrou grande preocupação no quesito higiene pessoal e sexualidade, pois afirma que a filha é muito infantilizada e não consegue distinguir realidade e fantasia. Preocupa-se com o futuro da filha e com a possibilidade de um dia não poder mais cuidar da mesma.

Durante a entrevista, Carla relatou ajudar na higiene da menina, sobre como a adolescente é isolada e sem amigos, que as amizades que diz ter são fantasias de sua cabeça. Se mostrou muito preocupada em relação à possibilidade de namoros e exposição. Sente que ser mãe de uma adolescente com autismo é uma grande responsabilidade e que é uma tarefa difícil.

Solária é uma adolescente de 14 anos, cursa o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo a primogênita de duas irmãs. A responsável não é mãe biológica da adolescente, mas é considerada pela adolescente como tal, pois é criada pela responsável desde os primeiros anos de vida. Iremos nos referir a ela como Laura. A mãe percebeu que a menina apresentava traços autistas desde os 2 anos de idade, mas o diagnóstico só foi confirmado aos 5 anos: TEA

– nível moderado, com déficit de atenção e suspeita de TDH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade).

Solária faz uso de medicamentos para ajudar a dormir, controlar os impulsos, evitar o desenvolvimento de comorbidades e para diminuir as estereotípias. Usa anticoncepcional para o controle do fluxo menstrual. Faz acompanhamento com psicóloga, terapeuta ocupacional, fonoaudióloga e aulas de contra baixo.

A adolescente foi entrevistada em casa. Ao chegar ao local da entrevista, constatou-se que a mãe e as duas filhas estavam presas dentro de casa. O pai havia saído para trabalhar e trancou a porta sem saber que a chave extra da casa estava em uma mesa do lado de fora.

A adolescente se interessa por conteúdos de Ciências (Química, Física e Biologia) e por *animes*. Gosta de criar as próprias histórias e fazer as ilustrações.

Durante a entrevista, Solária escolheu este nome por se referir a uma personagem que ela criou para suas histórias. Aparentava seriedade, porém, mostrou-se receptiva. Ao ser questionada sobre as informações gerais, respondeu com firmeza e assertividade. Sabia seu diagnóstico, mas não lembrava o nome dos medicamentos que tomava.

Quanto às perguntas específicas, Solária explicou o que é puberdade e adolescência, dizendo que se refere a uma fase biológica de mudanças corporais em que a criança vira adulto. Comentou sobre as mudanças corporais, disse pesquisar muitas coisas na internet sobre o assunto, mas a maioria das informações que possui, foram adquiridas por meio do diálogo com os pais. Afirmou que notou as mudanças físicas decorrentes da puberdade, o desenvolvimento dos seios e a menstruação.

Se sente incluída na sociedade e tem uma amiga íntima. Disse que atualmente, como são adolescentes, passarão a jogar mais jogos de tabuleiro e assistir filmes. Disse não fazer comparações com outros colegas sobre o que é ser adolescente, porque tem dificuldade em se colocar no lugar do outro. Para Solária, ser uma adolescente com autismo é difícil por sua distração. Por fim, disse ter adquirido medo de se tornar uma pessoa má, uma vilã, porque às vezes trata mal pessoas que gosta, mas sem ser proposital. Acrescentou que sempre pede desculpas depois.

Laura, a mãe de Solária, não é a genitora, mas mantém um vínculo materno com a adolescente desde que ela tinha dois anos de idade e, aparentemente, demonstrou ter uma relação de mãe e filha com a adolescente. Se preocupa muito com a fase em que ela está vivendo, pois percebeu que a adolescente regrediu em seu desenvolvimento quando entrou na puberdade. Tem mais uma filha de dois anos, típica. Laura tem muita preocupação com o desenvolvimento sexual da filha autista; disse que Solária, se desenvolve muito rápido e que o humor da menina oscila muito. Nem sempre é cooperativa em casa e sua higiene é precária; precisa solicitar inúmeras vezes para que a adolescente faça a sua higiene.

Laura afirmou conversar muito com Solária sobre sexo e sexualidade, pois percebe que a adolescente fantasia muitos romances, que lê muitos *animes*, que alguns possuem conteúdo sexual e que a adolescente já acessou vídeos pornográficos na internet.

Atualmente, disse controlar o conteúdo de suas leituras. Acredita que tinha uma visão romantizada sobre o autismo, pois quando Solária era criança era muito fácil de lidar, mas que na adolescência está sendo difícil. Se emocionou ao falar sobre as superações da adolescente ao longo do seu desenvolvimento e sobre como pode ser o seu futuro.

Outro adolescente entrevistado foi o Henrique, que tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, tem uma irmã de 14 anos e foi diagnosticado com TEA aos 4 anos de idade. Atualmente, faz acompanhamento com terapeuta ocupacional.

Não quis escolher o nome fictício. Este nome foi, então, escolhido pelas próprias pesquisadoras. Quanto às informações gerais, se confundiu quanto à própria idade e ano escolar. Hesitou em falar o seu diagnóstico, demonstrando incerteza na resposta.

Quanto à puberdade e à adolescência, explicou brevemente que é uma mudança física e na “mente”.

Henrique mostrou hesitação nas respostas, respondendo de forma pouco precisa na maior parte da entrevista, ou com respostas curtas, do tipo “sim”, “não”, “não sei”, “não tenho certeza”. Quanto às mudanças físicas, decorrentes da puberdade, refere ter notado que está ficando “mais peludo”.

Sobre se sentir incluído na escola e sociedade, disse ser neutro; disse apenas existir no mundo e que não tem amigos. Disse não se interessar em conhecer pessoas novas. Sente seu desenvolvimento como adolescente normal, mas em alguns aspectos subdesenvolvido, por não agir como os outros adolescentes, como sair junto com os amigos, fazer coisas junto. Disse que talvez gostasse de fazer essas coisas se quisesse, mas disse se sentir mais confortável em casa.

Ser um adolescente com autismo é normal, um estado neutro, sem sentir nada, nem feliz, nem triste, nem ansioso. Disse gostar de si mesmo.

Lucia é a mãe de Henrique. Se mostrou muito à vontade durante a entrevista, disse desconfiar que sua filha de 14 anos também é autista, por possuir alguns traços suspeitos. Para Lucia, a adolescência de Henrique está sendo muito tranquila. Frisou o interesse do adolescente em aprender línguas e que aprendeu a ler sozinho e ainda muito pequeno. Contou sobre as dificuldades no início escolar da criança e no diagnóstico, mas que estas dificuldades foram supridas pela escola pública, ambiente em que o adolescente melhor se desenvolveu. Se emocionou ao falar sobre o filho.

João é outro adolescente entrevistado, e está com 15 anos de idade, sendo filho único. Cursa o 1ª ano do ensino médio e foi diagnosticado como autista aos 7 anos de idade; fazia uso de medicamento, mas no início da adolescência parou de usar. Faz acompanhamento psicológico e canoagem o que o ajuda no desenvolvimento da coordenação motora.

O adolescente demonstrou interesse pela entrevista, teve algumas dificuldades para responder algumas questões e foi necessário perguntar de diferentes formas. Disse gostar muito de dinheiro, gostar de ser um adolescente, por estar mais forte e com músculos e também, mais inteligente. Para João, ter filhos e namorada é uma perda de dinheiro, pois mulher é uma “máquina de moer cartão de crédito”. Explicou que isso era uma metáfora. Ao se referir às crianças, disse que não gosta delas, porque são burras e gastam dinheiro e ele gosta muito de dinheiro. Disse ter amigos e ficar com eles durante o intervalo, contando piada, brincando de “mãe-ajuda” e jogando baralho.

O adolescente disse que quer ser cientista, estudar os astros ou talvez o cérebro; não tem interesse em namorar ou “ficar”, pois isso gasta muito dinheiro. Quanto ao relacionamento com os pais, disse que eles não são confiáveis,

porque pediu um tablet e eles não deram. O adolescente sente orgulho de sua barba e bigode e não pretende tirar. Suas músicas favoritas são do gênero *funk*.

Catarina é a mãe de João. O contato com ela foi difícil, pois estava com problemas no celular, tivemos vários contratempos para conseguir marcar a entrevista, pois a comunicação acabava falhando. Durante a entrevista, demonstrou estar tranquila e não se alongou nas declarações. Disse ter parado de trabalhar para poder cuidar exclusivamente do filho quando soube da sua condição autista, mas que gostaria de voltar a trabalhar agora que ele já um adolescente. Se emocionou ao final da entrevista, ao falar sobre o desenvolvimento do filho e por ele já estar grande e bem desenvolvido.

Os professores entrevistados, ao todo, foram quatro: um professor de Biologia e Ciências, uma professora PAEE e professora de SRMF, uma professora de Ciências, uma professora PAEE e membro da equipe pedagógica como pedagoga. O tempo de magistério variou entre 16 e 26 anos de experiência. Apenas as professoras PAEE têm formação específica em educação especial inclusiva e o tempo de acompanhamento dos alunos variou entre um e dois anos.

Professor Ricardo leciona a disciplina de Biologia e Ciências e se prontificou de imediato a participar da entrevista, pois disse ter ficado curioso sobre o tema; Afirma não ter cursos específicos sobre como lecionar para este público, mas que se esforça no trabalho com os adolescentes autistas.

Professora Ana leciona a disciplina de Ciências e, inicialmente, demonstrou hesitação, achando que não poderia contribuir com a pesquisa. Pensou que o tema não seria pertinente a ela, porém, durante a entrevista se tranquilizou e conseguiu explanar suas opiniões sobre o assunto, demonstrando grande preocupação com os alunos “especiais”.

Professora Bianca atua na de sala de recursos e PAEE. Afirmou ser um desafio trabalhar com adolescentes autistas e que no primeiro ano em que trabalhou com este público pensou em desistir, pois tinha dificuldade em fazer conexão com o aluno. No entanto, atualmente, percebe que é um desafio que vale a pena, que cada aluno com autismo é único e que isto é um desafio que a faz gostar do trabalho.

Professora Luiza é pedagoga, membro da equipe pedagógica da escola e PAEE de um adolescente com autismo no contraturno. Hesitou, inicialmente,

em participar da entrevista, mas acabou cedendo. Relatou sobre a dificuldade em ter um trabalho contínuo com os alunos autistas, pois a cada ano há troca de professores e não consegue ter o acompanhamento do aluno, ano a ano. Refere gostar muito de trabalhar com adolescentes e que o trabalho com alunos com necessidades especiais é desafiador, porém, recompensador ao se ver a evolução do aluno.

5.2 Análise descritiva

Por meio da análise descritiva das questões numeradas de 2 a 16, foi possível verificar as principais tendências de respostas dos participantes e conhecer os seus pontos de vista. Para tanto, as entrevistas foram divididas em três categorias de participantes, quais sejam, adolescentes com autismo, responsáveis e professores. Durante a entrevista foi necessária a intervenção por meio de colocações ou retomada das perguntas com o objetivo de obter as melhores respostas dos entrevistados.

Para melhor compreensão das respostas, estas foram compiladas em três quadros: Quadro n. 2 – Entrevista com os (as) adolescentes (Apêndice D); Quadro n. 3 – Entrevista com as responsáveis (Apêndice E), e; Quadro n. 0.4 - Entrevista com os (as) professores (as) (Apêndice F). Nestes quadros foram sinalizados, por meio de negrito, os trechos retirados para discussão e em itálico foram marcadas as interferências realizadas pela entrevistadora. Em seguida é feita a discussão das respostas.

Sobre o interesse por conhecer sobre a adolescência e puberdade (questão 02), os adolescentes afirmam:

[...] Não, mas também não desgosto, sou neutro. (Adolescente Henrique)

[...] Eu gosto mais de Ciências. (Adolescente João)

[...] Bom, pra mim a adolescência sempre não foi um desafio, pra mim a adolescência está sendo tipo, uma espécie de subir de nível. (Adolescente Sabrina)

[...] Sim, eu gosto de saber sobre essas coisas de Biologia tipo o que acontece exatamente [...] eu pesquisei uma vez sobre a puberdade daí eu vi lá que são mudanças corporais mesmo e comportamentais. (Adolescente Solária)

As respostas dos adolescentes foram variadas, de desinteresse no tema, a iniciativa de procurar conhecimento sobre os assuntos adolescência e puberdade.

[...] Eu aprendi ler quando eu fui descobrindo-o. (Mãe - Lucia)

[...] Olha para falar a verdade a gente lê tanto artigo, eu já busquei tudo que você pode imaginar, questões filmes relacionados, documentários. (Mãe - Catarina)

[...] Olha, ler assim não, sempre que eu vejo alguma coisa interessante, eu, filha olha aqui, vamos... eu leio pra ela. (Mãe - Carla)

[...] Já li para ela inclusive. A psicóloga também passou um blog para gente ir lendo, porque a puberdade no autista [...] não é uma puberdade comum, é diferente apesar de ter algumas coisas parecidas. (Mãe - Laura)

Percebe-se que as mães demonstram interesse em buscar conhecimento sobre a situação que os filhos e filhas estão passando, sobretudo no que se refere à adolescência e ao autismo.

Durante a adolescência de um filho, os pais se vêem imersos em um retorno à própria adolescência e a dinâmica familiar é alterada direta ou indiretamente. De acordo com Pratta e Santos (p. 253, 2007)

a família não é constituída pela simples soma de seus membros, mas um sistema formado pelo conjunto de relações interdependentes no qual a modificação de um elemento induz a do restante, transformando todo o sistema, que passa de um estado para outro.

Neste sentido, os autores discutem que ao se depararem com a adolescência dos filhos, os pais sentem a necessidade de procurar informações para poder dialogar com os seus filhos e explicar sobre as mudanças físicas e comportamentais inerentes a esta fase, além das preocupações com os aspectos transversais a esta etapa da vida, tais como sexo, sexualidade, abuso de drogas, álcool, autonomia e independência, educação, entre outros aspectos.

[...] Eu estudei um pouco, é eu fiz alguns cursos que visavam a proteção da criança e adolescente. E aí a caracterização do adolescente. (Prof.º Ricardo)

[...] Confesso que não muito [...] esse conhecimento científico mesmo não, nunca. Na graduação teve, mas não muito nessa fase. (Prof.ª Luiza)

[...] a gente sempre está estudando pra explicar. (Prof.ª Ana)

[...] Na verdade, não. Nunca parei para estudar especificamente sobre a adolescência. (Prof.^a Bianca)

Por meio das falas dos professores, percebe-se uma lacuna de conhecimento no que diz respeito à adolescência. Silva (2009) expõe que há uma fragilidade na formação destes profissionais no tocante a este tema. Nas graduações não se ensina a trabalhar com o adolescente como sujeito, ser social, mas como objeto ou estudante. O adolescente é ainda visto como a tábua rasa à espera de que o outro lhe imprima conhecimentos e molde-lhe o comportamento. Neste sentido, a autora revela que ainda se percebe o aluno como sujeito sem saberes e uma história que antecede o desenvolvido na escola:

A concepção de adolescência que aí se verifica é a de uma passagem e desconsidera suas vivências específicas, seus saberes anteriores e, em virtude disso, nas relações escolares, esses estudantes são negados enquanto sujeitos de seus processos. Tal concepção anula a possibilidade de perceber os adolescentes não como uma unidade, mas como diversidade, com especificidades definidas por seus pertencimentos de gênero, raça, classe social, religião, tribo, localização histórico-geográfica, de história de vida. Tais características vão além das características comuns à representação social que se constrói deles (SILVA, A. J., p. 51, 2009).

A intenção da autora não é culpabilizar o docente, ou seus formadores, mas propor a discussão de novos olhares sobre a temática adolescente nos cursos de licenciatura, sinalizando a necessidade de mudanças nos projetos de instrucionais da Educação Básica, a fim de propor que se trabalhe as especificidades da adolescência a todos os professores em formação, para que haja a compreensão desses sujeitos em desenvolvimento e melhores resultados nos processos educacionais (SILVA, 2009).

Ao se propor a necessidade de se compreender as especificidades, retomamos o que diz Vygotsky (1991), para quem todo ser humano é sujeito de sua história e época, e suas relações sociais históricas e culturais são determinantes para o seu desenvolvimento. Assim, propondo o diálogo entre a fase adolescente e o TEA, pensamos ainda haver uma barreira sobre aquilo que é comum a toda adolescência e àquilo que é próprio daquele que tem um transtorno do neurodesenvolvimento.

Em seguida, temos os relatos sobre como os adolescentes com autismo interpretam as mudanças físicas decorrentes da puberdade e da adolescência

(questão 03):

[...] Eu sei que em alguns a mudança ocorre mais cedo do que em outros. Descobri sozinho, na internet. (Adolescente Henrique)

[...] A única coisa que eu sei é músculos [...] barba, músculos, só isso mesmo. Acabei esquecendo já, porque já faz tempo que eu aprendi. (Adolescente João)

[...] Quando eu fiz doze anos chegou pra mim a minha primeira vez, [...] na parte dos pelos eu me sinto muito num desconforto, [...] mudança de voz, eu também não senti muita diferença. Acho que no tempo aí, sozinho ou com a minha mãe. (Adolescente Sabrina)

[...] As meninas têm o crescimento dos seios, a menstruação. Os dentes começam a entortar, a voz começa a engrossar, começam a suar muito, sentir dor ou formigamento porque seus membros estão crescendo, seus ossos estão crescendo. Aprendi na internet, pouca coisa que eu não sabia, porque meus pais tem um diálogo superaberto comigo. (Adolescente Solária)

Nota-se que os adolescentes têm interesse em buscar informações sobre a fase que estão passando, a internet é citada como uma fonte de conhecimentos e os pais foram mencionados como referência no que diz respeito a estes assuntos pelas entrevistadas do sexo feminino.

Para adolescentes típicos (sem autismo), geralmente são citados grupos de amigos como referência ao aprendizado sobre temas relevantes ao desenvolvimento das características sexuais secundárias. No entanto, para adolescentes autistas, é mais difícil a relação entre pares e a socialização de dúvidas e interesses, sendo, então, os pais, a referência mais citadas ou a internet.

Para Pratta e Santos (2007), os pais têm papel fundamental no processo de aprendizagem do adolescente, sendo o suporte dos mais jovens. As mães foram questionadas sobre se conversam a respeito das mudanças físicas decorrentes da puberdade, com seus filhos e filhas. As respostas foram as seguintes:

[...] Converso, converso porque eu sempre tinha essa preocupação antes, mas depois eu vi que era tranquilo com ele [...] (Mãe - Lucia)

[...] Ah, já conversei sim, hoje em dia tento falar, mas ele, agora que ele está com 15 16, ele não quer entrar nesse assunto, mas antes ele não tinha problema, mas ele escuta, só que não gosta de dar seguimento a conversa [...] (Mãe - Catarina)

[...] Sim, espinha tem, as vezes sai uma aqui, uma lá. Os pelinhos ó, eu já ensino que nem nas axilas, eu mesmo que tiro, não rapa nada, é eu que tiro, [...] (Mãe Carla)

[...] a gente conversa sempre, porque ela também questiona muito, ela é muito questionadora [...]. (Mãe - Laura)

As mães entrevistadas afirmam conversar com os seus filhos e filhas sobre as mudanças físicas decorrentes da puberdade. Teodoro, Godinho e Hachimine (2016) afirmam que a socialização de qualquer pessoa começa no seio familiar, sendo esta instituição a transmissora de valores, crenças e cultura, caracterizando-se na precursora de qualquer aprendizado e, de modo geral, associada à escola, é fundamental a uma aprendizagem de qualidade. As autoras (p. 141, 2016) salientam que

A família e a escola são duas bases fortes para a formação de um indivíduo, sendo assim um não pode transferir a responsabilidade para o outro, é notório que muitos pais não estejam preparados para lidar com um filho especial, e também é perceptível que a escola por muitas vezes não saiba lidar com esse aluno especial, o que se torna necessário nesses casos é que a escola juntamente com família troque informações afim de ajudar esse aluno a se adaptar e se sentir acolhido mesmo estando longe da família, criando assim laços que contribuem de forma direta o ensino aprendizagem dos alunos.

Nesta união entre família e escola percebemos que os professores das disciplinas específicas, Ciências e Biologia, afirmaram trabalhar com os seus alunos os temas referentes as mudanças físicas decorrentes da puberdade. A pedagoga e a professora PAEE se encarregam de tirar dúvidas pontuais quando há necessidade manifesta dos alunos.

[...] Sim, sempre quando entra no tema sexualidade, desenvolvimento sexual ou sistema reprodutor acaba entrando também nessas mudanças dessas características. (Prof.^o Ricardo)

[...] com aluno autista eu acredito que seja mais uma necessidade assim, se tiver uma necessidade a gente aborda, se não passa direto ali. (Prof.^a Luiza)

[...] mudança física é a transformação do corpo e eu trabalho com os meus alunos. (Prof.^a Ana)

[...] Não, [...] às vezes surge algumas perguntas na sala de recursos, você até conversa, né. (Prof.^a Bianca)

No ensino regular, os temas referentes à puberdade fazem parte da grade curricular tanto do ensino fundamental, como do Ensino Médio. No Ensino médio surge o debate como conteúdo transversal aos temas sobre reprodução e hereditariedade.

Para o oitavo ano do Ensino Fundamental, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), propõe, dentro da área de Ciências da Natureza, unidade temática Vida e Evolução, a habilidade de “Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso” (p. 343, 2018). Além de propor, como princípio geral, o protagonismo do estudante e a sua integralidade como sujeito:

é fundamental que **os alunos** (acréscimo nosso) tenham condições de ser protagonistas na escolha de posicionamentos que valorizem as experiências pessoais e coletivas, e representem o autocuidado com seu corpo e o respeito com o do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva (BRASIL, p. 343, 2018).

Quanto à autopercepção sobre as mudanças físicas e como se sentem em relação a isto (questão 04), os adolescentes disseram:

[...] Eu estou mais peludo. Me sinto normal. (Adolescente Henrique)

[...] Na dos músculos e da barba. Eu tô de boa, porque eu curto os meus músculos e a saúde. A barba eu curto também. (Adolescente João)

[...] Sim eu percebi, tipo o meu cabelo, no olhar. (Adolescente Sabrina)

[...] Meus seios estão começando a crescer [...] eu comecei a menstruar. Tô de boa. (Adolescente Solária)

Percebeu-se que os adolescentes têm clareza sobre as mudanças que ocorrem na adolescência e que observam essas mudanças ocorrendo consigo mesmos. Quando se trata da adolescência de pessoas com deficiência, Saad (2016) e Bastos e Deslandes (2009), afirmam que não há diferença nos aspectos de desenvolvimento biológico entre os sujeitos com e sem deficiência. Porém, o que se percebe, é que o desenvolvimento comportamental e psicossocial é mais lento ou inadequado. Isto se dá, não pelo comprometimento biológico relacionado ao transtorno ou deficiência, mas pela negação de seu amadurecimento pelos seus familiares e comunidade.

Para Souza e Silva (2018), as mudanças que ocorrem na adolescência, quanto aos aspectos físicos, constituem o desenvolvimento biológico com significativas mudanças hormonais e a maturação sexual, demarcam a compreensão e aceitação desse corpo que muda, que transita pela dimensão histórica e cultural em que o ser adolescente se encontra.

a unidade sujeito-corpo não consiste apenas em um conjunto de órgãos e sentidos que se desenvolvem ao longo do tempo. A unidade sujeito-corpo é constituída culturalmente, objetivando-se em relações sociais concretas. Como lócus de produção de significados e sentidos, como sustentaria Vigostki, não há um corpo ausente de subjetividade (SOUZA; SILVA, p. 5, 2018)

Este corpo que amadurece é subjetificado pelo adolescente e ressignificado de acordo com sua época, história e meio social.

Para as mães entrevistadas, as percepções foram as seguintes:

[...] Acho que a primeira coisa foi o gogó [...] daí a voz de galo, [...] o corpo dele, né, pelo, essas coisas até o bigodinho [...] eu fico bem preocupada. (Mãe - Lucia)

[...] A voz mudou, é bem perceptível essa alteração, né, toda essa questão. Foi até rápido, já tem até bigode, até barba, tão rápido. Pelos no corpo [...] é difícil, porque parece que foi assim de repente. (Mãe Catarina)

[...] é bem preocupante né, ela não sabe se cuidar sozinha, aí o seio [...]. A gente preserva muito, ela não tem amigos que vão em casa. (Mãe - Carla)

[...] o físico todo, mudou tudo, mudou o rosto, ela adquiriu muita espinha, muita oleosidade no cabelo [...] as mudanças físicas foram isso de peso, de postura, porque como o seio cresceu muito ela acabou caindo né aqui, a mudança física na verdade foi toda no corpinho dela. [...] Eu fico preocupada [...] (Mãe – Laura)

Relatam que as mudanças físicas são perceptíveis e, de modo geral, sentem-se preocupadas ou com dificuldade em aceitar que o filho já mudou de aparência e perdeu as características infantis.

Quanto aos professores, percebe-se que aqueles que acompanham os adolescentes com maior regularidade e tempo conseguem notar as diferenças, enquanto as professoras de apoio e pedagoga sentem mais dificuldade por não darem continuidade do trabalho ao longo dos anos visto a logística de distribuição de aulas do Estado que muda o professor de escola ou de aluno atendido de acordo com as demandas internas de cada realidade escolar. Assim, os docentes disseram:

[...] Sim, olha, de forma geral, vamos colocar como exemplo o Henrique e a Sabrina os dois tiveram mudanças, eu falo físicas, observáveis, porém não tiveram mudanças de comportamento em termos de apreciação do outro de geralmente ficar curioso pela feição do sexo oposto e, ou seja, do próprio sexo. (Prof.º Ricardo)

[...] O aluno autista ainda eu não consegui perceber, porque, porque a gente só fica um ano com ele, né. (Prof.ª Luiza)

[...] a criança muda em tudo, inteiro, a menina, então , coitadinha, é uma coisa de louco, muda o corpo todo, daí ela começa a ver aquela mudança e uma coisa que afeta bastante que eu vejo na fase de desenvolvimento hormonal é que eles ficam agressivos e não é só ela que tem autismo é a outra também, é a outra criança também. (Prof.^a Ana)

[...] só tive um aluno que eu percebi assim algumas coisas diferentes nele, [...] eu tive um aluno que tinha, assim, ereção espontânea. (Prof.^a Bianca)

Quanto aos aspectos comportamentais (questão 05), os adolescentes responderam:

[...] Eu não tenho certeza exatamente. Eu me sinto normal. (Adolescente Henrique)

[...] Mais inteligência, saúde, estudos. Eu tô de boa [...] (Adolescente João)

[...] Sim, [...] eu sou assim, bem “comportadinha”. Me sinto bem. (Adolescente Sabrina)

[...] Eu não me lembro. (Adolescente Solária)

Os entrevistados não souberam responder com clareza sobre os aspectos comportamentais. No que se refere a adolescentes com TEA, as dificuldades inerentes à fase da adolescência podem se somar às inabilidades sociais decorrentes do transtorno.

Para Vygotsky, de acordo com Souza e Silva (2018), o comportamento do adolescente se transforma ao longo da adolescência, devido a mudanças de interesses e necessidades. As novas necessidades socioculturais impulsionam o sujeito a um novo funcionamento psicológico que se adapta as demandas emergentes sobre uma base pré-existente.

Estas novas necessidades caracterizam um período crítico na constituição da psique do adolescente, e [...] ao mesmo tempo a transgressão do equilíbrio anteriormente encontrado no desenvolvimento infantil, e a incompletude da estabilidade de um organismo adulto. Em busca dessa estabilidade, as funções psíquicas se reconfiguram (SOUZA; SILVA, p.6 ,2018).

Sobre as mudanças comportamentais, a mães relatam:

[...] Há mais ou menos 1 ano e pouco, [...] ele simplesmente me falou: mãe aconteceu uma coisa, a minha cueca, ficou assim, o que que eu faço, porque eu não pude segurar? (Mãe - Lucia)

[...] Eu fico preocupada [...] fica mais quieto no quarto, gosta de ficar mais fechado, ele não gosta que a gente entre sem bater, tanto que na porta do quarto dele tem várias plaquinhas com mensagens não entre,

não perturbe, tudo isso. (Mãe - Catarina)

[...] em casa ela é bem infantilizada. [...] O comportamento continua o mesmo. (Mãe - Carla)

[...] Bastante agressividade impulsividade, curiosidade, ansiedade, muito ansiosa, episódios depressivos. [...] ela já tem 14 e a mentalidade hoje atingiria uns 8 anos pelo que gosta, pelos interesses, pelo tipo de pensar. [...] tem maturidade para algumas coisas, mas ela não consegue pôr em prática, ela sabe toda a teoria, mas na prática não funciona, essa é a minha angústia, ela é uma menina super capaz. (Mãe - Laura)

Três mães relataram sentir a mudança comportamental de seus filhos. De acordo com Klin (2006), os adolescentes com autismo podem apresentar sintomas de ansiedade e depressão relacionadas ao grau de consciência sobre si mesmos e de sua incapacidade de estabelecer amizades, iniciar conversas e interagir com os pares.

Sobre o adolescente com autismo compreender a teoria, mas não raras vezes não conseguir realizar na prática, Vygotsky (2018) pondera que aquilo que a criança, hoje, consegue realizar com o auxílio de um adulto, amanhã poderá estar fazendo sozinho, sem a ajuda ou orientação de alguém.

Para os professores regulares trabalhar com alunos autistas nesta fase de mudanças comportamentais é visto como difícil por gerar inseguranças, enquanto as professoras PAEE e pedagoga afirmam gostar e não achar difícil o manejo com estes adolescentes.

[...] Eu acho é mais difícil, porque nós, professores, infelizmente não temos a preparação para trabalhar com os diversos tipos de alunos especiais. (Prof.^o Ricardo)

[...] Bastante, às vezes até assim, a gente principalmente o mental e o social [...] Eu gosto [...] durante o meu trabalho, eu consigo lidar com as situações com muita calma, com muita paciência, o que for necessário né, se for compreender todo o contexto do autista eles têm mais dificuldade, mas eu consigo legal. (Prof.^a Luiza)

[...] Sim, acho assim que ficou mais agressiva. Eu acho mais difícil. (Prof.^a Ana)

[...] A Solaria, [...] ficou mais assim, mais nervosa, sabe? Teve aí, inclusive, ela (mãe) levou ela no médico né, e o médico falou que isso tinha a ver também com a questão de mudanças hormonais [...] eu não acho difícil não, eu até gosto sim, eu prefiro ainda trabalhar com os maiores do que com os pequenininhos. (Prof.^a Bianca)

O contexto de trabalho de cada profissional da educação entrevistado é diferente. Os professores de Ciências e de Biologia trabalham em sala de aulas

com outros alunos com demandas diversificadas, e a atenção ao aluno com necessidade educacional especializada pode acarretar em sobrecarga de trabalho e nas dificuldades de interação professor-aluno, o que lhes causa insegurança no trabalho docente.

A pedagoga interage com o aluno em demandas específicas, quando este é mandado pelo professor para conversar com a equipe pedagógica, ou quando há demanda espontânea do aluno.

Na sala de recursos multifuncional, o número de alunos é reduzido e a professora se prepara para trabalhar atividades que proporcionem o desenvolvimento de habilidades educacionais específicas para cada aluno. A professora PAEE acompanha o aluno em sala de aula, tendo apenas um aluno para atender durante a aula, o que constitui diferença de olhar para os mesmos alunos.

Para Franco, Ribeiro e Almeida (2019), os professores se sentem despreparados quando se deparam com alunos com deficiência e acreditam que precisam dominar todo o conhecimento sobre a patologia. Porém, esta atitude reforça a medicalização da educação e o olhar “biologizante” dos indivíduos que vão para além de suas patologias. O aluno deve ser visto como ser social, pertencente a um tempo e a uma cultura e as práticas pedagógicas irão auxiliar no processo de autonomia destes sujeitos.

Para Rodrigues (2006, p.8), as escolas precisam de mais recursos tanto materiais quanto humanos para o trabalho com alunos com necessidade educacionais específicas (NEE),

As escolas funcionam em regra muito perto do seu limite máximo de resposta mesmo quando não adoptam modelos inclusivos. Se vamos pedir às escolas para diversificar a sua resposta e para criarem serviços adaptados a populações que antes nunca lá estiveram é essencial que mais recursos humanos e materiais devam ser adstritos à escola. A EI pressupõe uma escola com uma forte confiança e convicção que possui os recursos necessários para fazer face aos problemas.

Ao serem questionados sobre o que sabem sobre higiene pessoal e autocuidados (questão 06), os adolescentes revelaram:

[...] Eu sei que se você não se limpar você pega doenças, se você não se secar você também pega doenças, é bom tomar banho.
(Adolescente Henrique)

[...] Higiene pessoal, lavar as mãos tomar banhos [...] Autocuidados, tomar cuidado para não cair, tomar cuidado para quando for usar uma faca. (Adolescente João)

[...] Às vezes eu esqueço de limpar o meu ouvido, daí quando eu lembro eu passo o dedo no ouvido quando estou tomando banho ou vou lá no banheiro da minha mãe e passo o cotonete e limpo, e depois de fazer xixi eu vou na pia do banheiro e lavo a mão, só que algumas vezes eu esqueço. (Adolescente Sabrina)

[...] A básica, assim limpeza, tipo tomar banho, escovar os dentes. (Adolescente Solária)

Assim, nota-se, por meio dos relatos que os adolescentes têm consciência sobre o tema e acham importante tomar banho, lavar as mãos e escovar os dentes. Já, as mães relatam:

[...] Converso, ele aprendeu a tomar banho, escovar os dentes [...] lavar as mãos [...] ele sabe que tem que tomar banho todo dia, mais de uma vez por dia se precisar, troca roupas, até, agora ele troca muito de roupa e fica penteando o cabelo [...] Fio dental ele usa. (Mãe - Lucia)

[...] Ah, sempre, até como tem que tomar banho, eu falo que você tem que tomar, porque às vezes parece que toma muito rápido e está cheio de sabonete. [...] falo né, você precisa tomar certo cuidado, eu já falei, passar desodorante, porque ele esquece, [...] escovar dentes tem que ficar lembrando, tem uma preguiça. (Mãe - Catarina)

[...] Sim, falo, principalmente quando veio, (menstruação) [...] a gente que tinha que ir lá limpar e higienizar ela, fazer com que ela criasse o hábito sozinha [...] comecei a sentir um cheirinho debaixo do braço aí eu falei, minha filha, não pode esquecer de desodorante, é todo dia [...] falando de higiene né, ela não consegue lavar o cabelo, eu deixo ela lavar, se é para ficar em casa [...] porque ela não põe água suficiente. (Mãe - Carla)

[...] Todos os dias, hoje vou te falar que menos cobrança [...], mas não é que ela não quer fazer, ela esquece né você tem que estar realmente todo tempo lembrando, porque ela realmente não lembra [...] (Mãe - Laura)

Percebe-se que ainda há necessidade de lembrar sobre a higiene dos filhos e lembrá-los de quando e como manter os autocuidados.

Neste sentido, Souza e Silva (2018) afirmam que, para Vygotsky, há diferença entre hábitos e interesses e que esta diferença está relacionada ao que é uma necessidade biológica e o que se refere a uma necessidade sociocultural. De acordo com as autoras (2018, p.5)

os hábitos são ações e mecanismos associativos caóticos e aleatórios e, portanto, não têm, por si só, uma força impulsora no processo de desenvolvimento. Já os interesses seriam tendências integradas, subordinadas a uma dinâmica geral de funcionamento e que determinam a orientação das ações dos sujeitos, de tal modo que os

hábitos se organizariam a partir dessa estrutura geral de funcionamento e teriam uma relação estrutural com os interesses.

Assim, entende-se a dificuldade dos adolescentes em manterem a higiene pessoal de forma espontânea, pois isto é um hábito aprendido socioculturalmente e não propriamente uma necessidade humana. O que torna estes hábitos uma necessidade, é a relação que a sociedade estabeleceu com ela ao longo de processos históricos e socialmente aprendidos e passados de geração a geração, como promotoras de saúde e bem-estar.

Os professores afirmam trabalhar com os seus alunos de forma geral o assunto higiene pessoal e que, se houver necessidades específicas, não hesitam em conversar com os alunos de forma individual e discreta.

[...] Sim, [...] sempre que entrar nesse assunto. (Prof.^o Ricardo)

[...] Sim, muito, tanto de manhã como pedagoga, a gente trabalha através muito com os relatos de professores, aquele geralzão com a turma, de repente com um vídeo. (Prof.^a Luiza)

[...] A gente fala da higiene corporal ao todo na sala de aula. (Prof.^a Ana)

[...] Sim, isso eu converso, eu sempre procuro conversar tá. (Prof.^a Bianca)

Sobre o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos, os adolescentes afirmam conhecer o seu funcionamento (questão 07). Uma adolescente demonstrou pudor ao comentar sobre os órgãos reprodutivos masculinos como assunto inapropriado.

[...] Bom, eu sei que o pênis entra na vagina e o pênis ejacula e a vagina fica enchida e daí o bebê acontece. (Adolescente Henrique)

[...] Isso eu sei [...] o que os meus amigos me contam e claro na Ciência. (Adolescente João)

[...] Quando começou a sair sangue, eu comecei a usar *modees*. [...] Sobre os órgãos reprodutivos masculinos, a minha mãe fala que isso não é assunto pra menina saber. (Adolescente Sabrina)

[...] Tudo, tem a menstruação a reprodução humana tem em que o útero produz os óvulos, os testículos produzem os espermatozoides e com a união dos dois [...] gera um novo indivíduo. (Adolescente Solária)

Sobre o assunto, uma mãe afirma não conversar com a filha sobre os órgãos reprodutivos. As demais demonstram interesse em explorar o assunto com os filhos e deixar que falem livremente sobre os órgãos reprodutivos e

reprodução e tirem dúvidas.

[...] já expliquei, já conversei com ele, né, já mostrei figuras pra ele, o que que acontece. (Mãe – Lucia)

[...] A gente já teve essas conversas, ele mesmo fala. (Mãe - Catarina)

[...] Não, não, na verdade ela até estudou isso e chegava depois da aula e me contava toda aterrorizada. (Mãe - Carla)

[...] Sim, [...] ela entende melhor que eu [...] o interesse dela em Biologia é imenso. (Mãe - Laura)

Para Pratta e Santos (2007, p.252),

Os adultos têm um papel central neste processo, pois oferecem a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como atuam como modelos introjetados, geralmente como ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem.

Por meio da fala das professoras PAEE e pedagoga, percebeu-se que o ensino de questões relacionadas aos órgãos reprodutivos fica a cargo dos professores de Ciências e Biologia.

[...] Sim, desde as imagens, eu faço questão de [...] sistema reprodutor, a função de cada órgão, da reprodução e também da relação sexual, ou seja, quando ocorre relação, algumas características são diferenciadas. (Prof.^o Ricardo)

[...] Como pedagoga, a gente faz um trabalho com o professor de Ciências conforme a realidade da turma. Como professora apoio eu nunca necessitei ou trabalhei. (Prof.^a Luiza)

[...] Com certeza, dependendo da faixa etária do nosso currículo, na escola nós temos um planejamento. (Prof.^a Ana)

[...] Não, é que na verdade nós que somos da Educação Especial acabamos deixando para Ciências. (Prof.^a Bianca)

Marcondes e Silva (2017, p.2) afirmam que

No caso específico do ensino de sexualidade para adolescentes, por sua vez, tem-se uma visão enormemente “biologizante”, na qual se costumam desconsiderar fatores culturais, psicológicos e históricos (SILVA e PIOTTO, 2013, p.2) e talvez por isso ou por conta disso, a tarefa de ensiná-la seja atribuída a professores de ciências ou de biologia, isso quando não é permeada por julgamentos de ordem moral/pessoal, pouco adequadas ao que grande parte da sociedade vem discutindo atualmente, tais como a diversidade de orientações sexuais e a flexibilidade da questão de gênero.

De acordo com Marcondes e Silva (2017), aspectos da sexualidade são, muitas vezes, abordados de forma inadequada e repleta de senso comum, tanto

para alunos com ou sem alguma deficiência. Porém, quando se trata da sexualidade do aluno com deficiência, os tabus são ainda maiores e as orientações nem sempre suprem as necessidades educacionais em relação a estas questões. Para os autores, geralmente o aluno deficiente é visto como inadequado sexualmente, hiperssexuais ou assexuais, o que causa este déficit educacional.

Pratta e Santos (2007, p.252) advertem sobre o período da adolescência como um momento de descoberta e autoafirmação quanto à própria sexualidade:

Estudos evidenciam que a adolescência corresponde a um fenômeno biopsicossocial (Kalina, 1999) cujo elemento psicológico do processo é constantemente determinado, modificado e influenciado pela sociedade (Kalina, 1999). Ela corresponde a um período de descobertas dos próprios limites, de questionamentos dos valores e das normas familiares e de intensa adesão aos valores e normas do grupo de amigos. Nessa medida, é um tempo de rupturas e aprendizados, uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da autoafirmação e da independência individual e pela definição da identidade sexual [...]

Mesmo sendo parte integrante dos conteúdos de ensino fundamental e médio, apenas um adolescente soube dizer se sabia o que eram ereção e masturbação (questão 08).

[...] Sim. (Adolescente Henrique)

[...] Isso aí eu não sei nada. (Adolescente João)

[...] Não muito. (Adolescente Sabrina)

[...] Masturbação eu sei o que é, mas ereção não. (Adolescente Solária)

Sobre os temas masturbação e ereção, três mães afirmaram já terem conversados com seus filhos e filha sobre o assunto. Apenas a mãe de Sabrina ainda não havia introduzido o assunto com a filha por achar o tema “pesado” para a filha.

[...] expliquei porque ele mesmo me perguntou. (Mãe - Lucia)

[...] Já falamos sobre isso, acredito que ele na verdade já sabia também essa questão. (Mãe - Catarina)

[...] Não, sobre isso nunca falamos, acho até uma fala meio pesada pra ela, eu acho que, eu não sei, nunca pensei em falar sobre isso. (Mãe - Carla)

[...] Sim, a masturbação ela até perguntou recentemente, eu não me recordo direito da ereção, né, talvez por ter associado ao homem eu não me toquei ali dessa parte. (Mãe - Laura)

As famílias subestimam as experiências sexuais dos seus filhos com autismo, principalmente aquelas relacionadas à masturbação e ao orgasmo. Arend *et al.* (2021, p.7) afirmam que “a subestimação dos pais e o desconhecimento da experiência sexual dos adolescentes podem influenciar a comunicação e a educação sobre sexo e sexualidade nas famílias”.

De acordo com Barbosa *et al* (2017), em um primeiro momento, a educação sexual é de responsabilidade da família, devendo, ao longo do desenvolvimento infantil ser estendida à escola, porém, há uma tendência dos pais de acreditarem que seus filhos e filhas adolescentes não estão maduros o suficiente para conversarem sobre temas relacionados à sexualidade, recuando a introduzir estes temas com seus filhos.

A fala dos professores revela que há o ensino dos temas masturbação e ereção, como afirma o professor Ricardo. Porém, há também os tabus sobre o tema como apresentado na fala da professora Ana. As demais professoras não sentem a necessidade de explicar tais assuntos pela natureza do trabalho que executam, o que também corrobora a ideia “biologizante”, como afirmam Marcondes e Silva (2017), sobre o ensino dos órgãos reprodutivos e suas funções.

[...] Sempre, se a pergunta não vem antes, a gente acaba abordando, no caso da ereção, eu começo com a questão da poluição. (Prof. ^o Ricardo)

[...] Não, na escola não. Não tive necessidade [...] mas eu, nem como pedagoga, nem como professora apoio tive necessidade. (Prof. ^a Luiza)

[...] Eu não me aprofundo nessa parte, porque eu estou no meio de vários alunos e isso vai ficar para o ensino médio, eu não falo, eu explico o corpo, qual o órgão, eu falo né, mas não vou estar falando disso aí não. (Prof. ^a Ana)

[...] Não, não, teve esse caso do aluno né, mas eu acabei. Eu não tinha muita intimidade com os pais até para ficar falando, [...] daí eu deixei pra lá. (Prof. ^a Bianca)

Indagados sobre menstruação (questão 09) os adolescentes responderam:

[...] é quando o corpo feminino fica mais apto para receber o sêmen, eu acho. (Adolescente Henrique)

[...] Sangue. (Adolescente João)

[...] Quando você está menstruada, [...] pode sentir muita dor, [...] cólica. (Adolescente Sabrina)

[...] É que quando o útero começa a produzir óvulos ele também cria uma camada fofinha feita de sangue na parede dele para que quando o bebê se formar ele não se machucar. e quando isso, quando o óvulo não é fecundado essa camada começa a descamar causando a cólica menstrual e sai como a menstruação. (Adolescente Solária)

Houve confusão conceitual por parte do adolescente Henrique, mas os demais conseguiram explicar, de forma geral, o que é a menstruação. Solária, como a mãe relatou, tem como conteúdo de interesse a Biologia, e conseguiu exprimir com detalhes o que é e como acontece a menstruação de acordo com a sua faixa etária e grau de conhecimento.

Sobre o assunto (questão 09), as mães revelam:

[...] O que é menstruação eu expliquei em partes, eu não cheguei a explicar bem certinho não. Porque ele nunca me perguntou. (Mãe - Lucia)

[...] Ele sabe também, ele sabe. A gente lia muito também, a gente sempre leu em casa junto o conteúdo, toda vez, então tudo sempre, a gente ajuda, eu e o pai dele, então tudo que é passado a gente conversa muito, a parte da Biologia. (Mãe - Catarina)

[...] Sim, desde o começo. (Mãe - Carla)

[...] Sim, foi explicado desde o começo, ela tem total entendimento sobre o assunto. (Mãe - Laura)

Lucia, mãe de Henrique, demonstra esperar as demandas do filho para explicar as questões referentes a menstruação. Catarina aproveita os conteúdos das aulas de Ciências, para ler com o filho o livro didático e explicar o que for necessário. As mães de adolescentes do sexo feminino abordam a menstruação de outra forma, explicando o que é desde antes da ocorrência da menarca, a fim de preparar as filhas para este momento.

No ambiente escolar, os professores de Ciências e Biologia explicam o que é a menstruação, por ser parte integrante do conteúdo das disciplinas (questão 09). A professora pedagoga sente necessidade de explicar sobre o tema, enquanto parte integrante da equipe pedagógica, por fazer o atendimento dos alunos para assuntos diversos e a Professora PAEE relata não ter sido necessário abordar o tema até o momento, devido a aluna já ter vindo instruída de casa para a escola.

[...] explico, geralmente eu pego turmas de nono ano, então, pra muitas já ocorreu, mas muitas, às vezes não tiveram a primeira menstruação, mas isso é bem explicado, acho importante que elas possam ser orientadas, se não tiveram orientação em casa, que a escola possa estar. Então na sala de aula eu faço questão de explicar tanto para os meninos como para as meninas. (Prof. ^o Ricardo)

[...] Eu não tive ainda essa experiência como professora apoio, porque os dois alunos que eu atendi, foram homens, foram meninos, [...], mas como pedagogo sim, [...] acontece a primeira vez na escola ou outras vezes, elas vão no setor da equipe pedagógica. (Prof. ^a Luiza)

[...] Menstruação sim, com as meninas a gente trabalha muito isso, com eles, explicar qual é a época da ovulação, como se deve prevenir, quais as doenças, DSTs, então a gente fala isso. (Prof.^a Ana)

[...] Não, também não, porque essa aluna que eu te falei a mãe era... geralmente fazia esse papel. (Prof. ^a Bianca)

Sobre os temas “gravidez” e “sexo seguro”, os adolescentes revelam (questão 10):

[...] A gravidez pode não ser planejada e que sexo seguro algumas pessoas não ligam, tipo elas preferem fazer sem proteção. Não. (Adolescente Henrique)

[...] Gravidez é o pior período antes de gastar dinheiro e ter dor de cabeça. Tem que usar preservativo pra não pegar doença. Só converso com os meus amigos em piadas. (Adolescente João)

[...] Bom, pra mim o sexo seguro é quando o homem sabe a hora de quando fazer sexo com a mulher [...] Quando a mulher está grávida o “pintinho” do homem se encontrou com a “pererequinha” da mulher. [...] Converso com a minha mãe. (Adolescente Sabrina)

[...] Gravidez é quando, por causa da reprodução humana, quando tem um indivíduo se formando e sexo seguro é sexo que eles fazem sexo em que eles tomam cuidado para não ter filhos tipo usar camisinha, usar anticoncepcional. (Adolescente Solária)

Os relatos demonstram que os adolescentes compreendem o que é a gravidez e que têm ideia do que se entende por sexo seguro.

As mães afirmam conversar com os seus filhos e filhas sobre o tema (questão 10).

[...] Já conversei com ele também, dei para ele camisinha. (Mãe - Lucia)

[...] Isso sim, a gente sempre falou sobre isso. (Mãe - Catarina)

[...] Sim, sim, também ainda mais que já foi ensinado em sala de aula e foi falado que tem que usar camisinha, que a mulher também tem a camisinha, isso ela já, nos primeiros dias, já falava antes que é importante pra segurança pra quem não quer engravidar ou pra quando se prevenir de doenças. (Mãe - Carla)

[...] sempre falo isso para ela, [...] ela diz que ela quer ter depois de casar tanto relação sexual, quanto bebês [...] sempre explico para ela né, que existe tanta a camisinha feminina quanto a masculina e ela tá bem nessa parte de explicação na escola também, né. (Mãe - Laura)

Os professores revelam abordar a gravidez em suas aulas, os métodos contraceptivos, as infecções sexualmente transmissíveis – ISTs e formas de prevenção (questão 10). Apenas a professora pedagoga Luiza revelou não trabalhar esse tema pela natureza da função que executa, mas que se houvesse necessidade não hesitaria em pedir ajuda aos colegas de Ciências e Biologia.

[...] Sim, é trabalhado até porque prevenção a gravidez, sexo seguro, DSTs, agora chamado ISTs, tudo isso é bem explanado para eles, até peço para que, quando chega neste momento, não da gravidez, mas da prevenção vem os métodos contraceptivos. (Prof. ^o Ricardo)

[...] Não [...] mas eu acredito que se tiver necessidade [...] eu vou pedir parceria para professora de Ciências. (Prof. ^a Luiza)

[...] Sim, nós explicamos a maneira de prevenir, quais são os métodos de prevenção, isso no oitavo e nonos anos. (Prof. Ana)

[...] Isso sim, informalmente com eles na Sala de Recursos. (Prof. ^a Bianca)

Ao serem questionados sobre como avaliam o ensino e a aprendizagem sobre a adolescência e a puberdade, os adolescentes (questão 11) revelaram já terem aprendido na escola sobre estes assuntos.

[...] A gente aprendeu isso na escola. (Adolescente Henrique)

[...] Eu não lembro quando foi ensinado. Eu acho a minha aprendizagem até é boa, porque daí já me dá a ideia para não gastar dinheiro. (Adolescente João)

[...] Ensina não, já falaram sobre isso, o que pra mim, ensinar, é aprender a fazer. O nosso professor de Biologia já falou sobre isso. (Adolescente Sabrina)

[...] Primeiro eu aprendi na escola no quinto ano, quando deram aula no final do semestre sobre reprodução humana, em que a gente falou sobre a questão biológica e acadêmica. [...] Na verdade, meus pais já tinham falado comigo antes sobre isso, que eu perguntei como é. (Adolescente Solária)

As mães acreditam que seus filhos assimilam bem o que aprenderam sobre adolescência e puberdade. Apenas a mãe – Laura – acredita ser insuficiente a abordagem sobre o tema e acredita que a filha consegue compreender apenas de forma teórica o que lhe é ensinado, mas que, na prática, a adolescente pode não saber o que fazer (questão 11).

[...] Eu acho que assim, e acho que ele vai observando e vai criando a curiosidade, acho que é com tempo mesmo, mas assim por conta do autismo eu não, eu não vi diferença nenhuma [...] acho que não teve assim dificuldade da parte dele não, em absorver esses ensinamentos. (Mãe - Lucia)

[...] Eu acho que ele é muito bom, na verdade, ele assimila esses assuntos bem, porque eu acho que ele tem interesse mesmo em evitar algumas coisas, então já por essa razão, ele já sabe muito bem o que ... sabe como agir e pensar tal, ele sabe. Mas é claro que tem que reforçar isso sempre, sempre que ir falando, porque quando chegar a hora tem que saber se prevenir, para não ser um pai jovem sem condição de ser, né, porque não é só financeira, é emocional. (Mãe - Catarina)

[...] Eu acho que ela capta bem, ela não fica perguntando depois de novo, então eu acredito que ela absorveu. (Mãe - Carla)

[...] Ah, precisava mais né, [...] precisava mais dessa parte principalmente da gravidez, do sexo seguro, né, de conhecer o próprio corpo, [...] Então, a Solária sabe de tudo isso, a gente conversa, [...] ela é muito inocente ainda, até pelo autismo, a maturidade é mais baixa, mas ela tá ciente de tudo a gente volta e meia volta no assunto, porque ela esquece algumas coisas eu tenho que tá em cima, né, conversando sempre com ela. (Mãe - Laura)

Diferente das mães, os professores relatam dificuldade em perceber se os alunos se apropriaram dos conceitos trabalhados em aula sobre os assuntos relativos à adolescência e à puberdade (questão 11).

[...] De forma geral, né, eu tenho certas dúvidas da aprendizagem. (Prof.º Ricardo)

[...] é difícil dizer se eles aprendem o necessário conforme as orientações da escola, não sei se aprendem o necessário, eu acho que eles, de repente, eles pegam, conseguem assimilar um pouco daquilo, mas sabe que eles ficam muito distantes, muito longe, então talvez esses temas eles não aprendem naquele momento, mas lá na frente, eles vão lembrar que eles ouviram, que a professora abordou, porque a aprendizagem é isso. (Prof.ª Luiza)

[...] nós avaliamos com uma prova, você fazer, você avaliar. Dentro do contexto ele tem o seu desenvolvimento, mas não é igual aos outros e sempre você tem que ter um olhar diferente em tudo que você vai falar, avaliar com eles, no momento que você está com eles, seja na escrita, seja na fala. (Prof.ª Ana)

[...] Aí o que eu percebo os alunos que eu tinha, os pais em casa faziam esse complemento de trabalhar mais, porque o autista como ele é muito no mundo dele, ele não pergunta muito né, não ficam lá..., então não tem muito questionamento em relação a isso. (Prof.ª Bianca)

Para Vygotsky (2018), e seus colaboradores, o ser humano é um ser ativo, histórico e social, para o qual as relações entre o ser mais experiente e o ser menos experiente proporciona o aprendizado. O ensinar e o aprender caminham

juntos e ocorrem na experiência trocada entre os indivíduos envolvidos na ação. É no momento de troca entre os dois indivíduos que as funções psicológicas superiores se desenvolvem e ocorre o aprendizado.

Assim, para Vygotsky (2018), a aprendizagem não corre apenas durante o ensino formal, na escola, mas começa muito antes. A aprendizagem possui uma história anterior que não implica, necessariamente, numa continuidade com o que será aprendido no ambiente formal, sendo importante lembrar que há uma relação direta entre o nível de desenvolvimento do sujeito e a sua capacidade de aprendizagem.

A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, p.115, 2018).

Neste sentido, o aprendizado é um caminho ao longo do desenvolvimento de qualquer sujeito, e ocorre por meio da ativação do desenvolvimento potencial do indivíduo. “A aprendizagem é um processo puramente exterior, paralelo em certa medida ao processo de desenvolvimento da criança” Vygotsky (2005, p.25).

Sobre os temas “ficar” ou namorar, os adolescentes do sexo masculino disseram ainda não terem interesse nesse tipo de relacionamento, enquanto as adolescentes do sexo feminino demonstraram já querer se relacionar (questão 12)

[...] Honestamente, no momento não, acho que poderia ter no futuro, mas no momento não. (Adolescente Henrique)

[...] Eu não tenho interesse nisso, eu acho uma perda de tempo. Eu tô fora. Mulher é uma máquina de moer cartão de crédito e queimar dinheiro também. (Adolescente João)

[...] Eu sempre gostei de ter um parceiro, porque é legal tipo assim ter alguém do seu lado, tipo assim te protegendo, te dizendo que você tá bonita, que tipo assim, e também sair com você te levar pra algum lugar, e tipo assim, ir no cinema. (Adolescente Sabrina)

[...] Uhum, meus pais só querem que eu tenha um namorado ou namorada quando eu tiver 15 anos e se eu for madura o suficiente. (Adolescente Solária)

As mães de adolescentes do sexo feminino revelam que suas filhas falam e demonstram interesse em “ficar” e namorar, enquanto as mães de adolescentes do sexo masculino não têm certeza ou afirmam que seus filhos não manifestam interesse ainda (questão 12).

[...] ele não fala, eu já perguntei se ele gosta de alguma menina ele fala que não. (Mãe - Lucia)

[...] Ah ele não tem, antes quando ele era menor, mais criança, falava que queria namorar, falava que gostava da menininha, fazia bilhetezinho. Mas se eu chegar e pensar em comentar alguma hoje, ele fica muito nervoso. (Mãe - Catarina)

[...] Sim, ela tem interesse em namorar sim, quer, quer que eu ajude a achar o príncipe encantado dela, a pessoa certa. (Mãe - Carla)

[...] Acho que sim, tá começando. (Mãe - Laura)

De acordo com os professores, os adolescentes com autismo não demonstram interesse em “ficar” ou namorar da mesma forma e intensidade que outros adolescentes da mesma faixa etária (questão 12).

Até o momento eu não vi claramente isso, sabe, nenhum deles demonstrou [...] mas desde que eu tenho observado os alunos autistas nunca vi esse interesse aflorado. (Prof.º Ricardo)

[...] eu posso dizer no geral dos alunos autistas, eu percebo que eles são muito, assim, parecem muito distante dessa coisa de namorar, dessa coisa de olhar para uma outra menina ou mesmo a menina, essa coisa bem infantilizada, assim bem criança, o menino também, normalmente ele, ele tem outras áreas afins. (Prof.^a Luiza)

[...] Nunca percebi assim. Eles são pequenos ainda, estão no oitavo ano, então eu não vi nada. (Prof.^a Ana)

[...] Não, por incrível que pareça é, é diferente eles não, não demonstram essa necessidade, não sei se é porque eles vivem muito no mundo deles. (Prof.^a Bianca)

Sobre se sentir incluído na escola e na sociedade e ter amigos (questão 13), os adolescentes relataram:

[...] Meu posicionamento na questão é neutro, sabe? Tipo, eu simplesmente, na minha opinião, eu não me vejo como assimilado ou desassimilado na sociedade, eu simplesmente existo, eu apenas me vejo existindo no mundo, simples assim. Não tenho amigos. (Adolescente Henrique)

[...] Sim, eu tenho. Contar piada. Nunca saí. A gente conta piada, joga uno. No recreio brinca de pega-pega, mãe ajuda, que é aquele pega-pega que quanto mais gente você pega, mais pegadores vão ter. (Adolescente João)

[...] Sim eu tenho amigos, [...] mas não desse tipo de amigas de ir na casa, são amigas no *whatsapp*, na escola, esses tipo assim. [...] Sim, eu me sinto, tipo assim, nos trabalhos em grupo eu pergunto se eu posso ajudar em alguma coisa, e tudo, e também na sala eu faço as atividades, essas coisas assim. [...] Eu sempre me senti incluída nas festas que eu fui, eu sempre vou com a minha família e eu sempre me sinto incluída ou eu fico na minha, e aí as vezes a gente vai nas festas ou pro cinema ou em algum lugar público que eu me sinto muito... que me sinto bem, eu acho que eu nunca fui excluída de algum lugar, acho que, porque eu nunca sofri *bullying*. (Adolescente Sabrina)

[...] Sim. E na sociedade? Uhum. *Você tem amigos?* Sim, tenho poucos, mas eu tenho. (Adolescente Solária)

Quanto aos aspectos relacionados a se sentir incluído na escola e na sociedade, Bastos e Deslandes (2009) afirmam que é importante a compreensão da sociedade sobre a realidade vivida pela pessoa com deficiência mental, a elas é exigido ajustes sociais em uma sociedade que desfavorece a sua adaptação, e o meio escolar deve evitar o conceito de normalização do indivíduo com deficiência mental, de tentar transformá-los em pessoa diferente do que é, tornando-o igual aos demais, forçando-o a comportamento semelhante ao das pessoas sem deficiência.

Sobre ter amigos, Freitas *et al.* (2018) salientam que as amizades fornecem ao adolescente uma base extrafamiliar para a exploração do mundo ao seu redor e de seus próprios comportamentos. Diferente das relações familiares, as amizades, proporcionam a sensação de igualdade e os adolescentes encontram, nos seus pares, a confiança para serem e sentirem o que são sem medo de julgamentos de seus comportamentos, diferente do que sentem com seus pais. Nesse sentido, os adolescentes se apoiam uns nos outros, divertem-se, compartilham ideias, ao mesmo tempo que dividem confidências, sentimentos e intimidades (FREITAS *et al.* 2018).

Para Hervas (2012), as dificuldades relacionadas às necessidades sociais, como comunicação, se tornam perceptíveis na adolescência. A autora afirma que, para o adolescente com autismo, as dificuldades de relacionamento entre os pares e com pessoas de seu interesse, são mais complexas ou praticamente impossíveis.

Por meio das entrevistas, percebeu-se maior motivação das meninas em querer manter amizades. Hull, Petrides, Mandy (2018) destacam que, para o sexo feminino com autismo, o nível de motivação para manter relações sociais é igual ao de mulheres sem autismo.

Para as mães, a inclusão ainda não está ocorrendo de forma concreta pela sociedade. Acreditam que ainda falta muita informação e clareza para a sociedade (questão 13). A escola parece ser um espaço de acolhimento e inclusão, ainda com falhas, mas que tenta fazer o seu papel junto aos seus alunos com necessidades educacionais especializadas, como aqueles com autismo.

Quanto a amizades, as mães confirmam que os adolescentes autistas cultivam poucas ou não tem amigos.

[...] Na escola eu acho que ele é incluído [...] da sociedade eu vejo que as pessoas acham engraçado, né, assim acha engraçado quando alguém se atrapalha, não vejo que é só maldade não, eu acho que é natural também na pessoa. [...] eu acho que tem algumas dificuldades por desconhecimento da sociedade [...] Ele tem muito poucos amigos. (Mãe - Lucia)

[...] Ele tem amigos, mas não de frequentar, é engraçado, nunca tivemos assim muitas crianças da idade dele, sabe de amigos, [...] Da escola ele conta as coisas dos amigos deles, jogam baralho na sala, todas essas coisas [...] a escola já está mais preparada, no começo não era muito, era mais difícil, mas agora eu acredito que daqui para frente vai melhorar mais ainda. Assim te falo que ainda falta perante a sociedade sim, um pouco mais de conhecimento acredito, informação, falar mais sobre. (Mãe - Catarina)

[...] ela é muito bem acolhida, porque é que nem eu te falei, os alunos já respeitam, os professores que a conhecem também, já sabem do jeitinho dela, já conhecem o jeito dela, [...] E a sociedade e aonde a gente vai e ela tem umas atitudes autistas, digamos assim, ela é, ela tem uma certa agressividade em cima dela, tem uma falta de aceitação em cima dela, total, a partir do momento que você fala, ah, mas ela é autista, pá, a mas venha aqui, olha chega me arrepiar da diferença, do não saber que é autista e do saber que é autista, o comportamento, a atitude das pessoas é totalmente diferente. [...] amigos, ela não tem, ela tem colegas. (Mãe - Carla)

[...] Agora sim, [...] eu acho ela mais incluída pela coordenação e pela direção, alguns professores do que pelos amigos, eles aceitam ela bem, porém eu não julgo, porque eles têm a mesma idade dela, deve ser muito confuso para eles, [...] Então, eu vou te dizer que 70% eu acho que ela é incluída no ambiente escolar e na sociedade meu Deus, aí piorou, piorou porque volta lá no início né, que o autismo não tem cara [...] eu acho que tá longe de inclusão, longe, longe, longe, tá longe mesmo, falta muita compreensão ainda, tanto que não se fala de autismo no adulto, né, é muito pouco, eles vão para a sociedade e que Deus ajude, por que você não vê, e é o que eu te falo, [...] você não vê eles no mercado de trabalho, eles têm que ser muito bons naquilo que eles fazem. [...] porque o mercado chamar por conta, não acontece. Amigos concretos, uma, desde a infância, mas tem colegas, [...] de amizade que é dela, ela tem a Mi., de restante não. (Mãe - Laura)

Para os professores, ainda há muito trabalho para se fazer no quesito “inclusão das pessoas com autismo na escola”.

[...] todos eles ficam mais isolados, então, a sociedade ainda não sabe lidar com a socialização deles [...] então, não é fácil a socialização, mas né, a gente tem que tentar. Eu acho que o nosso papel de inclusão ainda está difícil de ser, de ter sucesso ainda do jeito que nós levamos. (Prof. ^o Ricardo)

[...] Incluídos na escola sim, eu acredito que a escola pública ela tem esse ponto muito positivo que é grande a inclusão [...] quando eles têm amigos, são fiéis. [...] a família que apresenta o filho para a sociedade dá impressão que ele se desenvolve melhor, é isso aí, a gente fala assim, que o social não depende só da escola. (Prof. ^a Luiza)

[...] Olha, é difícil essa parte, porque assim, o nosso governo, eu vejo assim, ele quer uma inclusão para a criança, que ela esteja no meio dos outros, mas nós sabemos que as coisas não são bem assim, nós professores tentamos colocar, ajudar, mas nós sabemos que o entremeio das crianças eles ficam mais sozinhos. (Prof. ^a Ana)

[...] Tá havendo uma mudança de visão, tá acontecendo, porque cada vez mais, tem mais alunos, né, com deficiência. Mas ainda é um trabalho longo, ainda é um trabalho que vai demandar um bom tempo para aceitação. Convive-se, mas não vou dizer que eu os trate da mesma maneira, não, e também tem a questão mesmo do autismo do aluno né, deles não conseguem se expressar [...] eles ficam muito internalizados naquele mundo deles e eles mesmo na verdade, talvez pelo fato de não conseguirem interagir tão bem né, ficam no mundo deles. Não dão muito espaço pra, pra amizades, assim, entende, pra estabelecer relações assim de amizade. (Prof. ^a Bianca)

Desde a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), estabeleceu-se a inclusão de crianças e adolescentes com deficiência nas escolas regulares, embora que em 2021 ainda haja dificuldades na efetivação destas ações. De acordo com Cabral e Marin (2017), a igualdade de acesso à escola àqueles que necessitam ou não de atendimento educacional especializado, visa o desenvolvimento integral do aluno e o respeito de sua singularidade, uma vez que a educação é um direito de todos.

Bastos e Deslandes (2009) enfatizam que a educação precisa se comprometer com o desenvolvimento da autonomia, socialização e cultura, com a valorização das potencialidades do estudante, além do seu desempenho acadêmico.

Os adolescentes se sentem mais confortáveis no momento atual em se relacionar com os pais, professores e colegas, se comparado a quando eram menores (questão 14), como demonstram os trechos a seguir:

[...] Fácil, eu acho, quando é uma pessoa que eu já sei é mais fácil, se é uma pessoa que eu não sei, eu nem tento, eu não tenho interesse em conhecer pessoas novas geralmente. (Adolescente Henrique)

[...] Quanto aos pais era mais fácil, ainda confiava. Quanto aos colegas e professores está de boa também. [...] quando eu era criança era melhor. (Adolescente João)

[...] com a minha mãe é mais fácil, mas com o meu pai é um pouquinho mais difícil porque ele nunca fica em casa o tempo todo, porque ele tem que trabalhar, [...] professores é simpático. (Adolescente Sabrina)

[...] É mais fácil, eu nunca tive que me esforçar para fazer amizades ou falar com meus professores ou meus pais. Principalmente com os meus pais, porque meus pais sempre me amaram muito. (Adolescente Solária)

As mães apresentaram opiniões diferentes sobre o assunto,

[...] eu acho mais fácil, porque eu conheço melhor ele, né, eu conheço melhor ele, e sei do que ele é capaz. (Mãe - Lucia)

[...] Em alguns aspectos, assim, eu acho mais fácil por ele entender melhor algumas coisas, mas assim um pouco mais difícil por esse natural de não querer ficar mais perto. (Mãe - Catarina)

[...] Mais difícil, no sentido de é..., disso mesmo, dela já estar indo pro lado do adulto, ela já tem a personalidade própria. (Mãe - Carla)

[...] hoje assim bem mais fácil, bem mais fácil, mas já tivemos períodos conturbados. (Mãe - Laura)

Os professores divergiram sobre as respostas: dois acreditam ser mais difícil trabalhar com a faixa etária dos adolescentes e dois (duas professoras) não souberam responder ao certo.

[...] Reprodução e sexualidade eu acho difícil trabalhar com eles, porque nós como professores sempre generalizamos, nós queremos atingir a maioria com as mesmas palavras, com o mesmo jeito de trabalhar e se o aluno se recolhe e se retrai então a tendência é a gente não querer explorar esse assunto mais afundo com ele. (Prof.º Ricardo)

[...] Relacionado a puberdade e adolescência é difícil, [...] você tem que ter muito cuidado como você vai conversar, do jeito que você vai trabalhar com eles. (Prof.ª Luiza)

[...] Não sei, porque ao trabalhar o tema em si, eu não vi nada de diferente, coisa assim, o que foi trabalhado foi o conteúdo. (Prof.ª Ana)

[...] Não sei te responder bem certo, te dizer isso. (Prof.ª Bianca)

Os adolescentes, ao serem questionados sobre como se percebem quanto a serem adolescentes, em relação aos seus colegas (questão 15), disseram:

[...] Normal, talvez um pouco subdesenvolvido em certos aspectos, mas normal. [...] eu não ajo como os outros da minha idade agem. [...]

Sei lá, eles saem com os amigos, eles fazem coisas com os amigos.
(Adolescente Henrique)

[...] Eu tô de boa. [...] É contar piada que nem os outros, brincar.
(Adolescente João)

[...] não é tanta diferença, assim alguns são mais velhos, mais grandes, mas alguns são, assim, quase do meu tamanho, porque assim, eu não me sinto a pequenininha da sala, porque assim eu tenho 17 anos, mas todo mundo diz que fica com cara de surpreso porque acha eu que tenho 17 anos, mas tenho aparência de ter 12 ou 13. (Adolescente Sabrina)

[...] Eu não faço esse negócio de comprar, eu tenho dificuldade para me colocar no lugar do outro. (Adolescente Solária)

Às mães foi questionado se notam diferença de comportamento entre o seu filho ou filha adolescente e os demais (questão 15):

[...] Quanto a adolescência, eu não vejo diferença, como eu disse eu [...] dou catequese e vem crianças de todo jeito, né, para catequese, grandes e maiores, então, eu não vejo muita diferença. (Mãe – Lucia)

[...] Um pouco na questão da conversa o João ele interrompe um pouco, ele não vê, [...], a hora certa dele falar, ele tem aquela ansiedade de falar rápido, ah senão eu vou esquecer. (Mãe -Catarina)

[...] ela é assim, imatura, perante os outros adolescentes. (Mãe - Carla)

[...] a diferença é a maturidade, né, gigantesca a diferença de maturidade dela para os colegas da mesma idade dela. (Mãe - Laura)

Quanto a notar diferenças de comportamento entre os adolescentes autistas e os demais, os professores divergiram em suas respostas:

[...] Eu não conheço, não lembro de um aluno autista que tivemos que conseguia falar ou perguntar sobre esse tema livremente ou perguntava depois sabe? Não lembro, sabe? Então acho que é difícil para eles também. (Prof.º Ricardo)

[...] Conforme o aluno que a gente recebe a gente vê que ele é muito sozinho ele tá ali sempre, sempre isolado tem dificuldade até de conversar, porque conforme todo o contexto que ele veio né, então é muito complexo. (Prof.ª Luiza)

[...] Não, ele vem para sala de aula para estudar, não vejo uma mudança de comportamento. (Prof.ª Ana)

[...] Ah... muita diferença, muita diferença, como eu já te falei, por exemplo, parece que eu percebo que eles não têm esse interesse, talvez pelo fato que eles ficarem no mundo deles e os outros não importam. (Prof.ª Bianca)

Os adolescentes entrevistados revelaram gostar de si mesmos, se sentirem bem no momento atual e não terem problemas com a condição de

serem pessoas com autismo (questão 16).

[...] Normal. pelo menos pra mim. *Como você se sente hoje?* Um estado neutro[...] *Você gosta de você?* Sim. (Adolescente Henrique)

[...] É de boa, eu tô de boa, eu converso, eu brinco, conto piada. [...] *Como você se sente hoje?* Eu tô de boa, tô de boa, mais inteligente e mais músculo também... *Você se gosta?* Eu curto. Quem não curte a pessoa mesmo? (Adolescente João)

[...] hoje eu me sinto confiante, com eu mesma, como sempre foi. [...] *Você gosta de você?* Sim, assim, a minha mãe sempre disse que para gostar de outras coisas ou de outras pessoas a gente tem que se gostar de si mesmo primeiro. (Adolescente Sabrina)

[...] Não vou mentir para você, é bem difícil, por causa da minha distração [...] eu sou bem distraída. *E como você se sente hoje?* Estou bem. [...] *Você gosta de você?* Gosto. (Adolescente Solária)

Indagadas sobre como é ser mãe de um/uma adolescente com autismo (questão 16), as mães responderam:

[...] Então assim, com ele eu tenho que ter mais paciência, porque ele tem mais dificuldade [...] (Mãe - Lucia)

[...] Acho que muito aprendizado, acho que desde o começo até agora eu aprendi muito, eu tenho muitas preocupações com o futuro, assim essas questões, assim mais com ele, de conseguir seguir sozinho sabe, acho que é a maior preocupação, né, que a gente tem né e eu acho que hoje em dia fico mais tranquila nesse aspecto. Eu acho muito legal, porque parece que, não vou falar dever cumprido, porque sempre tem algo a mais, só que assim ele está preparado para ir sozinho [...] (Mãe - Catarina)

[...] Ai como cansa, é muito difícil, você criar uma pessoa pro mundo que você não sabe se você estará aqui amanhã, quem vai cuidar aí tem gente que fala assim, você protege demais, amanhã ou depois você não está mais aqui, você tem que dar mais liberdade. Porque ela não conhece dinheiro ela não conhece, horas, ela não tem noção de tempo, mês dia, ano [...] (Mãe - Carla)

[...] É um Desafio, né, eu vou te falar que por muito tempo, quando a Solária era criança, eu romantizei o autismo, não porque eu quis, porque é o que passam na infância, a o tal do anjo azul [...], não é uma doença, mas é uma limitação para o resto da vida que traz coisas positivas, mas traz coisas negativas e as negativas atrapalham muito a vida que a socialização, né, se você não se comunica, se você não socializa, se você não consegue interpretar o mundo real, fica difícil viver, né, então eu falo assim que a palavra mesmo é desafio. (Mãe - Laura)

Mães de crianças com autismo tendem a apresentar maiores índices de estresse, problemas relacionados à saúde mental e conjugais, em relação a mães de crianças com outros tipos de síndromes ou transtornos. Porém, durante a transição entre adolescência e vida adulta, as pesquisas revelam um índice de

remissão das características relacionadas à saúde mental, estresse, depressão e ansiedade, e melhora no relacionamento com os filhos e filhas com autismo (LOUNDS *et. al.*, 2007).

Sobre ser professor/a de um/uma adolescente com autismo (questão 16), os docentes revelaram:

[...] Infelizmente, nós os levamos praticamente como alunos regulares e a gente não consegue dar atenção prioritariamente para eles, ou seja, dentro das necessidades que eles precisam, tanto é que quando tem um professor apoio eu acho muito mais fácil. (Prof^a Ricardo)

[...] eu amo, eu me identifico, acho que tudo dá certo, né, pela faixa etária que eu trabalho, por essa questão da adolescência, enfim dá tudo certo, no meu caso sou muito feliz. (Prof^a. Luiza)

[...] Tem que ter um jogo de cintura muito bom, você tem que saber contornar, porque se você chegar ali e achar que ele vai se comportar, então você tem que ter aquela calma para entender que aquela criança é diferente, do que você achar que é igual aos outros. (Prof^a Ana)

[...] é um desafio muito grande, porque cada aluno que eu atendo, eu tenho que aprender, porque assim todo conhecimento que eu adquiro, ele, ele ajuda, mas ele não é suficiente ou não é válido para aquela, pra aquele aluno. (Prof^a Bianca)

A opinião dos professores sobre como é ser professor de um adolescente com autismo, revelam as dificuldades e o prazer em trabalhar com a diversidade e a inclusão na escola.

Adurens e Vieira (2018) afirmam que pesquisas revelam que os professores vêm apresentando um olhar positivo no que se refere à inclusão de alunos com autismo, mesmo que o desenvolvimento educacional destes alunos seja lento e sutil, se em comparação com os demais alunos. Porém, advertem que os professores ainda possuem ressalvas quanto à efetividade da inclusão nos moldes atuais e que muitos apresentam ainda dificuldades quanto ao sucesso de práticas de ensino para este público.

Por meio das entrevistas foi possível notar que os adolescentes com autismo apresentam conhecimentos sobre as fases da puberdade e adolescência. Apresentam uma abrangente ideia sobre educação sexual e de autocuidados, como as relações que estabelecem com os colegas, amigos, professores e familiares são limitadas; foi possível perceber que possuem poucos amigos ou nenhum amigo íntimo.

Notou-se que não há sofrimento aparente na passagem pela puberdade. Os relatos indicam para o desenvolvimento comum a todos os púberes da

mesma faixa etária. Não foi possível verificar qualquer tipo de diferença entre a compreensão sobre as mudanças físicas e comportamentais entre adolescentes do sexo feminino e masculino. Percebeu-se que em ambos os sexos as mudanças foram notadas com naturalidade.

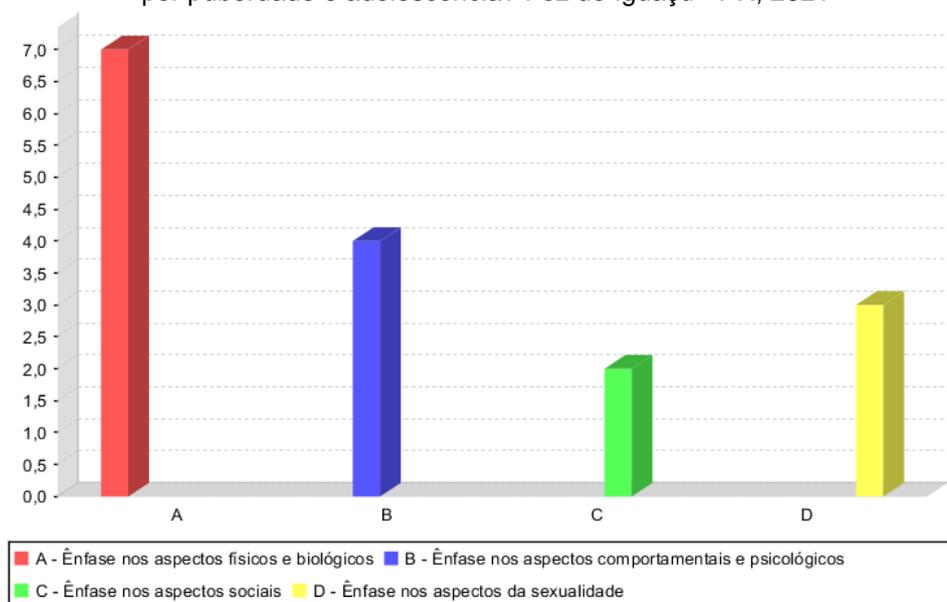
Quanto à percepção de responsáveis e professores sobre a fase da puberdade na adolescência, percebeu-se que há diferenças de olhar pelo vínculo estabelecido. As mães entrevistadas percebem, com maior preocupação e cautela, as mudanças comportamentais e físicas que ocorrem durante esta fase. A educação sexual, para uma das mães, aparece com um tabu com necessidade de ser quebrado, os cuidados quanto à higiene pessoal, se destacou como algo a sempre ser frisado. As relações de amizade entre seus filhos e outros adolescentes são poucas e o interesse pelas relações amorosas, passou a ser eminente, principalmente no sexo feminino.

Os professores relataram dificuldade e cautela quanto à educação sexual: apresentam dificuldades em perceber algumas características comuns da fase adolescente, como o interesse em relacionamentos amorosos nos seus alunos com autismo. Notam que estes adolescentes ficam, em geral, mais isolados no ambiente escolar, porém, tentam interagir e estimular que os colegas interajam com eles. A percepção dos professores mostra a intenção de incluir o estudante com autismo no processo educacional e com os colegas. Relatam tentar ministrar as suas aulas de forma acessível a todos, porém, ainda sentem falta de mais cursos e recursos para integrar estes alunos com qualidade e efetividade.

5.3 Análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) sobre adolescência e puberdade

Os resultados quantitativos das respostas, sobre o que os participantes da pesquisa entendem por puberdade e adolescência, são mostrados na figura 1. Observou-se que a maior frequência de respostas está relacionada aos aspectos físicos e fisiológicos.

Figura 1 - Resultados quantitativos das respostas da questão 01: O que você entende por puberdade e adolescência? Foz do Iguaçu - PR, 2021



Fonte: As autoras (2021).

A frequência de ideias dos entrevistados é apresentada na tabela 1. Observou-se que para algumas perguntas houve respostas múltiplas, por alguns participantes.

Tabela 1 – Frequência de ideias dos 12 entrevistados quanto a pergunta: O que você entende por puberdade e adolescência? Foz do Iguaçu, PR, 2021

	(N)	frequência Idéias	frequência Entrevistados
A Ênfase nos aspectos físicos e biológicos	7	43,75 %	58,33 %
B Ênfase nos aspectos comportamentais e psicológicos	4	25,00 %	33,33 %
C Ênfase nos aspectos sociais	2	12,50 %	16,67 %
D Ênfase nos aspectos da sexualidade	3	18,75 %	25,00 %
TOTAL DE RESPOSTAS	18		
TOTAL DE ENTREVISTADOS	12		

Fonte: As autoras (2021).

Na sequência, seguem as categorias de respostas que foram elencadas por meio da análise dos relatos dos entrevistados para a questão anterior. Foram categorizadas quatro ênfases das falas dos sujeitos, de acordo com os temas que surgiram durante a entrevista:

- Categoria “A” – com ênfase nos aspectos físicos e biológicos, relatos que exprimem as mudanças corporais e hormonais que ocorrem na adolescência e puberdade;

- Categoria “B” – com ênfase nos aspectos comportamentais e psicológicos, falas sobre dúvidas, incertezas, humor, mente e autocuidados;
- Categoria “C” – com ênfase nos aspectos sociais, falas que frisaram aspectos relacionas às amizades, família e interesses,
- Categoria “D” – com ênfase nos aspectos da sexualidade, relatos que exprimem opiniões sobre o amadurecimento e orientação sexual.

E nas expressões chaves, para melhor demonstrar essas expressões, enfatizamos em negrito alguns termos ou frases.

A compreensão da adolescência como um período singular do desenvolvimento humano, só ocorreu entre os séculos XIX e XX. Schoen Ferreira e Aznar-Farias (2010, p.228) afirmam que “acontecimentos sociais, demográficos e culturais parecem ter propiciado o estabelecimento da adolescência.” Os aspectos físicos e biológicos do ser humano se desenvolvem no período compreendido como puberdade e adolescência, nos quais o corpo infantil dá origem ao corpo adulto. No DSC (categoria: A) estes aspectos foram evidenciados com maior frequência nas falas dos entrevistados.

Categoria: A – Ênfase nos aspectos físicos e biológicos (Mudanças corporais e hormonais)

Expressões-chave:

[...] nessa fase quando falamos em adolescência, onde **aflora todo o corpo em todos os sentidos**, porque ele muda completamente. (Prof.^a Ana)

[...] puberdade eu acho que é a parte dos **hormônios**. (Prof.^a Ana)

[...] puberdade é aquele período em que ocorre aquelas **mudanças biológicas, fisiológicas** e se não me falha a memória, eu acho que é quando o jovem assim ele tá pronto para ter filhos né, aquela, aquela fase que ocorre aquelas mudanças todas do corpo. (Prof.^a Luiza)

[...] é o que eu estou agora, com **músculos** e inteligência maior. (Adolescente João)

[...] eu entendo que é uma **mudança né, física**, mental deles, né, um descobrimento deles né do **corpo humano**, não só do corpo dele. (Mãe - Lucia)

[...] quanto eu deixo de ser uma criança e me **torno uma adolescente/adulta**. (Adolescente Solaria)

[...] etapa da vida em que o seu **corpo de criança está mudando para um corpo de adulto** e o mesmo acontece com a sua mente. (Adolescente Henrique)

DSC – Adolescência e puberdade são fases em que a criança muda do corpo infantil para o corpo adulto, o corpo começa a se transformar, ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas, aumentam os músculos e há o desenvolvimento da inteligência, além de ocorrer a descoberta do próprio corpo e do corpo do outro e torna-se pronto para ter filhos, ou seja, deixa de ser uma criança e passa a ser um adolescente/adulto.

As mudanças biológicas são universais e se iniciam na puberdade. Junto a estas transformações, que modificam as crianças, dando-lhe forma e sexualidade de adultos, ocorrem mudanças de cunho psicológico, social e comportamental. Apenas as mudanças biológicas não tornam um sujeito maduro e adulto (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010).

Ao se pensar sobre a adolescência, os sujeitos trazem consigo discursos que remetem aos comportamentos e ao desenvolvimento psicológico e biológico (Categoria: B). Schoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010) destacam que estes aspectos sempre estiveram evidentes, independente do período histórico-cultural, mas que nem sempre foram reconhecidos socialmente.

Ao traçar uma linha histórica para o entendimento da adolescência, Lira e Silva (2017), salientam que, na história da humanidade, a puberdade sempre foi reconhecida, mas a adolescência passou a ser encarada como um fenômeno natural do desenvolvimento biopsicossocial apenas no século XIX, com a redefinição dos papéis sociais femininos e da forte industrialização e reorganização do trabalho.

Categoria B – Ênfase nos aspectos comportamentais e psicológicos

Expressões-chave:

[...] quando nós falamos dessa parte da adolescência, dessa mudança para a fase adulta é nesse estágio, nós notamos **muitos conflitos das crianças**. (Prof.^a Ana)

[...] momento bem de troca, de **sair daquela parte infantilizada**, de repente vem aquele período da mulher assim muito importante. (Mãe - Carla)

[...] adolescência, a diferença também ocorre nessa transição, acho o fundamental da adolescência quando ele **sai daquela fase infantil, né para fase adulta**, digamos assim, né. Eu acho que é isso e também tem essa questão do **desenvolvimento, né, da mente**, do corpo, do

físico, acho que é mais ou menos isso, essa adolescência tem aquelas alterações de níveis muito acentuado né, **alteração de humor**, alteração do corpo físico, **mental** e social né, acho que isso é mais na adolescência. (Prof.^a Luiza)

[...] eu **acredito que essa parte da higiene também falha** né, um pouco na adolescência né, se eu me recordo da minha adolescência a mãe tinha que ficar pegando no pé. (Mãe - Laura)

DSC – Durante a adolescência, ocorre a transição da fase infantil para a fase adulta: o corpo físico e a mente mudam, ocorrem alterações de humor e nos aspectos sociais também, ocorrem muitos conflitos, a higiene falha, sai daquela parte infantilizada.

Almeida *et. al* (2007) afirmam que a adolescência é um momento decisivo do desenvolvimento humano, marcando a aquisição da imagem corporal definitiva e a estruturação da personalidade. Este processo é descrito pelos autores como um *continuum* do processo evolutivo, no qual ocorre a ruptura da infância para a entrada de uma nova fase da vida, com o início dos conflitos entre gerações, a constatação dos próprios pais de que estão envelhecendo e a rejeição inconsciente destes ao fato de que os filhos estão crescendo.

A adolescência é vista como o período da impulsividade e excitabilidade desde a Antiguidade. As alterações de humor e comportamento e a necessidade de orientação são registradas desde a Grécia antiga em que “os jovens eram submetidos a um verdadeiro adestramento, cujo fim seria inculcar-lhes as virtudes cívicas e militares” (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010).

Os aspectos sociais são evidenciados na categoria C. Freitas *et al.* (2018) afirmam que as relações sociais, durante o período da adolescência, passam a extravasar do seio familiar para a os círculos de amizade. Os pares passam a apresentar maior importância quanto a opiniões e comportamentos, sendo uma característica apresentada desde os tempos mais remotos das civilizações. As amizades fornecem ao adolescente uma base extrafamiliar para a exploração do mundo ao seu redor e de seus próprios comportamentos.

Categoria C - Ênfase nos aspectos sociais

Expressões-chave:

[...] a adolescência a gente geralmente caracteriza por tanto pela faixa etária, né, quanto pelo comportamento, né. O adolescente, ele, a gente caracteriza como se ele estivesse saindo né da fase da Infância e entrando numa fase em que quer amadurecer. Então, **ocorre o comportamento assim um pouco desviado** né, que era a infância,

ou seja, as **brincadeiras mais simples é ficam de lado** né, cabelo, skate **considera mais infantis** ficam de lá e ele começa a ter outros interesses. **Geralmente interesses da própria juventude, né, músicas, danças, jogos e atividades que caracterizam a saída da fase da infância para essa fase que é a adolescência que faz né depende da pessoa também** e vai até às vezes os 20 anos, 20 e alguns anos, para alguns né. (Prof. Ricardo)

[...] a adolescência é essa fase em que o indivíduo deixou a fase da Infância e ainda não chegou a idade adulta, e **não consegue assumir todas as responsabilidades do adulto, vamos falar assim, mais pessoais né, como indivíduo cidadão, quanto também pessoa, dentro da família, dentro da sociedade.** (Prof. Ricardo)

[...] bom é, eu acho, tipo assim, **é não esconder nada dos pais.** (Adolescente Sabrina)

DSC – Adolescência é caracterizada pela faixa etária: às vezes vai até os 20 anos. Nesta fase, a criança quer amadurecer, muda de comportamento e interesses, não consegue assumir todas as responsabilidades do adulto, como indivíduo e cidadão, como também na constituição da pessoa, dentro da família, dentro da sociedade, nada mais precisando esconder dos pais.

De acordo com Lira e Silva (2017), durante a adolescência o sujeito deseja a sua subjetivação, ou seja, a construção do seu próprio *self* como sujeito singular. As dificuldades quanto a este processo, são inerentes às expectativas e demandas sociais externas, tanto da família, como da sociedade e grupos aos quais pertencem.

Para as autoras (2017), o suporte social é oferecido pelos grupos em que os adolescentes estão inseridos. Estes grupos têm como objetivo oferecer o sentimento de coesão, pertencimento e apoio para o enfrentamento da realidade e ajudam, como suporte afetivo, na fase da adolescência.

As amizades, diferentemente das relações familiares, principalmente das relações entre pais e filhos, dão a sensação de relação simétrica e horizontal. Os adolescentes encontram nos seus pares, a confiança para serem e sentirem o que são, sem medo de julgamentos e com a imagem de que se comportam e se expressam com iguais, diferente do que sentem com seus pais, pois com eles a relação é vertical. Nas relações de amizade, os adolescentes se apoiam uns nos outros, divertem-se, compartilham de ideias, ao mesmo tempo em que dividem confidências, sentimentos e intimidades (FREITAS *et al.* 2018).

É nas relações sociais que o sujeito se torna humano, nas trocas de ideias, nas histórias e na cultura. De acordo com Vygotsky (2018), a

subjetividade do ser humano se forma nas relações que tem com outros seres humanos, o seu aprendizado e desenvolvimento se estabelecem por meio das trocas entre pares e o seu conhecimento se faz nas experiências vividas, o que vai para além dos saberes formais da escola. O desenvolvimento ocorre, por fim, anterior ao aprendizado, que se sobrepõe ao longo a desenvolvimento efetivo.

Categoria D - Ênfase nos aspectos da sexualidade

Expressões-chave:

[...] eu acredito, essa fase hormonal, essas incertezas, essas **questões relacionadas à sexualidade** que eles até tem. (Mãe - Catarina)

[...] então mudança física e emocional né, principalmente aqui em casa foi assim, **sexualidade, orientação sexual, sentimentos à flor da pele, todos eles, né, muitas curiosidades.** (Mãe -Laura)

[...] a puberdade eu caracterizo como a fase em que o indivíduo, em que ele tem biologicamente falando, uma descarga maior de hormônios que causam as mudanças físicas, **sexuais, tanto primárias e quanto secundárias e vai alterar a voz, vai aparecer mais pelos pelo corpo, né, os órgãos sexuais começam a se desenvolver**, as meninas tem o quadril um pouquinho começa a desenvolver o quadril e os seios um pouquinho mais, aumenta a estatura né então a puberdade para mim é o início né da preparação do indivíduo para **se tornar apto ao relacionamento sexual.** (Prof. Ricardo)

DSC: A adolescência e a puberdade são caracterizadas pelas mudanças física e emocional, pela maior descarga hormonal que causam as mudanças físicas, sexuais, tanto primárias, quanto secundárias; é o início da preparação do indivíduo para se tornar apto ao relacionamento sexual. Os sentimentos estão à flor da pele, todos eles, e ocorrem muitas curiosidades.

A adolescência é uma fase que envolve mudanças biopsicossociais marcada por conflitos com a própria imagem corporal, incluindo também a sexualidade. Dentre as mudanças que ocorrem na transição entre a infância e a vida adulta, as relacionadas à sexualidade são tratadas na adolescência, ainda na atualidade, como tabus (BARBOSA *et al*, 2017).

Para Ciampo e Ciampo (2010), a maneira como o adolescente vai percebendo o seu corpo molda a sua autoestima. A autoaceitação ou a insatisfação corporal estão relacionados ao desempenho emocional e social do indivíduo em formação. A identidade vai se moldando durante a adolescência. As preferências individuais quanto à sexualidade, crenças, desejos e objetivos vão se consolidando durante esta fase.

Os aspectos emocionais e da sexualidade ainda estão imaturos e a autopercepção, durante a adolescência, causa flutuações emocionais e a sensação de vulnerabilidades comuns nesta fase (RODRÍGUEZ-NARANJO; CAÑO-GONZÁLEZ, 2012).

Em diversas culturas se acredita que, na fase da adolescência, é comum o ser humano passar por um momento de crise em relação a si e à sociedade que o envolve, para Souza e Silva (p. 4, 2018).

Na adolescência, a formação de um corpo qualitativamente e quantitativamente diferente da infância resulta em novas configurações subjetivas. Não nos é desconhecida, por exemplo, a afirmação de que a adolescência é uma fase inerentemente problemática. Sabemos que tal aceção parte de preconceitos e estereótipos que são herdados da teoria maturacionista.

A teoria maturacionista aponta para a maturação biológica e não leva em consideração os fatores sociais e culturais que envolvem a adolescência, como os rituais de passagem, a moda, a mídia, a religião, a família, a escola, entre outros fatores que envolvem o meio social em que o sujeito está inserido.

Para a psicologia histórico-crítica, na adolescência as ideias passam do plano exterior para o plano interior durante a adolescência (SOUZA, SILVA, 2018). As emoções se originam das interações externas, ou seja, entre os seres humanos e o ambiente, sendo consideradas propulsoras do desenvolvimento individual e úteis quando ativas (VYGOTSKY, 2004).

Para Vygotsky (2004), as emoções auxiliam na construção dos comportamentos e das funções psíquicas superiores. Assim, todas as emoções, que surgem no desenvolvimento da criança para adolescente e adulto, são importantes para organização de seus comportamentos e emoções.

O desenvolvimento de cada indivíduo perpassa a natureza biológica e se constrói como funções psicológicas superiores, a partir das relações estabelecidas com outros seres humanos, o que irá definir a sua natureza psicológica (VYGOTSKY, 2004).

Para Vygotsky (1991), o ser humano não se desenvolve apenas por meio de aspectos fisiológicos, mas também por estar inserido em um meio sociocultural que lhe confere humanidade. Neste sentido, o ser humano só se torna tal por meio das interações com outros seres humanos (SOUZA, SILVA, 2018).

Por meio das observações feitas a partir do discurso do sujeito coletivo e da análise descritiva das entrevistas sobre puberdade e adolescência de adolescentes com autismo, produziu-se o infográfico (APÊNDICE G), que apresenta a síntese das características sobre puberdade, adolescência e autismo.

O infográfico é uma ferramenta auto explicável, de fácil interpretação e tem como propósito garantir a explanação de um determinado tema por meio de imagens e textos de forma atrativa e cativante que promovam a reflexão sobre algum tema (MENDES, JUNIOR, SILVA, 2017).

Com o auxílio do recurso visual infográfico, foi possível sintetizar conceitos importantes sobre puberdade, adolescência e autismo para a chamada de atenção sobre o tema e a necessidade de se conhecer melhor este transtorno do neurodesenvolvimento em adolescentes.

Assim, o material tem como propósito fundamental informar de forma atrativa, todo o público interessado em conhecer sobre a puberdade, a adolescência e o autismo independentemente da faixa etária, reforçar a integração e inclusão destes sujeitos na sociedade e contribuir para o esclarecimento de dúvidas sobre o tema, assim como somar as escassas publicações existentes sobre o tema.

Como perspectiva futura, o infográfico proposto será exposto no colégio, cenário da pesquisa, e avaliado de acordo com literatura da área, sendo utilizado como ferramenta para ampliar o conhecimento sobre o tema “adolescência, puberdade e autismo”, despertando o interesse do público em geral e servindo de *insight* para novas pesquisas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência e a puberdade são fases de intensas mudanças. Todos passamos por esta fase com menores ou maiores desafios, as demandas sociais mudam, o corpo já não é mais o mesmo, os hormônios interferem drasticamente, há pelos onde antes não havia nada, há a poluição e a menstruação, os interesses começam a mudar, o que parecia tão importante dá lugar a novos desejos e vontades, o outro ou outra começa a parecer interessante, as demandas sociais se tornam outras.

Na adolescência de pessoas com autismo, estes desafios se somam com as características do transtorno, dificuldades de interação, comportamento rígido e repetitivo, interesses restritos e falta de assertividade. Por meio das entrevistas, percebemos as percepções que os adolescentes com autismo possuem de si e destas relações durante a puberdade e adolescência.

Por meio das entrevistas, investigaram-se as percepções e interpretações de adolescentes com autismo, seus responsáveis e professores quanto às mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade na adolescência. Percebeu-se que os aspectos investigados são compreendidos de forma natural e comum a outros adolescentes da mesma faixa etária.

Conheceu-se como os adolescentes com autismo assimilam os conhecimentos sobre a puberdade e a adolescência e como encaram esta fase da vida no seu próprio desenvolvimento.

Identificou-se que os adolescentes entrevistados recebem orientações sobre as fases da puberdade na adolescência e reconhecem as mudanças decorrentes desta fase.

Quanto ao discurso do sujeito coletivo, percebeu-se que, ao se questionar sobre o que entendem por puberdade e adolescência, os participantes levantaram quatro categorias de respostas, ênfase nos aspectos físicos e biológicos, ênfase nos aspectos comportamentais e psicológicos, ênfase nos aspectos sociais, e ênfase nos aspectos da sexualidade.

As quatro ênfases levantadas apontam para a complexidade desta fase do desenvolvimento humano. Os aspectos físicos e biológicos foram os mais enfatizados, pois são também os mais perceptíveis durante a puberdade, a perda do corpo infantil e a passagem para as características adultas, são um marco do

desenvolvimento humano. Os aspectos comportamentais e psicológicos foram os segundos mais comentados. As mudanças comportamentais durante a adolescência são de grande preocupação de pais e responsáveis e na escola muitos alunos passam a apresentar comportamentos diferentes dos habituais nesta fase da vida. Os Aspectos da sexualidade foram citados com a preocupação da iniciação sexual e o interesse pelo outro, algo comum e esperado na puberdade e adolescência. Por fim, os aspectos sociais, grupos de amigos, família e interesses demonstram a percepção quanto as mudanças de perspectivas quanto as relações interpessoais ao longo da puberdade e adolescência.

Este estudo teve como limitação o número de participantes entrevistados para ampliação das perspectivas investigadas.

Por meio desta investigação foi possível conhecer a perspectiva de três grupos de sujeitos que interagem entre si, com maior ou menor intensidade. A perspectiva de cada grupo revelou como percebem a puberdade e a adolescência, características comuns e diferentes entre adolescentes com autismo e sem autismo, preocupações e potencialidades destes sujeitos.

Com este estudo foi possível produzir um material informativo sobre as características da puberdade, adolescência e do autismo com o intuito de mostrar a importância de se conhecer sobre o TEA na adolescência e incentivar a inclusão destes adolescentes.

Conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista durante a fase da adolescência, se mostrou essencial para o desenvolvimento de práticas assertivas com estes adolescentes e na compreensão dos mesmos como sujeitos biopsicossociais e culturais que têm muito a contribuir com a sociedade.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5**. 5ªed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

ANDRADE, *et al.* Desenvolvimento cerebral na adolescência: aspectos gerais e atualização. **Adolesc. Saude**, v. 15, p. 62-67, 2018. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15s1a08.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2021.

ADURENS, F. D. L; VIEIRA, C. M. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 94-124, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072018000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 jan. 2022.

AREND, H. R. F. *et al.* A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n.6, 2021. Disponível em: <<https://www.rsjournal.org/index.php/rsd/article/view/15558/13926>> Acesso em: 11 jan. 2022.

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Adolescer com deficiência mental: a ótica dos pais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p. 79-87, fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BENINI, W; CASTANHA, A. P; **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum**: Desafios e Possibilidades. (Produção diático-pedagógica) 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf>. Acesso em: 17set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. 2. ed. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei n. 12.746, de 27 de dezembro de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <<http://www.planalto.gov>>. Acesso em 01 out. de 2021.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 20 set. de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>>. Acesso em: 20 set. de 2019.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf>. Acesso: 30 mar. 2020.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov>. Acesso em 01 out. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CABRAL, S. C; MARIN, A. H. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.33, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/316028760_Inclusao_escolar_de_crianças_com_Transtorno_do_Espectro_Autista_Uma_revisao_sistematica_da_literatura>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAMARGO, S. P. H; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 65-74, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CANHOTA, C. Qual a importância do estudo piloto? *In*: SILVA, E. E. (Org.). Investigação passo a passo: perguntas e respostas para investigação clínica. Lisboa: APMCG, 2008. Disponível em: <<https://apmgf.pt/apmgfbackoffice/files/Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Passo%20a%20Passo.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2020.

CIAMPO, L.A.D; CIAMPO, I.R.L.D. Adolescência e imagem corporal. **Adolesc Saude**, v. 7, n. 4, p. 55-59, 2010. Disponível em: <http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=246#>. Acesso em: 17 abr. 2021.

CRUZ, F.N; ALMEIDA, D. R. O discurso do sujeito coletivo como método de investigação e aprendizagem em avaliação do impacto das tecnologias digitais nas políticas públicas educacionais. **IV encontro brasileiro de administração pública**. João Pessoa – Paraíba, 2017. Disponível em: <<http://plone.ufpb.br/ebap/contents/documentos/0614-631-o-discurso-do-sujeito-coletivo-como-metodo-de-investigacao-e-aprendizagem-em-avaliacao-do-impacto-das-tecnologias-digitais-nas-politicas-publicas-educacionais.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2020.

FRANCO, M. A. M.; RIBEIRO, C. D.; ALMEIDA, F. N. Atendimento educacional especializado: o que pensam professores sobre sua atuação e formação. **Revista Teias** v. 20 • n. 57 • Abr./Jun. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/38697/30209> Acesso em: 15 dez. 2021.

FREITAS, M., *et al*. Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. **Análise Psicológica**, v. 2, p. 219-234, 2018. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/235398305.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2021.

GOMES, P. T. M. *et al*. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, abr. 2015.

- Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572015000200111&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- HERVAS, A. Un autismo, varios autismos. Variabilidad fenotípica en los transtornos del espectro autista. **Rev Neurol.**, Barcelona, 2016. Disponível em <<https://www.neurologia.com/articulo/2016068>> Acesso em: 02 set. 2020.
- HULL, L; PETRIDES, K. V; MANDY, W. The Female Autism Phenotype and Camouflaging: a Narrative Review. **Rev J Autism Dev Disord**, London, 2020. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s40489-020-00197-9>>. Acesso em: 27 mai. 2021.
- KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- KLIN, A; MERCADANTE, M. T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- LEFEVRE, A. M. C. *et al.* Assistência pública à saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens. **Saude soc.**, São Paulo, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902002000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2020.
- LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e soluções comunicativas. **Texto contexto - enferm.** Florianópolis, v. 23, jun.de 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000200502&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 set. 2020.
- LIRA, D. M. B; SILVA, R. C. A. Adolescência – Quando surgiu e para onde vai? Um Recorte Histórico e Psicossocial. **Revista latino-americana de psicologia corporal**, n.6, abr/2017. Disponível em: <<https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc>> Acesso em: 11 jan. 2022.
- MAENNER, M. J; SHAW, K.A; BAILO, J; *et al.* Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — **Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network**, 11 Sites, United States, 2016. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6904a1external icon](http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6904a1external%20icon)>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- MAGALHÃES, C. J. S. *et al.* Práticas inclusivas de alunos com tea: principais dificuldades na voz do professor e mediador. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, nov. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/viewFile/10386/6961>> Acesso em: 07 set. 2020.
- MARCONDES, T.; SILVA, J. A. O ensino de ciências na educação inclusiva: o caso da sexualidade para adolescentes com deficiência intelectual. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – XI ENPEC, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos**: Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0801-1.pdf>> Acesso em: 10 out. 2021.

MARTINS, S., GONTIJO, D. T. Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, ago. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14134>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MASCOTTI, T. S. *et al.* Estudos brasileiros em intervenção com indivíduos com transtorno do espectro autista: revisão sistemática. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 12, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2020.

MENDES, A. G. L. M., JUNIOR, J. B. B., SILVA, N. M. O Uso do Infográfico em sala de aula: Uma Experiência na Disciplina de Literatura. **Revista Educação Online**, 11(3), 105-127, 2017. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path%5B%5D=934&path%5B%5D=819>. Acesso: 24 jan. 2022.

MENDES, E. G. Sobre alunos "incluídos" ou "da inclusão": Reflexões sobre o conceito de inclusão escolar. *In*: VICTOR S. L.; VIEIRA, A. B.; OLIVEIRA, I. M. (Orgs.), **Educação Especial Inclusiva: Conceituações, medicalização e políticas**. RJ: Brasil Multicultural, 2017. Disponível em: https://gestaoeducacaoespecial.ufes.br/sites/gestaoeducacaoespecial.ufes.br/files/field/anexo/educacao_especial_inclusiva.pdf#page=58. Acesso em: 24 out. 2021.

MORAES, B. R; WEINMANN, A. O. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 280-296, ago. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 mar. 2022.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: Estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

OTENIO, M. H; *et al.* Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Representação Social da Bacia Hidrográfica. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2603> Acesso em: 02 set. 2020.

PARANÁ. **Estudantes com autismo têm acompanhamento especializado na rede estadual de ensino**. 2019. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Estudantes-com-autismo-tem-acompanhamento-especializado-na-rede-estadual-de-ensino> Acesso em: 20 abr. 2020.

PARANÁ. **Secretaria da Educação**. Consulta Escola. Disponível em: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas-java/pages/templates/initial2.jsf?windowId=397&codigoMunicipio=830> Acesso em: 1 mai. 2020.

PAULON, S. M. *et al*; **Documento subsidiário à política de inclusão** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Brasília: 2005.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgI/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 10 out. 2021.

PRIOTTO, E. P. **Dinâmicas de grupo para adolescentes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Revista Evidência**. Araxá, MG, n. 4, p. 129- 148, 2008.

RODRIGUES, D. Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e Educação**: doze olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

RODRÍGUEZ-NARANJO, M. C; CAÑO-GONZÁLEZ, A. Autoestima en la adolescencia: análisis y estrategias de intervención. **International Journal of Psychology and Psychological Therapy**, Vol. 12, n. 3, p. 389-404, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4019787>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

ROSA, F. D; MATSUKURA, T. S; SQUASSONI, C. E. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019000200302&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2019.

SAAD, A. P. R. **Desenvolvimento psicossocial de adolescentes com transtorno do espectro do autismo**. Tese (Mestrado em Saúde e desenvolvimento) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3014>. Acesso em 10 de jan. 2020.

SANTOS, V; ELIAS, N. C. Caracterização das matrículas dos alunos com transtorno do espectro do autismo por regiões brasileiras. **Rev. bras. educ. espec**; 2018. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-977527>> Acesso em: 15 set. 2019.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SERBAI, Fabiana; PRIOTTO, Elis M.P.T.P. Autismo na adolescência uma revisão integrativa da literatura. **Educ. rev.** v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/SzvnLLvfB4Xf6wr8zh5rY7k/?lang=pt#> Acesso em: 10 de dez. 2021.

SCHOEN-FERREIRA, T. H; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SEVILLA, M. S. F; BERMÚDEZ, M. O. E; SÁNCHEZ, J. J. C. Aumento de la prevalencia de los trastornos del espectro autista: una revisión teórica. **International Journal of Developmental and Educational Psychology** [en línea]. 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349852058061>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

SILVA, A. J. A formação inicial dos professores de adolescentes: os adolescentes existem na EJA? **Paidéia**, Belo Horizonte, n. 7 p. 39-59 jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/950>> Acesso em: 12 out. 2021.

SOUZA, C; SILVA, D. N. H. Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. **Psicologia em Estudo** [online]. 2018, v. 23. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v23.e35751>>. Acesso em 30 mar. 2022.

TCHUMAN, R; RAPIN, I. **Autismo abordagem neurobiológica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TEODORO, G. C; GODINHO, M. C. S.; HACHIMINE, A. H. F. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, vol. 01, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/DialnetAInclusaoDeAlunosComTranstornoDoEspectroAutistaNoE-6070066.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2019.

UNESCO. DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca-Espanha, 1994.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In* LURIA, A. R. *et al.* **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005.

VYGOTSKII, L. S. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11 ed. São Paulo: Ícone, 2018.

APÊNDICE A – Entrevista com o/a responsável pelo adolescente com autismo



ENTREVISTA COM O RESPONSÁVEL

Nome fictício:	
Idade:	Gênero:
Qual o diagnóstico do seu/sua filho/filha? Com que idade foi diagnosticado/a?	
Seu/sua filho/filha faz uso de algum medicamento? Qual?	
Seu/sua filho/filha faz acompanhamento com profissionais especializados? Qual especialidade?	
Observações:	
Data da entrevista:	Duração:

- 1) O que você entende por puberdade e adolescência?
- 2) Você já leu alguma coisa sobre este tema para trabalhar com seu filho/a?
- 3) Você conversa sobre as mudanças físicas decorrentes da puberdade com o seu/sua filho/filha?
- 4) Quais mudanças físicas você percebe no seu/sua filho/filha? Como você se sente em relação a estas mudanças físicas?
- 5) Você notou mudanças comportamentais no seu/sua filho/filha? Quais? Como você se sente em relação a estas mudanças comportamentais?
- 6) Você conversa sobre higiene pessoal e autocuidados com o seu/sua filho/filha?
- 7) Você explica para o seu/sua filho/filha o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos? Como?
- 8) Você explica ou explicou para o seu/sua filho/filha o que é ereção e masturbação?
- 9) Você explica para o seu/sua filho/filha o que é menstruação?
- 10) Você conversa com o seu/sua filho/filha sobre gravidez e sexo seguro?
- 11) Como você avalia o ensino e o aprendizado do seu/sua filho/filha sobre estes temas?
- 12) Você nota se seu filho/filha demonstra interesse por ficar ou namorar?
- 13) Você sente que seu filho/filha é incluído na escola e na sociedade? Ele/ela tem amigos?
- 14) Atualmente considera a relação com o seu filho/filha mais fácil ou mais difícil?
- 15) Você nota diferença de comportamento entre o seu filho/filha e os demais adolescentes?
- 16) Como é ser mãe ou pai de um adolescente autista?

APÊNDICE B - Entrevista com o professor do/da adolescente com autismo



ENTREVISTA COM O PROFESSOR(A)

Nome fictício:	
Idade:	Gênero:
A quanto tempo atua no magistério:	
A quanto tempo acompanha este aluno:	
Observações:	
Data da entrevista:	Duração:

- 1) O que você entende por puberdade e adolescência?
- 2) Você estuda ou estudou sobre a adolescência?
- 3) Você trabalha o tema mudanças físicas decorrentes da puberdade com os seus alunos?
- 4) Quais mudanças físicas você percebe no seu/sua aluno/aluna?
- 5) Você notou mudanças comportamentais no seu/sua aluno/aluna?
Quais? Você acha que trabalhar com o este nesta faixa etária atualmente é mais fácil ou difícil?
- 6) Você conversa sobre higiene pessoal e autocuidados com o seu/sua aluno/aluna?
- 7) Você explica para o seu/sua aluno/aluna o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos? Como?
- 8) Você explica ou explicou para o seu/sua aluno/aluna o que é ereção e masturbação?
- 9) Você explica para o seu aluno/aluna o que é menstruação?
- 10) Você trabalha durante as suas aulas sobre temas gravidez e sexo seguro?
- 11) Como você avalia o ensino e o aprendizado do seu/sua aluno/aluna sobre estes temas?
- 12) Você nota se o seu aluno/aluna demonstra interesse em ficar ou namorar?
- 13) Você sente que o seu aluno/aluna é incluído na escola e na sociedade?
Ele/ela tem amigos?
- 14) Você observa que trabalhar esses temas com esse aluno/aluna é mais fácil ou difícil? Pode explicar?
- 15) Você nota diferença de comportamento entre este/esta adolescente os demais?
- 16) Como é ser professora de um/uma adolescente autista?

APÊNDICE C - Entrevista com o adolescente com autismo



ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE

Nome fictício:	
Idade:	Gênero:
Ano/série:	
Observações:	
Data da entrevista:	Duração:

- 1) O que você entende por puberdade e adolescência?
- 2) Você gosta de saber sobre o tema adolescência?
- 3) O que você sabe sobre as mudanças físicas decorrentes da puberdade (crescimento de pelos, alterações na voz, crescimento em altura, surgimento de espinhas)? Com quem aprendeu?
- 4) Você notou alguma mudança física em você nos últimos tempos? Como você se sente em relação a estas mudanças físicas?
- 5) Você notou mudanças no seu comportamento nos últimos tempos? Como você se sente em relação a estas mudanças comportamentais?
- 6) O que você sabe sobre higiene pessoal e autocuidados?
- 7) O que você sabe sobre o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos?
- 8) Você sabe o que é ereção e masturbação?
- 9) Você sabe o que é menstruação?
- 10) O que você conhece sobre os temas gravidez e sexo seguro? Com quem você conversa sobre isso?
- 11) Como você avalia o ensino e aprendizagem sobre estes temas?
- 12) Você tem interesse em ficar ou namorar?
- 13) Você se sente incluído na escola e na sociedade? Você tem amigos?
- 14) Atualmente o seu relacionamento com os pais, professores e colegas é mais fácil ou difícil?
- 15) Como você se percebe quanto adolescente em relação aos seus colegas?
- 16) Como é ser um adolescente autista? Como você se sente hoje? Você gosta de você?

APÊNDICE D – Respostas da entrevista com os/as adolescentes com autismo

QUADRO 02: Entrevista com os (as) adolescentes com autismo. Foz do Iguaçu-PR, 2021

2 - Você gosta de saber sobre o tema adolescência?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Não, mas também não desgosto, sou neutro.	[...] Eu gosto mais de Ciências.	[...] Bom, pra mim a adolescência sempre não foi um desafio, pra mim a adolescência está sendo tipo, uma espécie de subir de nível.	[...] Sim, eu gosto de saber sobre essas coisas de Biologia tipo o que acontece exatamente [...] eu pesquisei uma vez sobre a puberdade daí eu vi lá que são mudanças corporais mesmo e comportamentais.
3 - O que você sabe sobre as mudanças físicas decorrentes da puberdade (crescimento de pelos, alterações na voz, crescimento em altura, surgimento de espinhas)? Com quem aprendeu?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Eu sei que alguns pode acontecer, em alguns a mudança acontece mais rápida, mais cedo do que outros. Descobri sozinho, sabe? Na internet.	[...] A única coisa que eu sei é músculos [...] barba, músculos, só isso mesmo. acabei esquecendo já, porque já faz tempo que eu aprendi.	[...] Quando eu fiz [...] doze chegou pra mim a minha primeira vez, [...] na parte dos pelos eu me sinto muito num desconforto, [...] mudança de voz, eu também não senti muita diferença. Acho que no tempo aí, sozinho ou com a minha mãe.	[...] As meninas têm o crescimento dos seios, a menstruação. Os dentes começam a entortar, a voz começa a engrossar, começa a suar muito, sentir dor ou formigamento porque seus membros estão crescendo, seus ossos estão crescendo. Aprendi na Internet, pouca coisa que eu não sabia, porque meus pais tem um diálogo superaberto comigo.
4 - Você notou alguma mudança física em você nos últimos tempos? Como você se sente em relação a estas mudanças físicas?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Eu estou mais peludo. Me sinto normal.	[...] Na dos músculos e da barba. Eu tô de boa, porque eu curto os meus músculos e a saúde. A barba eu curto também.	[...] Sim eu percebi, tipo o meu cabelo, no olhar.	[...] Meus seios estão começando a crescer [...] eu comecei a menstruar. Tô de boa.
5 - Você notou mudanças no seu comportamento nos últimos tempos? Como você se sente em relação a estas mudanças comportamentais?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Eu não tenho certeza exatamente. Eu me sinto normal.	[...] Mais inteligência, saúde, estudos. Eu tô de boa porque eu gosto da minha inteligência.	[...] Sim, [...] eu sou assim, bem "comportadinha". Me sinto bem, sempre obedeco às regras, não a desobedeço ninguém.	[...] Eu não me lembro.
6 - O que você sabe sobre higiene pessoal e autocuidados?			

Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Eu sei que se você não se limpar você pega doenças, se você não se secar você também pega doenças, é bom tomar banho.	[...] Higiene pessoal, lavar as mãos tomar banhos [...] Autocuidados, tomar cuidado para não cair, tomar cuidado para quando for usar uma faca.	[...] Às vezes, eu esqueço de limpar o meu ouvido, daí quando eu lembro eu passo o dedo no ouvido quando estou tomando banho ou vou lá no banheiro da minha mãe e passo o cotonete e limpo, e depois de fazer xixi eu vou na pia do banheiro e lavo a mão, só que algumas vezes eu esqueço.	[...] A básica, assim limpeza, tipo tomar banho, escovar os dentes.
7 - O que você sabe sobre o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Bom, eu sei que o pênis entra na vagina e o pênis ejacula e a vagina fica enchida e daí o bebê acontece.	[...] Isso eu sei [...] o que os meus amigos me contam e claro na Ciência. A única coisa que eu sei é que o fruto disso são as crianças e desperdício de dinheiro e claro dor de cabeça a toda hora.	[...] Quando começou a sair sangue, eu comecei a usar <i>modees</i> . [...] Sobre os órgãos reprodutivos masculinos, a minha mãe fala que isso não é assunto pra menina saber.	[...] Tudo, tem a menstruação a reprodução humana tem em que o útero produz os óvulos, os testículos produzem os espermatozoides e com a união dos dois gera uma célula ovo que vai se multiplicando e formando um novo indivíduo.
8 - Você sabe o que é ereção e masturbação?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Sim.	[...] Isso aí eu não sei nada.	[...] Não muito.	[...] Masturbação eu sei o que é, mas ereção não.
9 - Você sabe o que é menstruação?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Sim, é basicamente quando, basicamente você, é quando o corpo feminino fica mais apto para receber o sêmen, eu acho.	[...] Sangue.	[...] Quando você está menstruada, [...] pode sentir muita dor, [...] cólica.	[...] É que quando o útero começa a produzir óvulos ele também cria uma camada fofinha feita de sangue na parede dele para que quando o bebê se formar ele não se machucar. e quando isso, quando o óvulo não é fecundado essa camada começa a descamar causando a cólica menstrual e sai como a menstruação.
10 - O que você conhece sobre os temas gravidez e sexo seguro? Com quem você conversa sobre isso?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] A gravidez pode não ser planejada e que sexo seguro algumas pessoas não ligam, tipo elas	[...] Gravidez é o pior período antes de gastar dinheiro e ter dor de cabeça. Tem que usar	[...] Bom, pra mim o sexo seguro é quando o homem sabe a hora de quando fazer sexo com a mulher quando	[...] Gravidez é quando, por causa da reprodução humana, quando tem um indivíduo se formando

preferem fazer sem proteção. Não.	preservativo pra não pegar doença. Só converso com os meus amigos em piadas.	tipo assim a mulher quer quando, tipo assim, a mulher está disposta. Quando a mulher está grávida o “pintinho” do homem se encontrou com a “pererequinha” da mulher. [...] Converso com a minha mãe.	e sexo seguro é sexo que eles fazem sexo em que eles tomam cuidado para não ter filhos tipo usar camisinha, usar anticoncepcional.
11 - Como você avalia o ensino e aprendizagem sobre estes temas?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] A gente aprendeu isso na escola.	[...] Eu não lembro quando foi ensinado. Eu acho a minha aprendizagem até é boa, porque daí já me dá a ideia para não gastar dinheiro.	[...] Ensina não, já falei sobre isso, o que pra mim, ensinar, é aprender a fazer. O nosso professor de Biologia já falou sobre isso.	[...] Primeiro eu aprendi na escola no quinto ano, quando deram aula no final do semestre sobre reprodução humana, em que a gente falou sobre a questão biológica e acadêmica. <i>E você consegue avaliar se conseguiu aprender mesmo sobre isso? Na verdade, meus pais já tinham falado comigo antes sobre isso, que eu perguntei como é.</i> Eles me falaram sobre de onde vinham os bebês desde que eu era criança só, só que não falavam de sexo. Entende? eles falavam que os bebês vêm da barriga da mãe, é quando o espermatozoide e óvulo se unem, aí eu perguntei como é que o espermatozoide óvulo se unem e eles me explicaram que era por sexo.
12 - Você tem interesse em ficar ou namorar?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Honestamente, no momento não, acho que poderia ter no futuro, mas no momento não.	[...] Eu não tenho interesse nisso, eu acho uma perda de tempo. <i>E nunca ficou com ninguém, nunca teve uma namorada?</i> Eu tô fora. Mulher é uma máquina de moer cartão de crédito e queimar dinheiro também. Claro que isso é uma metáfora também,	[...] Eu sempre gostei de ter um parceiro, porque é legal tipo assim ter alguém do seu lado, tipo assim te protegendo, te dizendo que você tá bonita, que tipo assim, e também sair com você te levar pra algum lugar, e tipo assim, ir no cinema.	[...] Uhum, meus pais só querem que eu tenha um namorado ou namorada quando eu tiver 15 anos e se eu for madura o suficiente.

	porque não é isso de verdade também, ela gasta dinheiro. Isso gasta muito dinheiro.		
13 - Você se sente incluído na escola e na sociedade? Você tem amigos?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Meu posicionamento na questão é neutro, sabe? Tipo, eu simplesmente, na minha opinião, eu não me vejo como assimilado ou desassimilado na sociedade. Eu simplesmente existo, eu apenas me vejo existindo no mundo, simples assim. Você tem amigos? Não.	[...] Sim, eu tenho. Contar piada. Nunca saí. A gente conta piada, joga uno. No recreio brinca de pega-pega, mãe ajuda, que é aquele pega-pega que quanto mais gente você pega, mais pegadores vão ter. Trata de boa. Uhum, também.	[...] Sim eu tenho amigos, [...] mas não desse tipo de amigas de ir na casa, são amigas no whatsapp, na escola, esses tipo assim. [...] Sim, eu me sinto, tipo assim, nos trabalhos em grupo eu pergunto se eu posso ajudar em alguma coisa, e tudo, e também na sala eu faço as atividades, essas coisas assim. [...] Eu sempre me senti incluída nas festas que eu fui, eu sempre vou com a minha família, eu sempre me sinto incluída ou eu fico na minha, e aí as vezes a gente vai nas festas ou pro cinema ou em algum lugar público que eu me sinto muito assim com a minha família, que me sinto bem, eu acho que eu nunca fui excluída de algum lugar. Acho que porque eu nunca sofri bullying.	[...] Sim, E na sociedade? Uhum. Você tem amigos? Sim, tenho poucos, mas eu tenho. <i>E o que você costuma fazer com os seus amigos?</i> Eu costumo conversar com eles, as vezes a Mi vem na minha casa pra gente brincar ou assistir um filme. Acho que agora vai ser mais jogo de tabuleiro e assistir filme, porque nós duas já somos adolescentes.
14 – Atualmente, o seu relacionamento com os pais, professores e colegas é mais fácil ou difícil?			
Henrique	João	Sabrina	Solária
[...] Fácil, eu acho, quando é uma pessoa que eu já sei é mais fácil, se é uma pessoa que eu não sei, eu nem tento, eu não tenho interesse em conhecer pessoas novas geralmente.	[...] Olha, mais ou menos, porque demora para eles me comprarem um tablet, por isso que já me deu motivo de não muita confiança. Confiar de quando eu for pedir um tablet de natal ou aniversário. <i>Você queria e eles não te deram?</i> É isso, ajuda eu não confiar muito. Com os professores está de boa, com os colegas... está de	[...] com a minha mãe é mais fácil, mas com o meu pai é um pouquinho mais difícil porque ele nunca fica em casa o tempo todo, porque ele tem que trabalhar, [...] professores é simpático, como você viu lá a L. é bem legal porque ela era minha professora de matemática e sempre foi, assim, bem simpático eles, porque a gente se conhece desde	[...] É mais fácil, eu nunca tive que me esforçar para fazer amizades ou falar com meus professores ou meus pais. Principalmente com os meus pais, porque meus pais sempre me amaram muito.

	<p>boa... <i>A relação é mais fácil ou mais difícil atualmente?</i> Quanto aos pais era mais fácil, ainda confiava. Quanto aos colegas e professores está de boa também. Os pais não me dão muito motivo para confiar. <i>Mas a relação não é ruim?</i> Não, mais ou menos, com os pais, é claro. <i>Mas se você comparar com quando você era criança?</i> Quando eu era criança era melhor.</p>	<p>o sexto ano, também, sempre legais e a gente se conhece a bastante tempo.</p>	
--	---	--	--

15 - Como você se percebe quanto a ser adolescente em relação aos seus colegas?

Henrique	João	Sabrina	Solária
<p>[...] Normal, talvez um pouco subdesenvolvido em certos aspectos, mas normal. <i>Em quais aspectos?</i> honestamente não sei. Não geralmente, bom, eu acho que é porque, é porque eu não ajo como os outros da minha idade agem. <i>Agir como?</i> Sei lá, eles saem com os amigos, eles fazem coisas com os amigos. <i>Mas você gostaria de fazer esse tipo de coisa?</i> Talvez? Talvez se eu quisesse. <i>Você quer?</i> Não, é que eu me sinto mais confortável em casa. <i>Você já saiu sozinho?</i> Já algumas vezes. <i>Onde você gostaria de sair?</i> Cinema, eu acho.</p>	<p>[...] Eu tô de boa. O que isso significa? É contar piada que nem os outros, brincar.</p>	<p>[...] não é tanta diferença, assim alguns são mais velhos, mais grandes, mas alguns são, assim, quase do meu tamanho, porque assim, eu não me sinto a pequenininha da sala, porque assim eu tenho 17 anos, mas todo mundo diz que fica com cara de surpreso porque acha eu que tenho 17 anos, mas tenho aparência de ter 12 ou 13.</p>	<p>[...] Eu não faço esse negócio de comprar, eu tenho dificuldade para me colocar no lugar do outro.</p>

16 - Como é ser um adolescente autista? Como você se sente hoje? Você gosta de você?

Henrique	João	Sabrina	Solária
<p>[...] Normal. pelo menos pra mim. <i>Como você se sente hoje?</i> Normal. <i>E o que é normal?</i> um estado neutro. sabe?</p>	<p>[...] É de boa, eu tô de boa, eu converso, eu brinco, conto piada. E hoje? Eu tô de boa, tô de boa, mais inteligente</p>	<p>[...] Ah, bom né, tá sendo, acho que fácil, legal pra mim porque, tipo, eu já era assim, legal divertida, mas assim, eu já era assim e</p>	<p>[...] Não vou mentir para você, é bem difícil, por causa da minha distração [...] eu sou bem distraída. E como você se sente</p>

<p>Num estado ... eu não estou sentindo nada, sabe? E você gosta de você? Sim.</p>	<p>e mais músculo também... Você se gosta? Eu curto. Quem não curte a pessoa mesmo? Você se gosta? Eu tenho mais inteligência do que eu tinha antes. Dinheiro eu curto muito. Ainda não trabalho, eu curto por enquanto ficar na preguiça. Mas eu sei que se eu for trabalhar, não vai ser assim. Eu penso em ser cientistas. Eu não curto medicina, eu curto química, física, o espaço, cérebro.</p>	<p>quando a minha mãe me contou que eu era autista, eu acho que eu já sabia, eu me senti mais confiante, porque tipo assim, todo mundo sempre me encarava como uma menina comum, mas quando descobriram que eu era autista todo mundo começou a me tratar especial, porque tipo assim, eu entendia tudo ao pé da letra, eu tipo assim, eu sou certinha, alguém falava alguma coisa, tipo eu como sou certinha eu entendo ao pé da letra, mas às vezes as pessoas me explicam que não é bem assim, mas aí com o passar o tempo eu entendi que algumas coisas eram, tipo, força de expressão. [...] hoje eu me sinto confiante, com eu mesma, como sempre foi. Você gosta de você? Sim, assim, a minha mãe sempre disse que para gostar de outras coisas ou de outras pessoas a gente tem que se gostar de si mesmo primeiro.</p>	<p>hoje? Estou bem. E você gosta de você? Gosto.</p>
---	--	--	---

Fonte: As autoras (2021).

APÊNDICE E – Respostas da entrevista com as responsáveis pelos adolescentes com autismo

QUADRO 0.3: Entrevista com as responsáveis. Foz do Iguaçu-PR, 2021

2- Você já leu alguma coisa sobre este tema para trabalhar com seu filho/a?			
Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Eu aprendi ler quando eu fui descobrindo-o e depois também por conta da catequese, então eu leio bastante sim.</p>	<p>Olha para falar a verdade a gente lê tanto artigo, eu já busquei tudo que você pode imaginar, questões filmes relacionados, documentários até para a gente entender como era o processo da síndrome né como um todo é claro que nessa fase agora é diferente sim e eu tenho que sempre recebo alguma coisa tem grupo que nós participamos de pais de autistas que sempre tem materiais né tudo relacionado, é muito importante até para gente ajudar, trocar experiências, informações com outros pais né, porque cada autista é único, pelo que a gente conversa com as pessoas têm características semelhantes, mas é muito difícil, você não pode colocar no mesmo patamar todos, porque eles tem muitas nuances, variáveis de comportamento tudo, toda essa questão.</p>	<p>Olha, ler assim não, sempre que eu vejo alguma coisa interessante, eu, filha olha aqui, vamos... eu leio pra ela. Mas é muito raro assim, é mais coisas da vida mesmo, o que é certo e o que é errado.</p>	<p>Já li para ela inclusive. A psicóloga também passou um blog para gente ir lendo, porque a puberdade no autista [...] não é uma puberdade comum, é diferente apesar de ter algumas coisas parecidas. O interesse é diferente [...] eles têm uma obsessão muito grande por algo de interesse deles, eles têm um interesse restritivo, então, assim, acaba virando um comportamento obsessivo. Eu percebi que o autista na adolescência é o anime, e anime é muito pornográfico, [...]Então a gente tá tentando mostrar para Solária que isso não é legal [...] que a gente sabe que a história é legal, mas que isso molda a vida dela, porque a Solária [...] traz eles para a realidade dela, então a gente tá direto lendo e falando sobre até para ela separar ficção da realidade.</p>
3- Você conversa sobre as mudanças físicas decorrentes da puberdade com o seu/sua filho/filha?			
Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Converso, converso porque eu sempre tinha essa preocupação antes, mas depois eu vi que era tranquilo com ele e assim foi legal, eu achei bacana.</p>	<p>Ah, já conversei sim, hoje em dia tento falar, mas ele, agora que ele está com 15 16, ele não quer entrar nesse assunto, mas antes ele não tinha problema, mas ele</p>	<p>Sim, espinha tem, as vezes sai uma aqui, uma lá. Os pelinhos ó, eu já ensino que nem nas axilas, eu mesmo que tiro, não rapa nada, é eu que tiro, [...] já tem que tirar, eu que tiro, eu</p>	<p>[...] a gente conversa sempre, porque ela também questiona muito, ela é muito questionadora. Ela sempre pergunta será que tá bom essa roupa? Assim, porque meu seio é grande.</p>

	<p>escuta, só que não gosta de dar seguimento a conversa, sabe quando não quer prolongar o assunto. A gente percebe mais, mas assim com a Psicóloga voltando a terapia, essas questões podem ser abordadas com ele, mas a gente busca sempre conversar e explicar as várias mudanças toda essa questão até porque tempo que tinha, essa coisa, essa questão de hormônio ele sabe, ele mesmo já fala agora tá com um pouquinho de barba e não dá para ver fiozinhos de bigode ele sabe que é a transição, ele entende bem.</p>	<p>que arrumo ela, esse fica bonito, esse fica feio, se aparece é feio, então tudo isso, eu sou bem presente. [...] eu sempre ensinei que ela tem que ter muito pudor, que tem que sempre se esconder muito, assim no sentido de se cuidar.</p>	<p>Algumas roupas simples são desconfortáveis [...] então está sempre falando sobre isso também.</p>
--	--	---	--

4- Quais mudanças físicas você percebe no seu/sua filho/filha? Como você se sente em relação a estas mudanças físicas?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Acho que a primeira coisa foi o gogó [...] daí a voz de galo, [...] o corpo dele, né, pelo, essas coisas até o bigodinho dele né bem engraçado que ele fala eu não vou cortar o bigode para quando chegar o inverno aquecer o meu rosto [...] na verdade eu fico bem preocupada.</p>	<p>A voz mudou, é bem perceptível essa alteração, né, toda essa questão. Foi até rápido, já tem até bigode, até barba, tão rápido. Pelos no corpo, toda essa parte do, dessa questão já tá totalmente parecida, já é um homem, né, de certa forma, né. Só que ainda é magrinho, mas de certa forma, já mudou né, já se transformou na verdade. [...] É difícil, porque parece que foi assim de repente.</p>	<p>[...] é bem preocupante né, ela não sabe se cuidar sozinha, aí o seio, tem que estar falando toda hora, filha tem que pôr sutiã, né, tem que cuidar dela por isso, daí os pelos crescendo, tem que cortar tem que cuidar, tem que não aparecer, meu Deus, já é uma moça, e daí ela tem aquelas atitudes infantilizadas comigo e com o pai aí a gente se olha e dá uma risadinha e quando ela sai a gente fala, meu Deus a nossa filha já está uma moça. é uma preocupação assim, incrível, não tem nem explicação, porque é pro mundo né, quando a gente cresce os pais se</p>	<p>[...] físico todo, mudou tudo, mudou o rosto, ela adquiriu muita espinha, muita oleosidade no cabelo [...]as mudanças físicas foram isso de peso, de postura, porque como o seio cresceu muito ela acabou caindo né aqui, a mudança física na verdade foi toda no corpinho dela. [...] Eu fico preocupada, hoje a minha maior preocupação é o peso que é uma coisa que eu não tenho o que fazer por dois motivos seletividade alimentar, não consigo introduzir uma dieta na Solária porque ela não come de tudo, e a parte que ela menos come é legumes e salada e o</p>

		<p>libertam um pouco da gente, a gente conquista o mundo, vai trabalhar fora, vai arrumar um namorado, é tudo. E ela, o que será dela? Eu não consigo ver assim, ou ela arruma alguém normal, que não tenha autismo, que entenda ela, goste dela e cuide dela ou arrumar alguém que seja autista pra que os dois se entendam, porque sempre que ela conversa com alguém ela fala, ai ele gosta das mesmas coisas que eu, ai não sei o que, já se encanta pelo menino, daí a gente fica preocupada. Porque o desenvolvimento do corpo dela é de moça já e já aflora tudo, tudo a parte da sexualidade dela, tudo aflora né, tanto os seios. A gente preserva muito, ela não tem amigos que vão em casa.</p>	<p>segundo motivo que eu não tenho como tirar os remédios né pelo menos não hoje, eu não tenho como tirar, porque senão ela ficou, tanto que ela ficou sem e acabou piorando e regredindo, então, a gente fica preocupada com doenças, com doenças cardíacas, com obesidade, com diabetes. Além disso, a Solária gosta muito de doces, tem que estar sempre controlando e eu fico preocupada que eu acredito que amanhã desse jeito, com coisas que eu não posso evitar, eu fico preocupada dela ter vergonha, porque a sociedade impõe isso né, que um corpo com estrias é feio, que um corpo com uma barriga maior é feio que, enfim N situações que ela possa virar motivo de chacota, sabe? de <i>bullying</i> então assim, só tem preocupações em relação a isso.</p>
--	--	---	--

5 - Você notou mudanças comportamentais no seu/sua filho/filha? Quais? Como você se sente em relação a estas mudanças comportamentais?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>[...] Há mais ou menos 1 ano e pouco, [...] ele simplesmente me falou: mãe aconteceu uma coisa a minha cueca, ficou assim, o que que eu faço, porque eu não pude segurar? Aí eu comecei a conversar com ele e falar o que que era, eu falei tudo para ele, daí eu peguei os livros mostrei para ele. [...] porque eu acho que assim é uma coisa que ele queria saber, tá curioso então vamos saber de uma vez, né, mas aí eu</p>	<p>[...] fica mais quieto no quarto, gosta de ficar mais fechado, ele não gosta que a gente entre sem bater, tanto que na porta do quarto dele tem várias plaquinhas com mensagens não entre, não perturbe, tudo isso, mas a gente tem que dar privacidade também. Eu falo João, a gente bate antes, eu sempre bato, eu nunca vou abrir né, e ele fala beleza. Eu me sinto assim, como eu vou te dizer, não é</p>	<p>Olha em casa é sempre a mesma. vamos dizer assim, em casa ela é bem infantilizada. Se eu fizer isso daqui vão me chamar de criancinha? Ela sempre tem essa preocupação, se o que ela vai fazer, vão achar que ela é infantil ou criança demais, aí eu falo filha faz o que você achar legal, o que você gostar. O adulto também gosta de assistir um desenho, o adulto também gosta de comer um</p>	<p>Bastante agressividade impulsividade, curiosidade, ansiedade, muito ansiosa, episódios depressivos sabe? Muita ausência, fuga. Vou me recolher para fugir da dor, sabe? Que não deixa de ser um episódio depressivo mesmo né, para não lidar com aquele problema. Bastantes comportamentos mudaram dos 12 para cá, principalmente esse ano. [...]eu fico brava com raiva dela, mas fico</p>

<p>perguntei de alguma menina se ele conheceu alguma menina, falei que o que acontece com as meninas e hoje às vezes de vez em quando ele vem com brincadeira assim ah já pensou se o mundo fosse só de vagina? Já pensou se desce vagina nas árvores, desse jeito. [...] A noite ele sonhava muito, daí ele perguntou o que que ele fazia, não vai fazer nada meu filho, você tá dormindo [...] Um rapaz já, com 15 anos já e agora tá tranquilo nunca mais me perguntou nada, tá esperando só sair com o primo dele para ele ver como é que o primo dele observa as meninas e tal.</p> <p>[...] Eu fico preocupada.</p>	<p>insegurança não, mas assim, eu queria entender melhor, eu queria que ele falasse melhor para eu ajudar ele assim, mas é um pouco de preocupação, [...] ele gosta muito de ler, ele passa muito tempo lendo [...] ele também gosta de ficar no celular.</p> <p>[...] nós que somos pais acabamos nos preocupando de alguma forma com o mundo, com todas as questões, então a conversa muito né. só que é claro, que vou me preocupar um pouco, a gente fica um pouco inseguro com algumas coisas, mas eu acho que nessa fase sim, porque é difícil o controle do adolescente e na questão deles, do autista, pode ser que seja diferente também, são diferentes assim, mas o João tem bastante cabeça, ele tem bastante consciência das coisas, de tudo então, nesse aspecto me tranquiliza um pouco. Mas é claro que incerteza a gente tem, eu fico um pouco preocupada.</p>	<p>doce, então seja você, viva a vida como você achar que é legal, como eu digo, se tiver algo em que você estiver em perigo ou que vá te prejudicar daí sim eu vou te orientar, daí vai vivendo a vida e em termos de diferença de criança pra adolescente não tem muita, em termos de atitude, você entendeu?</p> <p>Porque na verdade ela é bem infantilizada mesmo. O comportamento continua o mesmo.</p>	<p>angustiada que eu não consigo criar sua consciência [...] ela já tem 14 e a mentalidade hoje atingiria uns 8 anos pelo que gosta, pelos interesses, pelo tipo de pensar. [...] tem maturidade para algumas coisas, mas ela não consegue pôr em prática, ela sabe toda a teoria, mas na prática não funciona, essa é a minha angústia, ela é uma menina super capaz, mas eu ainda não encontrei ali o botãozinho para fazer funcionar isso na prática.</p>
--	---	---	---

6 - Você conversa sobre higiene pessoal e autocuidados com o seu/sua filho/filha?			
Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Converso, ele aprendeu a tomar banho, escovar os dentes, a última vez que ele foi no dentista não tinha uma cárie, ele escova bem direitinho, lavar as mãos, ele não consegue cortar as unhas ainda sozinho, às vezes ele prefere que eu corte, ele quer aprender, mas ainda</p>	<p>Ah, sempre, até como tem que tomar banho, eu falo que você tem que tomar, porque às vezes parece que toma muito rápido e está cheio de sabonete. [...] falo né, você precisa tomar certo cuidado, eu já falei, passar desodorante, porque ele esquece, não</p>	<p>Sim, falo, principalmente quando veio, veio com treze anos, no dia do aniversário dela, que presente de aniversário, então, imagina ainda, com treze anos ela era bem imatura, ainda é hoje, mas era, então foi muito difícil, a gente que tinha que ir lá limpar e higienizar</p>	<p>Todos os dias, hoje vou te falar que menos cobrança e mais orientação, porque a TO falou pra mim você vai ficar o dia inteiro falando a gente precisa arrumar estratégias, não adianta, não é que não adianta falar de modo que ela não vai me ouvir, mas não é que ela não quer fazer, ela</p>

<p>não conseguiu aprender a cortas as unhas sozinho. Mas assim, lavar o corpo, ele aprendeu, ele sabe que tem que tomar banho todo dia, mais de uma vez por dia se precisar, troca roupas, até, agora ele troca muito de roupa e fica penteando o cabelo [...] Fio dental ele usa.</p>	<p>passa, a gente percebe que não passou, até tem que repetir a mesma meia, eu falo João, troque, coloque no cesto, essas coisas, sabe? Essas coisas assim que não se atentam, quer usar a mesma roupa de novo, pra ele tanto faz. Ah, mas meus amigos fazem isso na escola, aí eu falei: gente, não pode, tudo fala que os amigos, entendeu? [...] Escovar dentes tem que ficar lembrando, tem uma preguiça.</p>	<p>ela, fazer com que ela criasse o hábito sozinha [...] Aí que nem você do cuidado do corpo chegou um tempo e eu comecei a sentir um cheirinho debaixo do braço aí eu falei, minha filha, não pode esquecer de desodorante, é todo dia depois do banho, é todo dia, aí quando ela termina de se arrumar. Passou? Passei, se esqueceu volta pra passar, então ela já criou o hábito, né, então é tudo isso, é tanto o desodorante, como as higiene pessoais, tudo, e é assim, banho, banho não toma banho cem por cento, já que estamos falando de higiene né, ela não consegue lavar o cabelo, eu deixo ela lavar, se é para ficar em casa [...] porque ela não põe água suficiente.</p>	<p>esquece né você tem que estar realmente todo tempo lembrando, porque ela realmente não lembra, então assim, a gente está tentando arrumar estratégias. Eu já tentei o visual, que é o quadro de rotina, não deu certo, porque ela passa por ele ignora e vai embora. Acho que agora a gente vai tentar, se for o que ela falou mesmo, o celular dela, né, que eu já falei para ela, despertou tem que ser naquele momento, você não pode enrolar o despertador e deixar para depois, que você não vai fazer, né, então assim, a minha esperança é que eu vejo ela um pouco mais disposta a fazer isso, ela também quer, porque eu sei que para ela é chato a gente ficar falando, né, imagina ela sabe ali no eu dela que ela já sabe disso, a teoria toda, imagina, tô há dois anos, todos os dias repetindo a mesma coisa escova os dentes, mas escova direito e arruma o cabelo não sai dessa forma, né, vamos colocar uma roupa mais adequada.</p>
--	--	---	--

7 - Você explica para o seu/sua filho/filha o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos? Como?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>[...] já expliquei, já conversei com ele, né, já mostrei figuras pra ele, o que que acontece, né, porque, como é o que que acontece uma reprodução, como que acontece, mas aí eu aproveitei e já falei para ele da</p>	<p>A gente já teve essas conversas, ele mesmo fala [...]</p>	<p>Não, não, na verdade ela até estudou isso e chegava depois da aula e me contava toda aterrorizada, meu Deus não quero nem ver. Sabe? Toda infantil mesmo que nem aquela criança que não quer ver um</p>	<p>Sim, então, não entendo muito bem, porque ela entende melhor que eu tá, ela vai te dar uma aula, porque a Solária, o interesse dela em Biologia é imenso, então, na verdade, é ela que me traz essas informações, ela tem a</p>

<p>responsabilidade né se acontecer, nunca dei, nunca dei para ele brincar assim com uma boneca. [...] para ele saber né, as dificuldades que é cuidar de uma criança, isso eu não ensinei para ele, mas se o que pode acontecer vir uma criança e isso eu já expliquei, que não é bem assim falei pra ele.</p>		<p>pênis e tal, ela não gosta muito. <i>Ela fez perguntas a você sobre o tema?</i> Não, a única coisa que ela fala é que ela quer ter filhos e sabe que tem que ter um marido, não é namorado é um marido, a gente sempre frisa muito isso pra não sair por aí, a gente não sabe quais são as atitudes dela, porque assim como de repente ela mente aqui ela pode mentir mim ou pra alguém né, então a gente tem que deixar isso sempre muito claro e sempre eu sou muito amiga pra que me conte as coisas e quando me conta mesmo sendo aterrorizante eu disfarço muito. Sério que legal me conte, né. Querendo explodir, tem que ter uma receptividade muito tranquila para ouvir e saber o que falar. Eu não tenho problema nenhum de explicar só tenho que ter muita cautela e saber como explicar, entende?</p>	<p>frasezinha dela: Mãe você sabia...? daí ela vai, então, é ela que geralmente me traz e eu só complemento com alguma coisa que eu conheço da parte reprodutiva, né, de como que os bebês nascem, de como é a relação sexual ali, mas do órgão em si quem sabe falar melhor é ela, ela sabe desenhar para você a situação toda. Então, ela me explicou tudo e eu só complemento, né.</p>
---	--	--	---

8 - Você explica ou explicou para o seu/sua filho/filha o que é ereção e masturbação?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>[...] expliquei porque ele mesmo me perguntou. Eu tinha preocupação, mas eu não achava uma brecha, aí quando ele perguntou, daí eu aproveitei e falei várias coisas com ele. [...] Ele acha muito bonito, ele acha que é legal assim e daí que veio a minha preocupação, porque não é todo mundo que gosta de ver, que</p>	<p>Já falamos sobre isso, acredito que ele na verdade já sabia também essa questão, também fica muito tempo sozinho, e tem o tempo dele, acho que isso aí talvez deixe ele menos estressado. Porque alguns momentos né, mas ele entende, também nessa parte, né. Na época sim eu lembro que a gente estava falando sobre isso, mas a gente não conversou mais sobre</p>	<p>Não, sobre isso nunca falamos, acho até uma fala meio pesada pra ela, eu acho que, eu não sei, nunca pensei em falar sobre isso. Eu acho pesado assim pra ela, pra cabecinha dela.</p>	<p>Sim, a masturbação ela até perguntou recentemente, eu não me lembro direito da ereção, né, talvez por ter associado ao homem eu não me toquei ali dessa parte. Mas eu expliquei sobre o prazer, né, não sobre a ereção em si, mais sobre o prazer que o ato sexual causa, né, o benefício que ele traz. Mas a masturbação ela perguntou recentemente, daí</p>

<p>quer ver, tem que ter a hora certa né, a pessoa certa para ver, isso eu já falei com ele também.</p>	<p>isso, mas já foi falado em algum momento até, que um amigo foi em casa e a gente estava falando sobre isso até falou que os adolescentes ficam muito tempo assim, querem ficar fechados, por causa dessa questão, aí eu falei ainda João, eu falei com ele, eu conversei com ele, tem uns dois anos atrás. Sabe que eu não gosto de falar disso. Ele não gosta, aí mas ele sabe, mas ele não gosta de entrar nesses assuntos.</p>		<p>expliquei como que é, como que funciona, até agora não houve, não aconteceu pelo que eu vi, mas se acontecer também, para mim não tem problema nenhum.</p>
---	--	--	---

9 - Você explica para o seu/sua filho/filha o que é menstruação?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>[...] O que é menstruação eu expliquei em partes, eu não cheguei a explicar bem certinho não. Porque ele nunca me perguntou. Mas eu já falei que ocorre isso, que é parecido com o que ocorre com ele, mas que é diferente, que não tem como controlar, que é uma coisa do corpo da mulher, mas certinho, certinho eu não expliquei tudo ainda, estamos aguardando a oportunidade.</p>	<p>Ele sabe também, ele sabe. A gente lia muito também, a gente sempre leu em casa junto o conteúdo, toda vez, então tudo sempre, a gente ajuda, eu e o pai dele, então tudo que é passado a gente conversa muito, a parte da Biologia, toda parte da reprodução, tudo isso, claro que a gente sabe que vai aprender na escola mas em casa também a gente reforçava todas essas questões.[...].</p>	<p>Sim, desde o começo.</p>	<p>Sim, foi explicado desde o começo, ela tem total entendimento sobre o assunto, lida bem também, eu achei que não ia, pensei em postergar, em jogar para frente só que ele [o médico] disse que se eu usasse os medicamentos para postergar seria uma menopausa na adolescência, aí eu saí correndo, falei não, muito obrigado, vamos dar o remédio mesmo, aí deu tudo certo, ela é bem tranquila e também sabe na parte científica explicação tudinho.</p>

10 - Você conversa com o seu/sua filho/filha sobre gravidez e sexo seguro?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>[...] Já conversei com ele também, dei para ele camisinha, ele ficou com nojo, não experimentou, né, assim para experimentar, né, mas eu já mostrei para ele e sabe que cabe.</p>	<p>Isso sim, a gente sempre falou sobre isso, tanto que ele ficou meio abismado com a menina que ficou grávida [...] mas ele entende bem essa parte, das doenças, principalmente também, tudo isso foi abordado, né.</p>	<p>Sim, sim, também ainda mais que já foi ensinado em sala de aula e foi falado que tem que usar camisinha, que a mulher também tem a camisinha, isso ela já, nos primeiros dias, já falava antes que é importante pra segurança pra quem não quer engravidar</p>	<p>[...] sempre falo isso para ela, [...] ela diz que ela quer ter relação sexual, quanto bebês, não por ideologias, não por nada disso, é dela né [...] o que ela trouxe para mim recentemente foi que ela acha que ela é bi, né, que ela tem</p>

		<p>ou pra quando se prevenir de doenças. Tudo isso a gente já conversou. Mesmo porque a gente tem uma gavetinha lá e eu tenho e ela já viu que eu tenho.</p>	<p>interesse por ambos, eu falei para ela que para mim tudo bem também, eu quero que ela seja feliz, né, e eu acredito que será mais fácil se ela realmente for, porque lésbica até inclusive, não só bi, porque pela parte sensível do toque, da dor da penetração. Hoje e seu falasse para você que eu vejo ela tendo a penetração, eu não a vejo conseguindo que alguém encoste nela, porque para passar um lençinho, quando eu faço uma higiene mais geral, eu mesma vou ver, ela já se encolhe, ela já sente esta sensibilidade.</p> <p>[...]Então assim, é uma vida que depende de você, tem que pensar assim. Não é que estraga, né, a não ser assim, vai estragar assim no sentido que você não quer filhos. Então vai estragar, porque para você é uma coisa que você não queria, [...] eu sinto que ela tem vontade de ser mãe sim, mas sempre explico para ela né, que existe tanta a camisinha feminina quanto a masculina e ela tá bem nessa parte de explicação na escola também, né.</p>
--	--	---	--

11 - Como você avalia o ensino e o aprendizado do seu/sua filho/filha sobre estes temas?			
Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>[...] Eu acho que assim, e acho que ele vai observando e vai criando a curiosidade, acho que é com tempo mesmo, mas assim por conta do autismo eu não, eu não vi diferença nenhuma,</p>	<p>Eu acho que ele é muito bom, na verdade, ele assimila esses assuntos bem, porque eu acho que ele tem interesse mesmo em evitar algumas coisas, então já por essa razão, ele já sabe</p>	<p>Eu acho que ela capta bem, ela não fica perguntando depois de novo, então eu acredito que ela absorveu. Porque quando ela não entende alguma coisa, ela é muito ansiosa, ou de</p>	<p>Ah, precisava mais né, eu sei que a maioria deve ser contra o que eu acho um absurdo, mas precisava mais dessa parte principalmente da gravidez, do sexo seguro, né, de conhecer o próprio</p>

<p>assim não, porque tem os meus sobrinhos né, eu pergunto para minhas irmãs como que foi né, e elas não fala nada diferente, então eu penso que tá certo, acho que não teve assim dificuldade da parte dele não, em absorver esses ensinamentos.</p>	<p>muito bem o que ... sabe como agir e pensar tal, ele sabe. Mas é claro que tem que reforçar isso sempre, sempre que ir falando, porque quando chegar a hora tem que saber se prevenir, para não ser um pai jovem sem condição de ser, né, porque não é só financeira, é emocional, [...].</p>	<p>repente desinteresse, né, aprendi, entendi, pronto acabou. Então, eu não sei te dizer. Porque assim, ela é muito repetitiva e ansiosa pra algumas coisas que é do interesse dela. agora o que de repente não interessou ela não fica perguntando muitas vezes, ela pergunta aquilo, matou a curiosidade e vai. Aí de repente ela não entendeu direito ela vai e fala, Mamãe eu sei que você já me falou, mas deixa eu perguntar só mais uma vez, daí ela pergunta de novo e eu explico de novo de repente acaba a curiosidade, então acredito que seja isso.</p>	<p>corpo, de conhecer o próprio corpo não pode ser, é uma coisa, mistificada, né. Eu lembro da L. [...]ela já tocava na vagina, né, e eu queria entender o que era aquilo né, o pediatra falou é óbvio, ela tá conhecendo o corpo dela, [...] Normal com adolescente também, não sei por quê todo esse tabu em volta, entendeu? Eu ainda acho que venha desse patriarcado de achar que a menina não pode fazer sexo antes do casamento, por isso que eu te falei é uma coisa dela, não é ideologia, que não pode engravidar, assim, não é o ideal na adolescência até pela biologia, né, do corpo feminino ali que não tá tão pronto. Mas se acontecer e tiver uma estrutura se a menina tiver apoio não é o fim do mundo, entendeu? E se tiver que abortar também, que deveria ser lei, na minha opinião, também não é o fim do mundo, entende? Então, a Solária sabe de tudo isso, a gente conversa, [...] eu sempre falo para ela quando você tiver vontade, quando você ver, mas como que eu vou saber que eu tô com vontade, você vai saber, é diferente aqui dentro. Eu falei para ela, você me conta, porque eu posso te ajudar, eu posso ir com você comprar camisinha, eu posso te orientar como colocar, eu posso, eu não tenho medo de pensar sobre isso, sabe, o meu medo é ela encontrar um</p>
---	--	---	--

			abusador, é ela encontrar um pedófilo, é armaram uma arapuca para ela, que eu falei que amigas também fazem isso, falei assim meninas feias sofrem <i>bullying</i> , meninas bonitas sofrem <i>bullying</i> , meninas especiais sofrem <i>bullying</i> , né, [...] a minha única preocupação, sabe, não que eu não me preocupe com ela fazer sexo, lógico ela tem 14 anos, né, eu sei que se isso acontecer tudo bem, mas se não agora também, porque ela é muito inocente ainda, até pelo autismo, a maturidade é mais baixa, mas ela tá ciente de tudo a gente volta e meia volta no assunto, porque ela esquece algumas coisas eu tenho que tá em cima né conversando sempre com ela. Quero que ela seja feliz.
12 - Você nota se seu filho/filha demonstra interesse por ficar ou namorar?			
Lucia	Catarina	Carla	Laura
[...] ele não fala, eu já perguntei se ele gosta de alguma menina ele fala que não. [...] Acho que um leve interesse assim, porque ele é muito discreto em tudo, então eu penso que ele ainda não quis falar sobre isso. Ele nunca chegou pra mim pra perguntar como faz para namorar, ele nunca perguntou e nem demonstrou interesse por alguma pessoa. Mas o que eu pude perceber que não é menino, fiquei aliviada, cá entre nós, mas ele gosta de ver menina e eu já percebi também, que ele já viu	Ah ele não tem, antes quando ele era menor, mais criança, falava que queria namorar, falava que gostava da menininha, fazia bilhetezinho. Mas se eu chegar e pensar em comentar alguma hoje, ele fica muito nervoso, eu não quero lembrar do passado, eu não quero falar disso, bem assim, eu não quero nem saber, não quero saber de ninguém, mulher é só para gastar dinheiro, mulher é isso, tudo isso é gastar dinheiro, tudo ele acha que é gastar dinheiro, sabe? Na	Sim, ela tem interesse em namorar sim, quer, quer que eu ajude a achar o príncipe encantado dela, a pessoa certa. Mas eu só vou namorar. Que nem essa semana ela até comentou ela só vai namorar se a pessoa gostar das mesmas coisas do papai, porque ele tem que se dar bem com o papai. Ela sempre fala isso. Tem que ser assim, uma pessoa que goste das coisas dele, acho que porque ele admira ele, né, o que ele faz o que ele gosta, então acho que ela quer achar alguém	Acho que sim, tá começando, mas eu vou te dizer assim que eu acho [...] que é pelo teor romântico, não pelo fato de, eu não vejo assim, pelo tanto que eu conheço minha filha, que ela tem curiosidade de beijar, ela tem curiosidade de andar de mãos dadas, da paixão, do romance, porque ela cria isso até nos livrinhos, [...] ela tá demonstrando interesse, mais por meninas do que por meninos, no caso.

filmes no computador querendo que eu não veja que ele já viu.	cabeça dele, eu tenho que pensar no meu futuro, eu quero ser rico, eu não quero saber de mulher, porque acha que dá prejuízo, eu falo João, a vida não é assim. É que às vezes ele vê uma cena ou outra e absorve de uma forma bem rígida assim. Eu falo João, não é toda pessoa que é assim, você tem que entender que não é desse jeito. [...].	que seja semelhante a ele.	
---	---	----------------------------	--

13 - Você sente que seu filho/filha é incluído na escola e na sociedade? Ele/ela tem amigos?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Na escola eu acho que ele é incluído, [...] ele não é de conversar muito, não é ter muitas amizade, mas eu acho que ele é incluído, porque, assim, quando tem trabalho em grupo, por exemplo, alguma coisa ele participa, ele só não participa se ele não quiser [...]. Da sociedade eu vejo que as pessoas acham engraçado, né, assim acha engraçado quando alguém se atrapalha, não vejo que é só maldade não, eu acho que é natural também na pessoa sabe!? Assim de ver, porque assim, tá errado? Não sei até que ponto tá errado ou tá certo. [...] eu acho que tem algumas dificuldades por desconhecimento da sociedade e assim eu não procuro vê só maldade nas pessoas, eu vejo, eu procuro ver assim, o que é realmente, tem pessoas más e boas, às vezes você é boa né, nem precisa falar isso né, mas às vezes parece, assim, ah!</p>	<p>Ele tem amigos, mas não de frequentar, é engraçado, nunca tivemos assim muitas crianças da idade dele, sabe de amigos, [...] Da escola ele conta as coisas dos amigos deles, jogam baralho na sala, todas essas coisas [...] Hoje eu acredito que assim é melhorou bastante né porque o João, porque o João, eu falo assim que ele tem uma vantagem, hoje ele, ele tá muito, não tem aqueles traços perceptíveis, então já fica mais simples, mas eu vejo que quando não é assim, em alguns locais, quando eu já vejo crianças e adolescentes autistas que são mais severos, na verdade é bem diferente, as pessoas olham de outra forma, assim as pessoas não entendem que tem que aceitar, acabam achando que o pai não educou e não é isso, ele não vai aceitar simplesmente porque você pediu, não vai, ele não vai entender. Então a gente tem que</p>	<p>Boa pergunta, todos são muito receptivos assim por ela, ela é muito bem acolhida, porque é que nem eu te falei, os alunos já respeitam, os professores que a conhecem também, já sabem do jeitinho dela, já conhecem o jeito dela, [...] E a sociedade e aonde a gente vai e ela tem umas atitudes autistas, digamos assim, ela é, ela tem uma certa agressividade em cima dela, tem uma falta de aceitação em cima dela, total, a partir do momento que você fala, ah, mas ela é autista, pa, a mas venha aqui, olha chega me arrepiar da diferença, do não saber que é autista e do saber que é autista, o comportamento, a atitude das pessoas é totalmente diferente. [...] Se você me perguntar se ela tem amigos eu vou dizer não, ela tem colegas, os colegas de sala, tem colegas,</p>	<p>Agora sim, [...] eu acho ela mais incluída pela coordenação e pela direção, alguns professores do que pelos amigos, eles aceitam ela bem, porém eu não julgo, porque eles têm a mesma idade dela, deve ser muito confuso para eles, [...] para eles não deve ser muito claro, entende, para eles, eles devem ah.. louca tá gritando aí, tá incomodando a sala inteira, eu entendo, por isso que eu falo sempre para a Solária, o teu poder é a tua fala, você tem que se explicar, você tem que falar o que você é, o que você tem, porque você age dessa forma, né, que é uma crise, que acontece, mas sim eles entendem, assim, que ela tem alguma coisa, mas o incluir que eu te falo é complicado, né, a inclusão hoje ela é mais teórica do que prática. Então, eu vou te dizer que 70% eu acho que ela é incluída no ambiente escolar e</p>

<p>Esse menino aí, não sei o quê, né. Mesmo essas pessoas assim, às vezes, eu penso que o natural também, sabe que cada pessoa tem o seu jeito, né. E ele nem liga muito. Se alguém fala, a menino larga isso, não pode fazer isso, de um jeito assim ele procura relevar, [...] Ele tem muito poucos amigos. Na festa de aniversário dele é um problema né, então quando chega o aniversário dele, agora esse ano não, mas ele tem um amiguinho que é filho de uma professora lá do Costa de Silva, ela saiu de lá o menininho era mais pequenininho e ele mantém a amizade com essa professora e com o filhinho dela e daí com os primos e têm primo que ele não vai com o jeito e não adianta, então ele é de poucos amigos. Dos amigos que ele tem são aqueles.</p>	<p>dar os espaços, quanto mais você tentar, por exemplo, restringir vai ser muito pior, eu percebo, isso é característico mesmo, você não vai poder puxar, se ele está ali sentado, é naquele, é como ele se sente à vontade, é questão de respeitar. Hoje em dia tá melhor, mas ainda assim nem tanto acho como eu observo, né. [...] a escola já está mais preparada, no começo não era muito, era mais difícil, mas agora eu acredito que daqui para frente vai melhorar mais ainda. Assim te falo que ainda falta perante a sociedade sim, um pouco mais de conhecimento acredito, informação, falar mais sobre.</p>	<p>ela está fazendo cursinho agora, da casa família, então é os coleguinhas que vão junto, mas ela não tem amigos, porque amigos é aquele que vai na sua casa, mesmo com a pandemia, enfim, antes, vai na casa, conversa conta as coisas, tem um certo grau de amizade, de intimidade, mas se ela chegar aqui e pegar o teu <i>whatsapp</i> você já é amiga dela por mais que só mande uma figurinha um bom dia, um boa tarde, já é tua amiga, então amigos, ela não tem, ela tem colegas.</p>	<p>na sociedade meu Deus, aí piorou, piorou porque volta lá no início né, que o autismo não tem cara [...] eu acho que tá longe de inclusão, longe, longe, longe, tá longe mesmo, falta muita compreensão ainda, tanto que não se fala de autismo no adulto, né, é muito pouco, eles vão para a sociedade e que Deus ajude, por que você não vê, e é o que eu te falo, [...] você não vê eles no mercado de trabalho, eles têm que ser muito bons naquilo que eles fazem. [...] porque o mercado chama por conta, não acontece. Amigos concretos, uma, desde a infância, mas tem colegas, [...] a M. a adora de paixão, é... aceita do jeito que ela é, sabe? Dá até umas broncas na Solária as vezes, porque assim apesar das crises, eles são inteligentes, sabem também o que fazem, né, então, a Mi, fala Solária, chega já deu e ela escuta a Mi, tem a mesma idade, [...] É como se fosse uma voz de comando igual eu tenho, sabe? Então, a Mi cuida, a Mi protege, ela é desse jeito, a mãezona, é uma amiga mãezona, mas concreto assim de amizade que é dela, ela tem a Mi., de restante não.</p>
<p>14 - Atualmente considera a relação com o seu filho/filha mais fácil ou mais difícil?</p>			
<p>Lucia</p>	<p>Catarina</p>	<p>Carla</p>	<p>Laura</p>
<p>[...] eu acho mais fácil, porque eu conheço melhor ele, né, eu conheço melhor ele, e sei do</p>	<p>Em alguns aspectos, assim, eu acho mais fácil por ele entender melhor algumas coisas, mas assim</p>	<p>Mais difícil, no sentido de é, disso mesmo, dela já estar indo pro lado do adulto, ela já tem a</p>	<p>Atualmente muito mais fácil, né, o fato de ter vindo [o diagnóstico] de TDA esclareceu muita coisa assim, né,</p>

<p>que ele é capaz. Então, eu acho que assim, melhorou bastante, né, eu sei o que eu posso contar com ele e o que eu não posso contar com ele, eu sei o que eu posso expor para ele e eu sei que ele também sabe que ele sabe o que pode expor pra mim.</p>	<p>um pouco mais difícil por esse natural de não querer ficar mais perto porque adolescente né, quando era mais novinho queria ficar juntinho para fazer as coisas. Ah, já vou, agora não vem mais quando a gente chama. Tem outras coisas, ah vamos sair, ah não quero. Antes já tava pronto, queria fazer tudo junto, agora é sem espaço, quer fazer as coisas mais só, acho que mais nesse aspecto, mas assim, no conversar, no lidar com algumas questões, assim, é mais porque ele já entende muito melhor, tem opinião dele também, claro que às vezes ele fica muito rígido com alguma coisa que não era para ser, eu falo assim, você precisa mudar para o seu bem, o seu ponto de vista nisso e nisso, a gente fala, porque às vezes ele absorve aquilo ali, aquilo ali e parece que só enxerga aquilo, e isso aí precisa mudar aos poucos [...]</p>	<p>personalidade própria, óbvia e você explica as coisas e às vezes não entende e eu como adulta já sei o que está certo e o que está errado.</p>	<p>então, a gente parou de ter atrito, né, que acontecia né, acabava se magoando e às vezes falando coisas que não devia, tanto eu para ela, quanto ela para mim, mas hoje assim bem mais fácil, bem mais fácil, mas já tivemos períodos conturbados.</p>
--	--	--	--

15 - Você nota diferença de comportamento entre o seu filho/filha e os demais adolescentes?			
Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Eu acho que tem bastante diferença, porque deve ter algum nível de autismo, né, dificuldade motora e física. Mas também no psicológico de cada autista e eu acho que tem diferença sim, acho que tem, não sei se eu sei explicar bem, eu sei que tem autistas que é mais difícil de lidar e tem autistas que é mais fácil de lidar. Quanto a adolescência, eu não</p>	<p>Um pouco na questão da conversa o João ele interrompe um pouco, ele não vê, o horário, a hora certa dele falar, ele tem aquela ansiedade de falar rápido, ah senão eu vou esquecer. Eu falo João, mas assim, você tem que esperar a sua vez, às vezes ele chega com um assunto que não tem nada a ver no meio da</p>	<p>É diferente porque quando ela está perto de um adolescente, um adolescente é mais maduro, é mais ligado, mais centrado nas coisas normais, digamos assim, ela fica olhando de canto de olho pra pessoa e daí: que música você gosta? Tenta fazer amizade. Que música você gosta? Daí ela fica, tipo assim, olhando de rabo de olho pra</p>	<p>[...] a diferença é a maturidade, né, gigantesca a diferença de maturidade dela para os colegas da mesma idade dela, os interesse [...] A Solária, as séries ainda são infantis, que é desenho, desenho né, é ali na faixa de adolescente, porque são desenhos mais é Hora de Aventura esses mais maduros, né, mas ainda é um</p>

<p>vejo diferença, como eu disse eu faço catequese né, dou catequese e vem crianças de todo jeito, né, para catequese, grandes e maiores, então, eu não vejo muita diferença.</p>	<p>conversa, mas hoje em dia está melhor, mas assim às vezes começa a contar piada no momento que não era para fazer, sabe, aquelas coisas assim, mas assim no mais é tranquilo, assim ele interage bem, ele respeita os status, sabe que até hoje nunca teve um problema.</p>	<p>pessoa. Ai, gostei do teu sapato, ela fica elogiando e não é atitude de um adolescente normal, ninguém vai ficar olhando pra você e rotulando, te perguntando, te falando as coisas. É por isso que eu digo, ela é assim, imatura, perante os outros adolescentes.</p>	<p>desenho, ela assiste poucas séries ainda assim de adultos, né, com gente de verdade, então tem bastante diferença na maturidade e no juízo eu acho Solária um pouco mais ajuizada do que os outros né que eles não pensam muito nas consequências. Mas tem bastante assim fora as estereotípias que ela apresenta e eles não, interesse restritivo, se deixar ela falar sobre animais leva um dia inteiro ou sobre os personagens dela.</p>
---	--	--	--

16- Como é ser mãe ou pai de um adolescente autista?

Lucia	Catarina	Carla	Laura
<p>Como eu tenho dois adolescentes, um casal, eu aprendi a ter mais paciência, eu aprendi assim, com a convivência, eu vi que ou eu aprendo a ter mais paciência ou eu estrago os dois, porque ele tem aquela característica dele, ele não sabe se eu tô brava, se eu tô impaciente, se eu estou impaciente ele não entende porque, porque ele tá fazendo o quê eu tô pedindo, mas do jeito dele[...] Então assim, com ele eu tenho que ter mais paciência, porque ele tem mais dificuldade [...], tem que ter mais paciência com ele e tem que ter paciência com ela quando ela reclamar, né, porque senão parece que eu tô dando atenção mais para um do que pro outro</p>	<p>Acho que muito aprendizado, acho que desde o começo até agora eu aprendi muito, eu tenho muitas preocupações com o futuro, assim essas questões, assim mais com ele, de conseguir seguir sozinho sabe, acho que é a maior preocupação, né, que a gente tem né e eu acho que hoje em dia fico mais tranquila nesse aspecto. Eu acho muito legal, porque parece que, não vou falar dever cumprido, porque sempre tem algo a mais, só que assim ele está preparado para ir sozinho, ele vai na fisio sozinho, coisas do gênero assim, ele consegue se virar bem com coisas que eu achava que ele não ia conseguir fazer, tem noção de direção, sabe dessas coisas eu</p>	<p>Ai como cansa, é muito difícil, você criar uma pessoa pro mundo que você não sabe se você estará aqui amanhã, quem vai cuidar aí tem gente que fala assim, você protege demais, amanhã ou depois você não está mais aqui, você tem que dar mais liberdade. Porque ela não conhece dinheiro ela não conhece, horas, ela não tem noção de tempo, mês dia, ano [...]. Então, tudo isso é difícil, você explicar uma coisa e ela não entender, é difícil. É muito difícil ser mãe de autista. Assim, mas assim, o que me conforta, me deixa feliz ainda é que eles dois são extremamente carinhosos, é beijo e abraço o dia inteiro, eu te amo o dia inteiro. [...]. Então isso conforta muito. E o</p>	<p>É um Desafio, né, eu vou te falar que por muito tempo, quando a Solária era criança, eu romantizei o autismo, não porque eu quis, porque é o que passam na infância, a o tal do anjo azul, eu não tô dizendo que o autismo não tenha coisas positivas, tem, eu te falo que muitas vezes eu gostaria de ter algumas coisas que ela tem, sabe? o fato de não ser tão apegada, de falar, não é falar o que pensa, assim na questão de ser grossa, mas você não precisa ficar agradando, porque tem que ficar fazendo média, sabe? Porque ela fala, tipo, olha eu não quero, não quero, não tá bom assim, então assim, tem as coisas positivas, mas não dá para romantizar, né, então tem muita dificuldade em volta apesar da parte</p>

	<p>acho que hoje, é um aprendizado, hoje eu me sinto assim bem melhor quanto pessoa. Claro que eu vou pensar que eu poderia fazer melhor, fazer a rotina pra implantar outras coisas.</p>	<p>que dizer do amanhã se eu não estiver? eu rogo a Deus que coloque anjos na vida deles e assim como eles são anjos que eles não tem culpa das atitudes deles da forma que eles agem, que Deus coloque anjos no caminho da vida deles, é isso, porque essa pessoa não vai fazer tudo isso que você faz. Eu fiz a minha parte, enquanto eu tive junto, eu fiz a minha parte, eu cuidei da melhor forma possível. Eu tento educar, o que é certo e o que é errado, o que é do bem e o que é do mal.</p>	<p>positiva eu romantizei muito na infância, porque a Solária, porque na infância você não vê tanto, né, a coisa começa aparecer depois dos 10 anos, então você acha que realmente. Eu vejo, assim, que as mães, né, que tem os filhos nessa faixa etária ainda de criança ‘aí porque é meu anjo”, “porque eu não sei o que eu faria”, “ainda bem que veio assim”, não gente as coisas não são bem assim é muito difícil para eles, sabe? Ela se aceita bem, eu aceito super bem, ela aceita super bem, o pai aceita super bem, mas a gente sabe que é difícil, né, que é uma limitação, não é uma doença, mas é uma limitação para o resto da vida que traz coisas positivas, mas traz coisas negativas e as negativas atrapalham muito a vida que a socialização, né, se você não se comunica, se você não socializa, se você não consegue interpretar o mundo real, fica difícil viver, né, então eu falo assim que a palavra mesmo é desafio.</p>
--	---	--	--

Fonte: As autoras (2021).

APÊNDICE F – Respostas da entrevista com os/as professores/as

QUADRO 4: Entrevista com os(as) professores (as). Foz do Iguaçu-PR, 2021

2- Você estuda ou estudou sobre a adolescência?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Eu estudei um pouco, é eu fiz alguns cursos que visavam a proteção da criança e adolescente. E aí a caracterização do adolescente.</p>	<p>Confesso que não muito, a gente, que eu busco é essa, esse, essa coisa desse conhecimento digamos normal né que a gente tem que saber um pouquinho, as vezes uma necessidade que teve por ter filhos, sobrinhos, afilhada, daí você vai lá e acaba lendo um pouquinho , mas esse conhecimento científico mesmo não, nunca. Na graduação teve, mas não muito nessa fase, assim, nessa questão do corpo, né, não é muito acentuado, um conhecimento bem artificial mesmo, estuda mais o desenvolvimento dele social, mas não o físico né. Eu acho que é mais a ciência, biologia que estuda isso, nós estudamos a questão social, daí sim, um pouquinho mais.</p>	<p>Porque o nosso estudo é sempre assim a gente sempre está estudando pra explicar. Quando eu falo que eu tenho que aprender a formação do corpo [...] você tem que ter uma maneira de explicação [...] pra você poder falar pro teu aluno, pra ver se você vai desenvolver cada etapa, essa aí pra você mostrar e quando nós falamos na adolescência, nós temos que mostrar também pra eles do perigo ali fora do que você pode encontrar principalmente nós que trabalhamos muito com as drogas, [...]ele não tem uma mente madura o suficiente pra saber que isso eu não posso fazer, se eu devo ou não fazer. aí que é a fase que nós professores tentamos falar o mínimo, na realidade você já nem pode estar falando tanta coisa, você tem que falar, mas de uma forma bem sucinta, porque senão é capaz do pai chegar lá e dizer que você está ensinando coisa essa pro meu filho e eu já escutei isso. Eu tenho uma prática de explicar bem direitinho de uma forma que não saia daqui, então é um momento que você tem que ter cuidado pra trabalhar com as crianças.</p>	<p>Na verdade, não. Nunca parei para estudar especificamente sobre a adolescência [...].</p>
3 - Você trabalha o tema mudanças físicas decorrentes da puberdade com os seus alunos?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca

<p>Sim, sempre quando entra no tema sexualidade, desenvolvimento sexual ou sistema reprodutor acaba entrando também nessas mudanças dessas características, né, da pessoa.</p>	<p>[...] com aluno autista eu acredito que seja mais uma necessidade assim, se tiver uma necessidade a gente aborda, se não passa direto ali, porque não tem tempo né o aluno autista eu como professor apoio eu fico ali no mesmo horário de aula deles. Então eu fico ali acompanhando as aulas meu objetivo principal é atendê-lo diante dos conteúdos regulares ali. Então esse que é o meu objetivo, assim, principal. Claro, se eu perceber alguma outra necessidade de abordagem em relação a adolescência, físico, social ou da saúde, aí a gente pode até de repente fazer um trabalho com a família, né. Mas até hoje não foi necessário, entendeu? Até porque também é muito rápido né, a gente trabalha com aquele aluno.</p>	<p>[...] mudança física é a transformação do corpo e eu trabalho com os meus alunos. [...] agora esse ano, foi trabalhado já com o sétimo ano, mas trabalha mais com o oitavo e depois com o nono ano. [Com a mudança da BNCC], agora começa com o sexto ano a mostrar um pouco do corpo humano [...] mas lá no quinto ano também já se trabalha, quer dizer não é completo com tudo você falando, você já começa a ensinar, explicar do corpo como vai se transformando, o que que vai acontecendo, você vai em fases e aumentando, como se diz, mostrando mais a realidade do seu corpo, por exemplo o ciclo do nascer eu não vou explicar para uma criança de quinto ano como eu vou explicar para uma criança de oitavo ano, não vou aprofundar o assunto. Eu acho que em todos os assuntos a gente tem que ter uma, como se diz, uma escadinha pra você aprofundar o assunto. Tratar num ambiente onde você está falando com um adulto é diferente de tratar uma criança [...].</p>	<p>Não, [...] com eles não, falando assim por, não, não, não, nunca trabalhei às vezes surge algumas perguntas na sala de recursos, você até conversa né, mas não assim específico vou me preparar, vou estudar isso para... né? Não, especificamente não.</p>
---	--	---	---

4 - Quais mudanças físicas você percebe no seu/sua aluno/aluna?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Sim, olha, de forma geral, vamos colocar como exemplo o Henrique e a Sabrina os dois tiveram mudanças, eu falo físicas, observáveis, porém não tiveram mudanças de comportamento em termos de</p>	<p>Eu percebo mais essa mudança como pedagoga [...]. Quando a gente volta assim das férias você consegue perceber o desenvolvimento, as diferenças desses níveis né, do físico, mental, bem assim, você consegue perceber. O aluno</p>	<p>[...] a criança muda em tudo, inteiro, a menina, então, coitadinha, é uma coisa de louco, muda o corpo todo, daí ela começa a ver aquela mudança e uma coisa que afeta bastante que eu vejo na fase de desenvolvimento</p>	<p>[...] só tive um aluno que eu percebi assim algumas coisas diferentes nele, mas não especificamente assim eles são mais pelo menos, pelo fato de estar em sala de aula, mais tranquilo</p>

<p>apreciação do outro de geralmente ficar curioso pela feição do sexo oposto e ou seja do próprio sexo não tem problema nenhum, mas é não vi essas características despertadas neles, mas as físicas sim, tanto do Henrique como da Sabrina como exemplo né, mas temos outros alunos que no mesmo sentido eles despertam-se pouco pela do que a gente realmente observa que ocorre na puberdade interesse pelo outro né, então eu acho que isso não apareceu neles.</p>	<p>autista ainda eu não consegui perceber, porque, porque a gente só fica um ano com ele, né. Então no outro ano a gente já muda, porque o professor de Educação Especial ele não tem lotação na escola, todo ano ele tem uma distribuição ele tem que seguir aquela distribuição, então às vezes você acha que você vai pegar o mesmo aluno e acaba não pegando. Então é uma diferença que a gente percebe assim, mais nessa questão social, você inicia com o aluno autista, você inicia fazendo trabalho com ele no começo do ano às vezes objetivo principal é fazer com que tem uma autonomia maior né, de estudos, de independência, de comportamento social [...] Mas a gente consegue perceber a independência um pouquinho, no físico um pouquinho às vezes. O aluno autista, quando a gente sai de férias, né, quando a gente volta, percebe que ele deu uma esticadinha.</p>	<p>hormonal é que eles ficam agressivos e não é só ela que tem autismo é a outra também, é a outra criança também, sendo que nós temos crianças que são mais calmas e crianças que não são tão assim aquela coisa calma [...] eu não tive um tempo pra falar com a Salaria não, só vendo a transformação do, a mudança de conversa e fica agitado né, mas que já se expressa um pouco mais nós podemos explicar, mas nós não podemos entrar no assunto, como psicóloga, perguntar para a criança, porque nós trabalhamos com 35 alunos então não tem tempo, é só explicar o conteúdo ali.</p>	<p>assim. Não percebi nada. Eu tive um aluno que tinha, assim, ereção espontânea, entende? Mas daí ele dava uma disfarçada e eu ficava até constrangida né, mas não era uma coisa assim, era uma coisa dele mesmo, mas foi o único assim.</p>
--	---	---	---

<p>5 - Você notou mudanças comportamentais no seu/sua aluno/aluna? Quais? Você acha que trabalhar com o este nesta faixa etária atualmente é mais fácil ou difícil?</p>			
<p>Ricardo</p>	<p>Luiza</p>	<p>Ana</p>	<p>Bianca</p>
<p>Eu acho é mais difícil, porque nós, professores, infelizmente não temos a preparação para trabalhar com os diversos tipos de alunos especiais TDA, TDAH todos</p>	<p>Bastante, às vezes até assim, a gente principalmente o mental e o social, assim, no sentido mental, [...] como pedagoga, eu consigo acompanhar isso [...]um aluno lá</p>	<p>Sim, acho assim que ficou mais agressiva. Eu acho mais difícil [...]</p>	<p>A Salaria, vou tomar pelo que a mãe dela falou né, ela ficou mais assim mais nervosa, sabe, teve aí inclusive ela levou ela no médico né e o</p>

<p>aqueles tipos de alunos especiais, nós não temos nenhuma preparação própria para isso gente sabe o que é, conhece pelas leituras, pelos cursos, palestras que são dadas, mas a gente não tem assim segurança para poder falar não eu vou falar com Fulano porque eu entendo né como ele vai reagir. Eu não tenho preparação para saber como apoiá-lo né, no tipo de reação que ele vai ter, então eu acho difícil fazer isso, primeiro porque a gente tem que ter liberdade da família, eu acho que primeiro, principalmente pelo fato de eles serem autistas, né. A gente tem que ter o consentimento da família pra tentar falar, entrar nesse tipo de assunto. Então acho muito difícil essa abordagem e a gente acaba deixando para que isso ocorra no nosso dia a dia de trabalho quando tá explicando sobre o sistema reprodutor e aí entra em sexualidade e falamos sobre essas coisas, mas sempre assim, é difícil a gente ter uma resposta imediata assim, durante uma aula né, dele, eu falo, no sentido de principalmente desse assunto. Então acho que eu não estou preparado para poder fazer isso, né, até gostaria, mas eu também não sei se é vantajoso para que</p>	<p>no sétimo ano, né, ele ainda tem comportamento imaturo de criança quer chamar atenção, indisciplina, daí a gente conforme a organização da escola ele já vai né, percebendo que tem necessidade de ter uma mudança aí no oitavo, nono ano você, nossa, cadê aquele menino? né, às vezes só causava indisciplina, por exemplo, né. Daí vai, daí tem essa diferença daí ele já tá mais homenzinho. A menina, a menina ela amadurece muito mais rápido, né, eles estão lá né tipo falando bobeira e elas já estão à frente, dá essa sensação assim. [...] os meninos tem aqueles momentos mais infantilizados demoram um pouquinho mais para eles essa fase da adolescência por mais que eles já estejam na puberdade, eles ainda tem um comportamento. já a menina não, parece mais mocinha. já não gosto muito, dá a impressão que elas amadurecem mais, né. Não sei se é essa palavra amadurecer, porque a gente não é fruta, né. Essa responsabilidade, né, parece que elas se cuidam mais cedo, talvez até pela família, também, né. Porque é sempre em casa a família que, a menina que tem essa coisa de lavar a louça, cuidar do</p>		<p>médico falou que isso tinha a ver também com a questão de mudanças hormonais enfim, entendeu, mas só que essa questão mesmo do comportamento ficar mais expressado tá, claro né enfim, assim, que agora ela tinha menstruado né, enfim, essa parte assim. [...] eu não acho difícil não, eu até gosto sim, eu prefiro ainda trabalhar com os maiores do que com os pequeninhos, para mim é tranquilo, eu não acho difícil não. Isso tomando quanto ao meu público, no caso os alunos autistas meus alunos de Educação Especial não vejo problema para trabalhar.</p>
---	--	--	--

<p>eles entrem nesse mundo, talvez nessa idade que eles estão, ou seja, será no tempo deles estarem conhecendo o que é sexualidade, sexo, relações sexuais né, então a gente fala de forma geral pra eles em aula, agora se eles tiverem interesse de virem buscar daí talvez tem uma abordagem para poder orienta-los com o consentimento da família seria melhor. Individualmente eu não tomei partido.</p>	<p>irmão, acredito que seja também nessa questão histórica familiar, em casa é sempre a menina que vai ajudar a mãe, vai cuidar dos irmãos, às vezes o menino fica lá meio folgado talvez tenha disso do histórico-social da mulher né, de assumir mais responsabilidade. Eu gosto [...] Durante o meu trabalho, eu consigo lidar com as situações com muita calma, com muita paciência, o que for necessário né, se for compreender todo o contexto do autista eles tem mais dificuldade, mas eu consigo legal, a situação que que houve, eu consegui administrar, seja do aluno autista dentro da sala de aula ou quando eles tem aqueles rompantes, né, assim consegui lidar com a situação, com o problema e com a turma. né, porque o aluno autista fica com a turma, agora na educação infantil eu não tenho mesmo essa experiência.</p>		
6 - Você conversa sobre higiene pessoal e autocuidados com o seu/sua aluno/aluna?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Sim, [...] sempre que entrar nesse assunto né, não detalhadamente né, mas faço questão de entrar, porque é muito importante e para muitos ainda, por incrível que pareça, hoje em dia, o tempo passa, mas esse tema ainda, ele é muito travado na</p>	<p>Sim, muito, tanto de manhã como pedagoga, a gente trabalha através muito com os relatos de professores, aquele geralção com a turma, de repente com um vídeo. Nada específico para o aluno autista. Geralmente eles já</p>	<p>A higiene a gente fala do normal, a gente não fica falando de outras partes, assim trabalhando com eles. A gente fala da higiene corporal ao todo na sala de aula, a gente não pega ninguém específico para falar, porque se você fizer isso, [...] você está</p>	<p>Sim, isso eu converso, eu sempre procuro conversar tá, até porque eu tive um aluno especial que ele tinha, mas é assim ele era cadeirante. Então os pais assim também não cuidavam muito sabe aí eu tinha</p>

nossa sociedade então na sala de aula eu faço questão de expor tudo o que eu acho importante para vida sexual deles. Claro que dentro dessas questões físicas e biológicas [...].	são bem cuidados, tanto os alunos que recebemos autistas como pedagoga, quanto a tarde como professora apoio, eles são bem cuidados, bem organizados, mas se houvesse necessidade de atender eu não teria dificuldade alguma, nem com eles, nem com a família também.	discriminando, você não pode, se você quer falar alguma coisa na sala de aula, você fala ao todo, você vai explicar ao todo, então ele vai servir tanto pra esse, quanto para aquele [...] Quando nós falamos sobre o desenvolvimento da criança, quando ela vai passando a fase da puberdade e chegar a adolescência, então nós vamos falando dos cuidados que eles tem que fazer e assim é para todos [...].	que trabalhar tanto, tanto a família quanto o aluno, entende? Foi bem delicado, assim, mas não tinha jeito, tive que ter uma conversa mais próxima assim com eles, mas eu conversei sim. Quando eu percebo, principalmente, que assim não tá legal [...]
---	---	--	--

7 - Você explica para o seu/sua aluno/aluna o funcionamento dos órgãos reprodutivos humanos? Como?

Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
Sim, desde as imagens, eu faço questão de, no mínimo, quando, às vezes a gente, tem uma abordagem, depende do período em que a gente está, detalhadamente, sistema reprodutor masculino, geralmente no mínimo dá uma aula, uma aula e quase duas, de um só sistema reprodutor, depois de outro sistema reprodutor, a função de cada órgão, da reprodução e também da relação sexual, ou seja, quando ocorre relação, algumas características são diferenciadas.	Como pedagoga, a gente faz um trabalho com o professor de Ciências conforme a realidade da turma. Como professora apoio eu nunca necessitei ou trabalhei, mas se precisasse eu teria que estudar para não falar bobeira ali, também eu poderia pedir ajuda para um professor, porque o professor apoio tem que estar muito próximo dos professores para poder entender o conteúdo o momento da abordagem, do momento como está desenvolvendo aquele conteúdo, então, com certeza eu iria pedir apoio para o professor de Ciências para me ajudar a abordar, porque às vezes a gente acha que é segura, mas as vezes não é tão segura, uma outra pessoa pode falar melhor, pode entender	Com certeza, dependendo da faixa etária do nosso currículo, na escola nós temos um planejamento [...] então você tem que planejar, o que que tem ali, o que que você pode falar, então eles já vem e você sabe o que você vai trabalhar com essa faixa etária, eu posso trabalhar isso ou não. Então é assim, dessa forma e nós trabalhos ao todo [...].	Não, é que na verdade nós que somos da Educação Especial acabamos deixando para Ciências, entende? A gente acaba passando a bola, digamos assim, a gente não entra muito nesses assuntos, diretamente, né, daí a gente deixa mais para a área de Ciências, né. Essa parte aí, mas especificamente, parte humana, daí no geral não, não comento muito, a não ser que o aluno, na sala de recursos, quando os alunos têm alguma dificuldade para fazer alguma atividade daí eu leio com ele, mas não específico.

	melhor daquele assunto, então eu sempre peço ajuda, eu sou muito tranquila em pedir ajuda.		
8 - Você explica ou explicou para o seu/sua aluno/aluna o que é ereção e masturbação?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Sempre, se a pergunta não vem antes, a gente acaba abordando, no caso da ereção, eu começo com a questão da poluição, a poluição noturna, que é quando o jovem, geralmente, o menino sonha e acha que está tendo uma relação e as vezes ejacula, daí eu falo, não acontece isso de noite? Daí pra eles acham mais fácil, dizem professor isso acontece toda hora. Eu falo do caso da ereção, então isso ajuda, fica divertido para poder falar sobre isso, daí acabamos assim, explicando os motivos que ocorrem isso, que é natural, dentro, principalmente da puberdade. Daí entro na questão da masturbação. Daí alguns ficam com vergonha, porque ainda não sabem. Daí sempre há uma balbúrdia total nesse momento, porque uns sabem, outros não, outros sabem ou tem ideia do que é, mas tem vergonha, outros riem por causa só do nome, desse ato, então eu faço questão de explicar. E sempre vem a pergunta, mas faz mal? Daí eu falo, a</p>	<p>Não, na escola não. Não tive necessidade. Mas se fosse necessário pediria apoio ao professor de Ciências, acredito que ele explicaria de uma forma mais gostosa, mais tranquila este assunto. Mas eu, nem como pedagoga, nem como professora apoio tive necessidade.</p>	<p>Eu não me aprofundo nessa parte, porque eu estou no meio de vários alunos e isso vai ficar para o ensino médio, eu não falo, eu explico o corpo, qual o órgão, eu falo né, mas não vou estar falando disso aí não. [...]é interessante, mas outra pessoa vai falar ou mãe ou pai, alguém, mas eu vou falar do corpo dele, o que ocorre no corpo dele. Eu acho que essa parte aí, é mais na parte sexual, assim, é sexual. Essa parte assim fica mais complicada, você não pode detalhar assim, tem coisas que você não pode dar profundamente, eu não trabalho [...].</p>	<p>Não, não, teve esse caso do aluno né, mas eu acabei. Eu não tinha muita intimidade com os pais até para ficar falando, daí eu preferi continuar esperar e foi passando tempo, daí eu ia conversa, mas daí como eu vi que era não era direto né, que era uma coisa mais esporádica daí eu deixei pra lá.</p>

<p>biologia de cada um, mas sempre do excesso, tudo que é em excesso, se não estivermos biologicamente preparados, pode fazer mal, em certo ponto. Falo também da questão das meninas, o que é para elas isso e quais as características. Então a explicação é bem ampla, apesar da gente não conseguir ficar muito nesse tema, pelo incrível que pareça, eles preferem pular, ou seja, eles querem só saber superficialmente e que não fique entrando em muitos detalhes não.</p> <p>Quando é uma turma de Biologia fica mais fácil, daí a aula fica mais, para mais, daí vem os casos que eles querem saber. No ensino fundamental é muito mais travado.</p>			
---	--	--	--

9 - Você explica para o seu aluno/aluna o que é menstruação?

Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Aliás essa vem antes da masturbação, explico, geralmente eu pego turmas de nono ano, então, pra muitas já ocorreu, mas muitas, às vezes não tiveram a primeira menstruação, mas isso é bem explicado, acho importante que elas possam ser orientadas, se não tiveram orientação em casa, que a escola possa estar. Então na sala de aula eu faço questão de explicar</p>	<p>Eu não tive ainda essa experiência como professora apoio, porque os dois alunos que eu atendi, foram homens, foram meninos, então não teve essa necessidade, mas como pedagogo sim, a gente trabalha bastante essa questão da menstruação, porque principalmente quando acontece a primeira vez na escola ou outras vezes, elas vão no setor da equipe pedagógica [...]</p>	<p>Menstruação sim, com as meninas a gente trabalha muito isso, com eles, explicar qual é a época da ovulação, como se deve prevenir, quais as doenças, DSTs, então a gente fala isso, mas tudo de uma forma sem aquela parte sexual, sabe, tipo aguçando, é no natural, é aquilo que você tem que explicar, é isso que eu vou explicar [...] a menarca, né, quando que começa, quando que termina, né, a menopausa, então</p>	<p>Não, também não, porque essa aluna que eu te falei a mãe era... geralmente fazia esse papel, assim sabe? Ela falou comigo que já tinha explicado tudo e tal, que tinha tido essa conversa prévia. Então eu não cheguei a pesquisar ou conversar sobre isso.</p>

<p>tanto para os meninos como para as meninas. Os meninos, de certa forma, tem muitas dúvidas do que é, acham que é uma coisa diferente, mas explicamos sobre o ciclo menstrual e menstruação.</p>		<p> você vai trabalhando, você vai explicando as partes certinho. [...]</p>	
<p>10 - Você trabalha durante as suas aulas sobre temas gravidez e sexo seguro?</p>			
<p>Ricardo</p>	<p>Luiza</p>	<p>Ana</p>	<p>Bianca</p>
<p>Sim, é trabalhado até porque prevenção a gravidez, sexo seguro, DSTs, agora chamado ISTs, tudo isso é bem explanado para eles, até peço para que, quando chega neste momento, não da gravidez, mas da prevenção vem os métodos contraceptivos, faço grupinho e peço que cada um explique e fica mais participativo.</p>	<p>Não, [...] mas eu acredito que se tiver necessidade de conversar sobre esse assunto, se eu perceber a necessidade do aluno, eu vou pedir parceria para professora de Ciências, que a gente possa conversar com ele ou conversar com a família.</p>	<p>Sim, nós explicamos a maneira de prevenir, quais são os métodos de prevenção, isso no oitavo e nono anos, você vai mostrar para ele, quando você fala de uma gravidez, você tem que falar como evitar, o que eu posso fazer para evitar, o que pode surgir se eu não cuidar? Eu trabalho isso com eles no ensino fundamental e no ensino médio também volta de novo o conteúdo. E é interessante que você mostre para ele o conteúdo, porque quando eu falo do meu corpo da minha adolescência, tá mudando, tá tudo mudando, eu tenho que falar isso, eu tenho que entrar nesse assunto. E eu tenho que ver a forma que eu vou explicar, de uma forma sucinta que ele entenda, o que que acontece.</p>	<p>Isso sim, informalmente com eles na Sala de Recursos. Sim, já de maneira, assim, informal, acabei conversando já.</p>
<p>11 - Como você avalia o ensino e o aprendizado do seu/sua aluno/aluna sobre estes temas?</p>			
<p>Ricardo</p>	<p>Luiza</p>	<p>Ana</p>	<p>Bianca</p>
<p>De forma geral, né, eu tenho certas dúvidas da aprendizagem, né, eu sei que o Henrique é um menino assim, pegando esses dois mesmo para exemplificar, ele é um</p>	<p>[...] é difícil dizer se eles aprendem o necessário conforme as orientações da escola, não sei se aprendem o necessário, eu acho que eles, de</p>	<p>[...] nós avaliamos com uma prova, você fazer, você avaliar. Dentro do contexto ele tem o seu desenvolvimento, mas não é igual aos outros e sempre você tem que ter um olhar</p>	<p>Geralmente, os alunos que eu atendi os pais conversavam em casa, mas assim, para que eles têm o mesmo conhecimento de como agir, que</p>

<p>menino que tudo que ele quer aprender ele vai atrás, então ele não tem dificuldade. Agora a gente tem dificuldade se ele entendeu realmente, né, porque responder, as respostas dele, assim, a pesquisa, pesquisando ele consegue responder as questões, que ele identificou que é de reprodução ou sexualidade. Mas a gente não tem certeza, eu não tenho certeza se ele tem noção realmente do que ele tá escrevendo ali, da realidade que ocorre na vida dele. Da Sabrina, mais difícil ainda, porque ela agora, nesse último ano, apesar de ter poucas aulas, né, a gente teve poucas aulas presenciais, eu vejo que ela está mais madura, que ela tem os seus interesses, mas que ela tem muitas características que são, que denotam a infantilização dela, ela é muito dependente, talvez, não sei como é que é o ambiente de casa dela, né, para promover que ela saia dessa fase, né, mas eu vejo que ela já tá caminhando, porque ela observa, ela escuta a outras colegas falando, uma coisa ou outra, eu sei que ela tem noção mas eu não vejo ela despertar em si mesmo algum desses interesses. Eu acho que [...] com o consentimento da</p>	<p>repente, eles pegam, conseguem assimilar um pouco daquilo, mas sabe que eles ficam muito distantes, muito longe, então talvez esses temas eles não aprendem naquele momento, mas lá na frente, eles vão lembrar que eles ouviram, que a professora abordou, porque a aprendizagem é isso . Muito adolescente, por exemplo, naquele momento ele não aprofunda, mas lá na frente ele vai lembrar, olha eu aprendi um pouquinho, porque eu não busquei mais? Eu acredito que para ele, talvez, no momento, seja o suficiente.</p>	<p>diferente em tudo que você vai falar, avaliar com eles, no momento que você está com eles, seja na escrita, seja na fala. [...] da forma que te expressa, se ela estava expressando bem, se ela fala para você, da forma como ela está se expressando ela vai demonstrar que ela entendeu o que você falou [...].</p>	<p>nem essa aluna que era adolescente, que é adolescente, a mãe dela fala até para ela né se proteger e tudo mais, ela tinha todo esse conhecimento, mas assim de uma maneira geral, acho que bem tranquilo assim. Eu acho que sim os professores procuram, né, de uma maneira geral, [...] Aí o que eu percebo os alunos que eu tinha, os pais em casa faziam esse complemento de trabalhar mais, porque o autista como ele é muito no mundo dele, ele não pergunta muito né, não ficam lá..., então não tem muito questionamento em relação a isso.</p>
---	--	---	--

<p>família, alguns professores, né, talvez é juntos, né, para poder orientar, aí eu falo juntos, porque quando a gente pega um tema desse nível para trabalhar e quer trabalhar, eu acho que dá uma insegurança para nós no sentido de ocorrer alguma má interpretação futura, mas eu acho que seria a melhor forma, particularmente, da gente ver realmente qual entendimento que ele ou ela tiveram sobre esse assunto que de forma, do ensino regular fica mais difícil daí. Tanto é que a gente sabe que quando, não digo no ensino médio, né, mas no fundamental esse assunto quando a gente explica eles têm noção, mas entendimento mesmo de certas coisas, alguns não tem, né, não conseguem aprender aquilo realmente, como utilizar, porque às vezes, talvez isso não chega ao ponto de, aí eu nem me preocupo por eu não vou estar me relacionando, né, então talvez, por isso, né, que alguns não aprendem ainda, mesmo estando, às vezes, no ano não tem ideia do que a gente tá falando, sabe por cima, mas não sabe ao certo do que você tá.</p>			
12 - Você nota se o seu aluno/aluna demonstra interesse em ficar ou namorar?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
Até o momento eu não vi claramente	[...] eu posso dizer no geral dos alunos	Eles são pequenos ainda, estão no oitavo	Não, por incrível que pareça é, é

<p>isso, sabe, nenhum deles demonstrou, mesmo durante a escola ali. Tive outro aluno que, não me recordo o nome, que os alunos brincavam com ele, que era namorado de outra aluna, mas ele ria, baixava a cabeça e ria, ele era Asperger, tinha síndrome de Asperger, ele achava graça. Às vezes ele queria se abrir e se comunicar, mas ele era muito fechado. Mas desde que eu tenho observado os alunos autistas nunca vi esse interesse aflorado.</p>	<p>autistas, eu percebo que eles são muito, assim, parecem muito distante dessa coisa de namorar, dessa coisa de olhar para uma outra menina ou mesmo a menina, esse coisa bem infantilizada, assim bem criança, o menino também, normalmente ele, ele tem outras áreas afins, né, que eles gostam é os jogos, a tecnologia, eles são muito na deles, assim muito tímidos e retraídos, são de poucas amizades, já começa por aí, eles são muito seletivos na questão das amizades e são muito fiéis também, então a experiência que eu tenho eles ficam muito sozinhos e quando eles tem amizades, são poucas e namoro fica no terceiro plano, não é prioridade para eles, eu percebo que fica bem longe essa questão da sexualidade, do interesse pelo outro, de namorar. Nunca percebi assim.</p>	<p>ano, então eu não vi nada, [...] mais dessa mudança dá para você perceber que tem mudança dentro, mas expressar, falar, conversar não. [...] eu também não pergunto sobre esses assuntos para os alunos, às vezes surge alguma coisa, mas eu não pergunto, não fico instigando esse assunto.</p>	<p>diferente eles não, não demonstram essa necessidade, não sei se é porque eles vivem muito no mundo deles, entende? É um mundo tão assim diferente do nosso. Assim, eu não percebo isso e olha que eu já trabalhei um bom tempo com eles e são bem tranquilos, não sei, de repente mudem depois, mas não, eu não percebo esse interesse, sabe? Dos meninos ficarem olhando as meninas ou não. São muito assim, no mundo deles. é algo diferente mesmo.</p>
--	--	---	--

13 - Você sente que o seu aluno/aluna é incluído na escola e na sociedade? Ele/ela tem amigos?			
Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Apesar de estar dentro da escola, como agente diz inclusos já, mas infelizmente há um distanciamento assim, assim social, do qual eu reparei, tanto o Henrique, quanto a Sabrina e outros alunos autistas que nós já tivemos, todos eles</p>	<p>Incluídos na escola, sim, eu acredito que a escola pública ela tem esse ponto muito positivo que é grande a inclusão, né. Eu acredito muito na escola pública, esse trabalho que a gente faz aí de se diversificar, esse trabalho todos estão juntos, não tem essa</p>	<p>Olha, é difícil essa parte, porque assim, o nosso governo, eu vejo assim, ele quer uma inclusão para a criança, que ela esteja no meio dos outros, mas nós sabemos que as coisas não são bem assim, nós professores tentamos colocar,</p>	<p>Os autistas, eles têm uma tendência a se isolar por eles mesmo, então, nas turmas que eu trabalhei eu percebi assim que tinha os dois lados, tinham grupos na sala que queriam, por exemplo, fazer atividades com o aluno autista e tinha</p>

<p>ficam mais isolados, então, a sociedade ainda não sabe lidar com a socialização deles, porque eu acho que a característica do autista, uma das principais é essa, ele vivendo no mundo próprio. No momento, a gente não sabe em qual momento que é isso, nem sempre ele tá no mundo dele, todo fechado no mundo dele, mas sabe que eles são introspectivos, mas se você der liberdade eles conseguem socializar bem, conversar, ter uma vida regular, como a gente gostaria que todos tivessem, não que todos sejam iguais, mas que eles pudessem participar do que a gente acha que é social e aproveitável. [...]</p> <p>Então, não é fácil a socialização, mas né, a gente tem que tentar. Eu acho que o nosso papel de inclusão ainda está difícil de ser, de ter sucesso ainda do jeito que nós levamos.</p>	<p>diferença, por mais que a família esteja ali na escola pública e tenha uma condição melhor, mas na sala de aula, entrou do portão para dentro, somos todos iguais, então isso já é uma característica da escola pública, isso eu acho assim maravilhoso. [...]</p> <p>Quando eles têm amigos, são fiéis. [...] a família que apresenta o filho para a sociedade dá impressão que ele se desenvolve melhor, é isso aí, a gente fala assim, que o social não depende só da escola.</p>	<p>ajudar, mas nós sabemos que o entremeio das crianças eles ficam mais sozinhos [...]</p>	<p>outros alunos que não queriam, sabe? Então, isso aí era em todas as turmas, tinham alunos que tinham uma tendência a se aproximar mais e outros não, então a gente até tentava fazer um trabalho de inclusão mesmo, muitas vezes eu tinha que até que falar - Fulano vai ficar no grupo tal, tinha que impor, sabe? Mas é uma coisa assim, que eu digo, que vai ser gradual, entende?</p> <p>Está havendo uma mudança de visão, tá acontecendo, porque cada vez mais, tem mais alunos, né, com deficiência. Mas ainda é um trabalho longo, ainda é um trabalho que vai demandar um bom tempo para aceitação. Convive-se, mas não vou dizer que eu os trate da mesma maneira, não, e também tem a questão mesmo do autismo do aluno né, deles não conseguem se expressar, né.</p> <p>E eles mesmos acabam preferindo o isolamento. Para você ver, eu tinha uma dessas minhas alunas que ela fazia no intervalo, ela tinha uma colega que sempre queria ficar com ela, mas ela não queria ficar, ela tinha um negócio de auto,</p>
---	--	---	--

			<p>que a mãe dela falava que chamava, autorregularão. O que ela fazia, tipo assim, cada aluno autista é de uma maneira, ele age de uma maneira, por exemplo, essa aluna, aconteceu uma coisa que eu nunca tinha visto, ela no intervalo ela ficava dando volta, volta, volta na quadra, andando, andando, andando o tempo todo, mas segundo a mãe dela, era a maneira que ela tinha de se autorregular, como ela chamava, sabe? Então, ela precisava fazer isso. Então ela chega toda suada dentro da sala de aula, mas era o momento que ela tinha, era a maneira que ela tinha de extravasar, entendeu?</p> <p>Dela se autorregular, era isso que ela falou pra mim, mas ela fica andando o tempo todo no intervalo, pode deixar, é a maneira que ela tem de se autorregular. E, eles realmente gostam de ficar andando de um lado para o outro. O outro aluno que eu tinha também, ele andava bastante de um lado para o outro, de um lado para o outro, então eu acho que era a maneira que eles têm, sabe?</p> <p>Aceitavam, assim, ninguém</p>
--	--	--	--

			<p>questionava nada, deixavam ela a vontade e ela também à vontade. Eles não têm amigos, não, eles ficam muito no espaço deles, não, não tem, eles ficam muito internalizados naquele mundo deles e eles mesmo na verdade, talvez pelo fato de não conseguirem interagir tão bem né, ficam no mundo deles. Não dão muito espaço pra, pra amizades, assim, entende, pra estabelecer relações assim de amizade. Ficam no canto deles mesmo, respondem o que pergunta e é aí que eu digo, cada um tem um nível né, então, é muito relativo assim.</p>
--	--	--	---

14- Você observa que trabalhar esses temas com esse aluno/aluna é mais fácil ou difícil? Pode explicar?

Ricardo	Luiza	Ana	Bianca
<p>Reprodução e sexualidade eu acho difícil trabalhar com eles, porque nós como professores sempre generalizamos, nós queremos atingir a maioria com as mesmas palavras, com o mesmo jeito de trabalhar e se o aluno se recolhe e se retrai então a tendência é a gente não querer explorar esse assunto mais afundo com ele, pelo contrário os alunos se expõem, olha o que acontece quando...?</p>	<p>Relacionado à puberdade e adolescência é difícil, é difícil, porque a gente, vamos pensar em casa, né, com filho já é difícil, imagina com um aluno que você não conhece, a gente fala que não conhece, porque é tão pouco a relação intrapessoal [...] você tem que ter muito cuidado como você vai conversar, do jeito que você vai trabalhar com eles.</p>	<p>Não sei, porque trabalhar o tema em si, eu não vi nada de diferente, coisa assim, o que foi trabalhado foi o conteúdo. Você vai explicando, aluno vai aprendendo, perguntando, sobre o que você falou o aluno respondeu. Não teve problema nenhum, nada polêmico, também estava a professora da Educação Especial junto com eles, para responder, mas pra mim não teve nenhum problema.</p>	<p>Talvez seja até mais fácil, porque eles não perguntam muito, né. Eu acho que, eu acho que é.., tanta dificuldade, tem os dois lados, acho que é mais difícil talvez eles entenderem, até pelo fato deles, de eu perceber que eles têm esse interesse. Não sei. Isso em relação aos alunos que eu atendi, né, de verdade. Não sei te responder bem certo, te dizer isso.</p>

<p>Então, fica fácil pra gente, né, abordar o que ele quer saber e tirar as dúvidas e explicar melhor, mas geralmente quando a pessoa retrai, fica mais difícil, então eu acho difícil trabalhar esses temas com eles.</p>			
<p>15 - Você nota diferença de comportamento entre este/esta adolescente os demais?</p>			
<p>Ricardo</p>	<p>Luiza</p>	<p>Ana</p>	<p>Bianca</p>
<p>Eu acho, daquela forma, né, que eles sempre são mais retraídos, esses temas pouco expõem. Eu não conheço, não lembro de um aluno autista que conseguia falar ou perguntar sobre esse tema livremente ou perguntava depois sabe? Não lembro, sabe? Então acho que é difícil para eles também [...]</p>	<p>Sim, eles são muito sozinhos [...] se isso não for bem trabalhado lá no ensino básico, né, essa interação com os outros colegas, a interação com a sociedade, a família como ela desenvolve isso em casa, ali no meio social deles, conforme a realidade ali [...]. Conforme o aluno que a gente recebe a gente vê que ele é muito sozinho ele tá ali sempre, sempre isolado tem dificuldade até de conversar, porque conforme todo o contexto que ele veio né, então é muito complexo.</p>	<p>Não, ele vem para sala de aula para estudar, não vejo uma mudança de comportamento, a única questão é as perguntas quando você está explicando o conteúdo. Mas em si, ele em si, ele vai mostrar essa mudança nele, no seu interior, que vai ficar essa coisa, que não sei o que é certo, o que é errado. Tipo uma conexão com o que eu estou pensando com o que eu estou fazendo, como se fosse uma contradição da família, da casa, tudo, mas na sala de aula, no conteúdo em si, não, só no interior deles.</p>	<p>Ah... muita diferença, muita diferença, como eu já te falei, por exemplo, parece que eu percebo que eles não têm esse interesse, talvez pelo fato que eles ficarem no mundo deles e os outros não importam. Então, eu acho que eles são bem diferentes mesmo.</p>
<p>16 - Como é ser professora de um/uma adolescente autista?</p>			
<p>Ricardo</p>	<p>Luiza</p>	<p>Ana</p>	<p>Bianca</p>
<p>Infelizmente, nós levamos eles praticamente como alunos regulares e a gente não consegue dar atenção prioritariamente para eles, ou seja, dentro das necessidades que eles precisam, tanto é que quando tem um professor apoio eu acho muito mais fácil, porque o professor apoio, como ele que é mais íntimo do aluno, ele</p>	<p>[...] eu amo, eu me identifico, acho que tudo dá certo, né, pela faixa etária que eu trabalho, por essa questão da adolescência, enfim dá tudo certo, no meu caso sou muito feliz.</p>	<p>Tem que ter um jogo de cintura muito bom, você tem que saber contornar, porque se você chegar ali e achar que ele vai se comportar, então você tem que ter aquela calma para entender que aquela criança é diferente, do que você achar que é igual aos outros. Porque, para Solária, você tem que falar, agora você vai usar o caderno, você vai escrever, você vai copiar, você pega a</p>	<p>[...] é um desafio muito grande, porque cada aluno que eu atendo, eu tenho que aprender, porque assim todo conhecimento que eu adquiro, ele, ele ajuda, mas ele não é suficiente ou não é válido para aquela, pra aquele aluno, entende? Por exemplo, eu tenho que entender como eu vou trabalhar com ele</p>

<p>pode tirar esses bloqueios que assim estão, então a presença do professor apoio é fundamental. Mas eu digo que infelizmente, pelo fato de que eu não tenho preparo suficiente para poder trabalhar com eles, que eu com certeza gostaria, tanto com eles com autismo quanto com os outros tipos de especiais que a gente tem dentro da sala de aula. Então é um prazer tê-los, porque antes, vamos dizer, em certo momento, muitos alunos eram excluídos, ou seja, tinham escolas especiais, né, e não estavam dentro dessa que a gente chama de regular. A gente sabe que as escolas especiais são fundamentais, mas que esses alunos têm plenamente, devem ter, essa oportunidade, cada vez mais ampliada, né, para que eles possam, se conseguem, socializar, né, ou que nós consigamos, aprender a lidar melhor como eles dentro da escola, dentro da sociedade, onde for preciso.</p> <p>Eu procurei cursos dentro dos limites do Estado, o que ele oferece e que estivesse ao meu alcance, mas eu nunca vi assim, divulgação ou quando eu precisei de fazer alguns cursos se tinha algum</p>		<p>caneta? Aí ela pega, a não, pegar da bolsa? pegou o teu caderno? onde está? Você tem que ajudar, tem vez que não, tem vez que sim. Você, pelo menos, arrumou o material ali para ela na carteira e os outros estão todos esperando e você tem que fazer com que os outros fiquem quietos, você tem que ter controle, porque senão, tem que rodar a baiana dentro da sala de aula. Daí, você colocou em ordem. Agora a professora tem que explicar, vou pro quadro, começo a explicar a matéria se ela tem alguma pergunta ela levanta a mão, porque ela é educadíssima. Daí eu respondo, pergunto se tem mais alguma dúvida, e como ela gosta muito de ler, eu pergunto se ela quer ler, mostro pra ela a página do livro que estou trabalhando, ela vai lendo ali “tranquilinha”, a hora que você quisesse fazer pergunta, você poderia fazer porque ela já leu tudo. Mas, porque ela gosta de Ciências, né, mas nem tudo é assim.</p>	<p>essa demanda. [...] Eu gosto muito de trabalhar, hoje eu digo, depois da minha primeira experiência, se você fosse perguntar eu não gostava não. Quando eu comecei a trabalhar com autista, eu ia dizer pra você que não gostava, que não quero mais, hoje eu gosto, sabe e vejo realmente como algo desafiador. Eu acho que na hora de escolher lá, não tem problema nenhum, sem aquele receio de sabe, aí, é o que que vem pra mim, eu aceito tranquilamente.</p>
---	--	--	--

<p>curso de educação especial ou que pegasse alguns tipos especiais de alunos para que a gente pudesse compreender melhor aqueles temas. Então eu só vi esses temas dentro do próprio curso de educação especial, professor formado em educação especial, então pra mim eu acho falta, ou seja, nesse caso está deficitário nesse ponto. Porque todos nós trabalhamos com eles, eu falo dentro da escola, nós temos esses alunos lá e infelizmente a gente não tem bagagem suficiente para poder atender o mínimo possível, quem atende melhor aquele é aquele que foi atrás, aquele que teve uma experiência já ou às vezes é um professor que tem curso de educador especial, né, então, daí para ele talvez seja mais fácil.</p> <p>Eu lembro que todas as vezes que a gente tinha professor de apoio para os alunos, facilitou muito o nosso trabalho, só que ainda é naquela situação, se o professor apoio não corresponder contigo, como professor da disciplina, fica muito difícil a gente atingir a contento o aluno especial ou o aluno autista.</p>			
---	--	--	--

Fonte: As autoras (2021).

APÊNDICE G – Infográfico sobre Puberdade, Adolescência e Autismo



PUBERDADE, ADOLESCÊNCIA E O AUTISMO

Puberdade



A puberdade é a fase marcada por mudanças hormonais e físicas. Quando entramos nesta fase, pelos e espinhas começam a surgir e ocorre o crescimento em altura do corpo. Nas meninas, ocorre a primeira menstruação, o desenvolvimento dos seios e dos quadris. Nos meninos, ocorre a mudança da voz e o aparecimento de barba e bigode e o alargamento do tórax. Não há uma idade exata para estas mudanças começarem.

Adolescência

A adolescência começa por volta dos 10 e vai até os 19 anos (OMS)*. Esta é uma fase da vida em que muitas mudanças ocorrem. Não somos nem crianças, nem adultos. Os hormônios alteram nossos comportamentos e humor. Há busca de identidade e de independência. Os grupos de amigos passam a ter mais importância. Ocorrem o afastamento progressivos dos pais e conflitos culturais, religiosos e sociais.



*Organização Mundial de Saúde



Autismo

Transtorno do Espectro Autista - TEA

O Autismo pode ocorrer em qualquer criança. O adolescente com autismo não é diferente nos aspectos biológicos e também passa pela puberdade e adolescência.

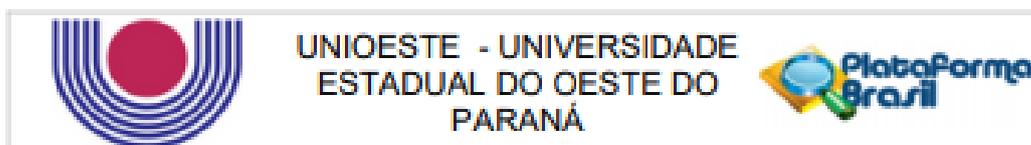
As pessoas com autismo também são chamadas de autistas e apresentam as seguintes características:

- Eles têm dificuldades de comunicação e linguagem, na interação social e no comportamento.
- Não gostam de barulhos altos.
- Fazem movimentos repetitivos quando precisam organizar os pensamentos.
- Tem interesses restritos, ou seja, gostam muito de algo, que pode ser um objeto, um assunto ou um conteúdo escolar.
- Gostam de se relacionar com outras pessoas.
- Às vezes, parecem ausentes e desinteressados mas, se convidados, podem interagir nas conversas, jogos e brincadeiras.

Mestranda: Fabiana Serbai
Orientadora: Elis M. T. P. Priotto



ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Puberdade na perspectiva de adolescentes autistas
Pesquisador: Elis Maria Teixeira Palma Priotto
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 39257220.4.0000.0107
Instituição Proponente: Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.374.544

Apresentação do Projeto:

o presente estudo tem como objetivo conhecer por meio da análise do discurso do sujeito coletivo como o adolescente autista percebe as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade na adolescência. Para tanto realizaremos uma pesquisa de finalidade básica de abordagem qualitativa, descritiva, com análise do discurso do sujeito coletivo de dois adolescentes autistas de ambos os gêneros, na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade e que estejam regularmente matriculados em escolas públicas de Foz do Iguaçu, serão entrevistados também um de seus responsáveis e seus professores de Ciências ou Biologia. O estudo será realizado com entrevistas semiestruturadas gravadas com cada participante. **Resultados:** Análise descritiva de como dois adolescentes autistas de diferentes gêneros, seus pais e professores percebem as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar por meio da análise do discurso do sujeito coletivo como o adolescente autista percebe enfrenta e/ou interpreta as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade na adolescência.

Objetivo Secundário: Compreender como estes adolescentes assimilam os conhecimentos sobre este tema e como relacionam ao seu próprio desenvolvimento. Verificar a percepção dos adolescentes autistas, seus responsáveis e professores sobre a puberdade e a adolescência. Identificar se há e quais são as orientações de professores e responsáveis sobre a fase da

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 2069

Bairro: UNIVERSITÁRIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br



Continuação do Parecer: 4.374.544

puberdade na adolescência em autistas. Elaborar um material educativo para consulta sobre adolescência em autistas para professores, responsáveis e demais interessados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Está adequada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um tema cada vez mais necessário uma vez que o número de alunos com diagnóstico de autismo aumenta a cada ano.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1577343.pdf	16/10/2020 11:29:00		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	14/10/2020 17:30:07	FABIANA SERBAI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisa_nao_iniciada.pdf	14/10/2020 17:28:46	FABIANA SERBAI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Puberdade_na_perspectiva_do_adolescente_autista.docx	14/10/2020 16:43:18	FABIANA SERBAI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_TCLE.doc	14/10/2020 16:36:06	FABIANA SERBAI	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.doc	14/10/2020 16:28:58	FABIANA SERBAI	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	14/10/2020 15:47:23	FABIANA SERBAI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_de_assentimento_TA.doc	14/10/2020 15:47:07	FABIANA SERBAI	Aceito

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br



UNIOESTE - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ



Continuação do Parecer: 4.374.544

Ausência	Termo_de_assentimento_TA.doc	14/10/2020 15:47:07	FABIANA SERBAI	Aceito
Orçamento	Orçamento.docx	14/10/2020 15:43:13	FABIANA SERBAI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_da_Instituicao_Coparticipante.pdf	30/09/2020 14:16:14	FABIANA SERBAI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCADEL, 02 de Novembro de 2020

Assinado por:
Dartel Ferrari de Lima
(Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069
Bairro: UNIVERSITARIO **CEP:** 85.819-110
UF: PR **Município:** CASCADEL
Telefone: (45)3220-3092 **E-mail:** cep.prrpg@unioeste.br

Página 03 de 03

ANEXO 2 – Termo de concordância do NRE para a unidade cedente

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED



ANEXO VI da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED

TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE

Senhor (a) Coordenador (a),

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu está de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Adolescência e puberdade na perspectiva de adolescentes com autismo, professores (as) e responsáveis", a ser realizada pela pesquisadora Fabiana Serbai, nas Unidades, Colégio Estadual _____, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Seres Humanos, da Unioeste.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão: Um responsável por cada aluno entrevistado (cuidador (a) que se responsabilize pelo estudante). Ao todo quatro responsáveis. Quatro estudantes com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, dois dos anos finais do ensino fundamental e dois do ensino médio. E com, um professor (a) de Ciências e um professor (a) de Biologia, um pedagogo (a) e um professor (a) PAEE. Ao todo quatro pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, bem como de que o presente trabalho deverá seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e o Decreto nº 7037, de 2009.

Da mesma forma, temos ciência que a pesquisadora somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unioeste.

Foz do Iguaçu, 26 de novembro de 2021.


Lidiane Cristina Scherlowski

Representante da CAA no NRE


Silvana Garcia André
Chefe do NRE

SILVANA GARCIA ANDRÉ
Chefe do NRE de Foz do Iguaçu
Decreto Nº 1437/2018
DOE 2305/2018

ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

1



CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: *Adolescência na perspectiva de adolescentes autistas*
Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” Nº

Pesquisador para contato: Fabiana Serpai

Telefone: (42) 99900-4606

Endereço de contato (Institucional): Av. Tarquínio José dos Santos, 1300. Foz do Iguaçu – PR.

Telefone: (45) 3576-8100

Convidamos (você e/ou seu filho) _____ a participar de uma pesquisa sobre “A adolescência e o adolescente autista”. Os objetivos estabelecidos são analisar como o adolescente autista percebe as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade e adolescência, conhecer como os adolescentes autistas enfrentam as mudanças decorrentes do desenvolvimento biológico, puberdade, compreender como estes adolescentes assimilam os conhecimentos sobre este tema e como relacionam ao seu próprio desenvolvimento e verificar a percepção dos adolescentes autistas, seus responsáveis e professores sobre a puberdade e a adolescência. O propósito desta pesquisa é compreender os adolescentes autistas na sua integralidade, como sujeitos biopsicossociais e culturais, contribuir para a produção de conhecimento acerca do autismo na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, sobre o ensino e aprendizagem, a sexualidade, entre outros temas relacionados a adolescência e puberdade e construir um material que possa servir de consulta a pais, professores e demais interessados no desenvolvido do sujeito com Transtorno do Espectro Autista. Para que isso ocorra (você e/ou seu filho) será submetido a entrevistas. Por se tratar de uma pesquisa que envolve entrevistas

gravadas você e/ou seu filho poderá se sentir desconfortável por estar sendo gravado ou poderá se sentir constrangido com as perguntas do questionário.

Se ocorrer algum transtorno, decorrente de sua participação (e/ou de seu filho) em qualquer etapa desta pesquisa, nós pesquisadores, providenciaremos acompanhamento e a assistência imediata, integral e gratuita. Havendo a ocorrência de danos, previstos ou não, mas decorrentes de sua participação nesta pesquisa, caberá a você, na forma da Lei, o direito de solicitar a respectiva indenização.

Também você (e/ou seu filho) poderá a qualquer momento desistir de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja deixar de participar da pesquisa e qualquer informação que tenha prestado será retirada do conjunto dos dados que serão utilizados na avaliação dos resultados.

Você não receberá e não pagará nenhum valor para participar deste estudo, no entanto, terá direito ao ressarcimento de despesas decorrentes de sua participação.

Nós pesquisadores garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação em todas as etapas da pesquisa e de futura publicação dos resultados. O seu nome (e/ou seu filho), endereço, voz e imagem nunca serão associados aos resultados desta pesquisa, exceto quando você desejar. Nesse caso, você deverá assinar um segundo termo, específico para essa autorização e que deverá ser apresentado separadamente deste.

As informações que você (e/ou seu filho) fornecerem serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, você será procurado para autorizar novamente o uso. No entanto, caso você não queira ser procurado para nova autorização, informe abaixo:

É necessário a minha autorização para que outros estudos utilizem as mesmas informações aqui fornecidas) sim
) não

Este documento que você vai assinar contém duas (02) páginas. Você deve ~~vistar~~ (rubricar) todas as páginas, exceto a última, onde você assinará com a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado

a você em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso você precise informar algum fato ou decorrente da sua participação na pesquisa e se sentir desconfortável em procurar o pesquisador, você poderá procurar pessoalmente o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h00 as 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, você pode entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br ou pelo telefone do CEP que é (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável

Assinatura

Eu, ~~Serhaj~~ *Fabiana Serhaj*, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (e/ou responsável).

Assinatura da pesquisadora

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 20____.

ANEXO 4 - Termo de Assentimento – TA



TERMO DE ASSENTIMENTO – TA (Crianças \geq 07 anos de idade)

Título do Projeto: A adolescência na perspectiva de adolescentes autistas de uma escola estadual do oeste paranaense.

Pesquisadoras Profa. Dra. Elis Palma Brito e Fabiana Serbaj

Pesquisadora para contato: Fabiana Serbaj

Telefone: (42) 99900-4606

Convidamos você a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de analisar como o adolescente autista percebe as mudanças físicas e comportamentais decorrentes da puberdade e adolescência, para isso você terá que responder algumas perguntas.

Para participar deste estudo, o seu responsável legal deverá autorizar a sua participação mediante a assinatura de um Termo de Consentimento. A não autorização do seu responsável legal invalidará este Termo de Assentimento e você não poderá participar do estudo.

Durante a execução do estudo, por se tratar de uma pesquisa que envolve entrevistas gravadas você poderá se sentir desconfortável por estar sendo gravado ou poderá se sentir constrangido com as perguntas do questionário. Contudo, esta pesquisa pode lhe trazer benefícios como a compreensão de como o adolescente autista percebe as mudanças físicas e comportamentais decorrente da puberdade e adolescência e servir de material de pesquisa para estudos futuros e para auxiliar a você, seus pais e professores sobre a fase de adolescência das pessoas com transtorno do espectro autista.

Para questionamentos, dúvidas ou relatos de acontecimentos os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento pelo telefone.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do projeto "A adolescência e o adolescente autista".

Nome do participante:

Assinatura:

Eu, Fabiana ~~Serba~~^{Serba}, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 20____.